

## **ESCALAS DE INCLUSÃO**

Habitar a cidade do Porto no limiar do Íntimo e do coletivo

### **SER ABRIGO**

# DECLARAÇÃO

Nome Alexandra Rocha Ribeiro

Endereço Electrónico alexandrarribeiro@hotmail.com

Número do Bilhete de Identidade 13394134

Título da Tese

## **Escalas de Inclusão**

Habitar a cidade do Porto no limiar do íntimo e do coletivo - Ser Abrigo

Orientador: Professor Doutor Francisco Manuel Gomes Costa Ferreira

Ano de Conclusão: 2016

Designação do Mestrado Arquitetura: Cultura Arquitetónica

Escola de Arquitetura

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE/TRABALHO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO,  
MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho,  
Assinatura:

## AGRADECIMENTOS

Ao meu irmão, Jaime

Ao meu orientador e amigo, Francisco

Aos meus amigos e companheiros, ao longo deste percurso e viagem:  
Mariri, Lulu, Paulinho, André, Rita, Andy, Teresinha, Sofia, Ju, Prazeres, Patrice, Pedro.

Capítulo \_1

1 2 3 4 5 6 7 8 9

Capítulo 0

10 11 12 13 14 15 16 17 18 19

Capítulo 1

20 21 22 23 24 25 26 27 28 29

Capítulo 2

30 31 32 33 34 35 36 37 38 39

Capítulo 3

40 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51

Capítulo 4

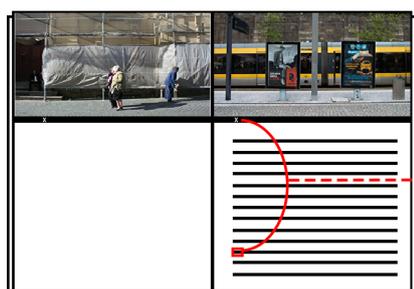
52 53 54 55 56 57 58 59

Capítulo 5

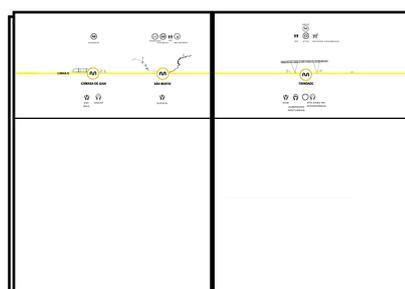
60 61 62 63 64 65 66 67 68 69

iv

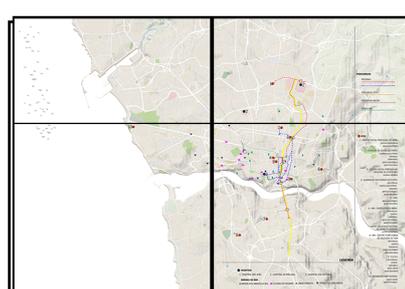
O livro consiste numa parte de imagem e numa parte de texto, conectados por um sistema de conexão com **esta aparência**



58



Imagens unidas verticalmente iniciam o capítulo



Este livro encontra-se dividido em duas partes, uma gráfica e outra de texto.

Na parte superior, fotografias, imagens e desenhos, justapostos e complementares à parte inferior (mas não menos importante), do texto.

Esta organização faz uso do mesmo método utilizado por Beatriz Colomina no livro Domesticity at War. Assim dividido, o livro permite ao leitor a possibilidade de estabelecer leituras diversas, quer das partes autónomas, quer da por nós referenciada (resumida no index), pontualmente conectada sempre que pertinente, ao longo do texto.

#### Capítulo -4

70 71 72 73 74 75 74 75 76 77 78 79

#### Capítulo -3

80 81 82 83 84 85 86 87 88 89 90 91 92 93 94 95

#### Capítulo -2

96 97 98 99 100 101 102 103 104 105 106 107 108 109 110 111

#### Capítulo -1

112 113 114 115 116 117 118 119 120 121 122 123 124 125

#### Capítulo \_0\_

126 127 128 129

#### Capítulo +1

130 131 132 133

## RESUMO

v

O seguinte trabalho é uma reflexão prática sobre o problema dos sem-abrigo. Partindo de uma inquietação pessoal, reunimos um conjunto de informação relativa ao habitar considerado limiar, à margem da sociedade e da cidade, sobre o qual é entendida uma aproximação à intimidade do sem-abrigo no contexto de coletividade. A investigação é realizada no Porto, com maior incidência na baixa portuense onde os sem-abrigo centralizam as suas dinâmicas.

**Escalas de Inclusão** resulta num projeto para a inclusão dos sem-abrigo na cidade, por escalas, ferramentas de arquitetura, que representam os mecanismos de mediação entre o sem-abrigo e a cidade e, a estratégia de inclusão social. Abrigos dissimulados no contexto do mobiliário urbano interpretam novas dinâmicas, relações e ambiências, a partir do olhar e uso específicos do sem-abrigo. A inclusão do sem-abrigo na cidade é abordada num processo faseado, e cumulativo, segundo cinco escalas: a escala da (id)entidade, a escala da (i)mobilidade, a escala da (des)vinculação, a escala da (in)visibilidade e, como síntese, a escala humana.

A escala **1:10000** é a escala da (ID)entidade, e reflete sobre a presença humana no território urbano. A cidade é reinterpretada à escala de uma casa, no conjunto dos serviços e equipamentos de carácter social integrados numa rede solidária, sintetizados numa mapa de orientação: um guia de sobrevivência.

A escala **1:1000** é a escala da (i)Mobilidade, e propõe uma nova dinâmica urbana, contrariando a ociosidade. É feita a associação do abrigo aos sistemas de mobilidade urbanos, focando o Metro do Porto, onde o abrigo é implantado e, a partir do qual, o sem-abrigo integra a rede de mobilidade no acesso aos serviços sociais existentes por toda a cidade.

A escala **1:100** é a escala da (des)Vinculação, a escala da implantação do abrigo, representam-se possíveis inclusões do dispositivo no contexto público, sugerindo novas relações entre o sem-abrigo e o lugar e as pessoas em geral.

A escala **1:10** é a escala da (IN)visibilidade, a escala do pormenor, representativa dos desenhos de pormenor do abrigo mínimo, o processo construtivo e as especificações materiais que o definem.

Por fim, a escala **1:1**, reconhece este habitar à luz de uma identidade restituída, com um abrigo mínimo, novos vínculos com a infraestruturas urbanas e sociais, incluído nos sistemas de mobilidade urbanos, define uma nova rede social, cujo gerente e coordenador é o próprio. O sem-abrigo está incluído/ao abrigo da cidade. É um Ser Abrigo.

21	112	83	111	61	99	28
----	-----	----	-----	----	----	----

10:1

52	34	44
----	----	----

100:1

17	43	51
----	----	----

1000:1

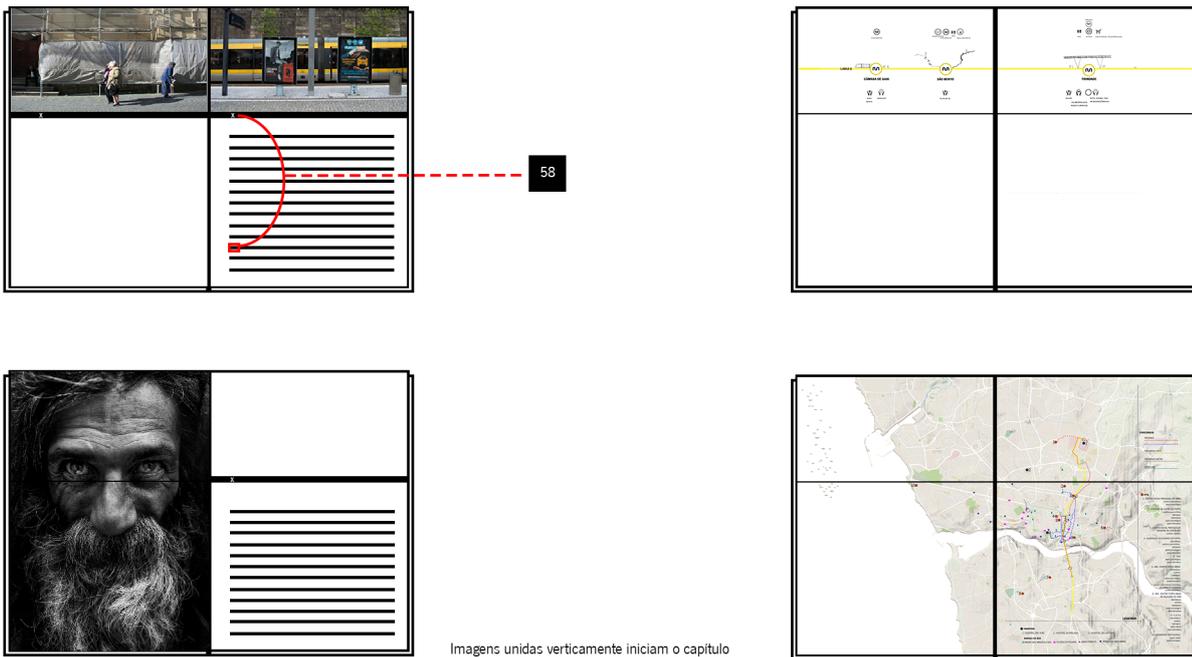
71	8	18	66	67
----	---	----	----	----

SEM ESCALA

75	81	97	113	127
----	----	----	-----	-----

vii

The book consists of an image part and a text part, which are connected by a linking system that looks like this.



This book is divided into two parts, one graphic and one textual. In the upper part, photographs, images and drawings, juxtaposed and complementary to the lower (but not less important) part of the text.

This organization understands of the same method used by Beatriz Colomina in the book Domesticity at War. Thus divided, the book allows the reader the possibility of establishing different readings, either of the autonomous parts, or of the referenced ones (summarized in the index), punctually connected whenever pertinent, throughout the text.

1:10000

49 84 90 92 53 21

1:1000

14 28 41

1:100

23 34 36 38 33 45 42 55

1:10

19 32 26 46 12

1:1

73 61 134

vii

## ABSTRACT

The following work is a practical deliberation on the problem of homelessness. From a personal concern, it was gathered a set of information relating to inhabiting on the verge, in the margins of society and the city, which is proposed an approach to the homeless intimacy in the community context. The research was carried out in Porto, with higher incidence in downtown, where the homeless' dynamics are regular.

**Scales of Inclusion** results in a project for inclusion of homeless in the city, by architectural scales, architecture tools, that represent the mechanisms of mediation between the homeless and the city, and the social inclusion strategy. Dissimulated minimal shelters integrate new dynamics, relationships and ambiencies, throw the eye and the homeless appropriation. The process of inclusion is studied at five steps, at five scales, specifically: the scale of (id)entity, the scale of (i)mobility, the scale of (un)vinculation, the scale of the (in)visibility and, in resume, the scale of human inclusion.

The **1: 10000** scale is the scale of (id)entity, and reflects on the human presence in the urban territory. The city is reinterpreted at the scale of a house, in all the services and social equipment integrated into a solidarity network, synthesized in an orientation map: a survival guide.

The **1: 1000** scale is the scale of (i)mobility, and proposes a new urban dynamic opposed to inactivity. In this approach the shelter is associated with the mobility urban systems, in the context of Metro do Porto, where is located, and throw it, the homeless is included in the mobility network that connects all the social services dispersed in the city.

The **1: 100** scale is the scale of (un)vinculation, the scale of the shelter implantation, and are represented various inclusions of this installation in the public arena, suggesting new relationships between the homeless, the place, and with people in general.

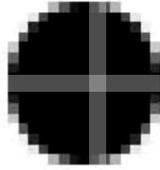
The **1:10** scale is the scale of the (in)visibility, the detail scale, representative of the detailed plans of the minimal shelter, the construction process and materials specifications that defines it.

Finally, the **1: 1** scale, recognizes the habitat in the light of a restored identity, possible with a minimal shelter, new links with urban and social infrastructure, the connection within an urban mobility systems, that all defines a new social network, whose manager and coordinator is the homeless himself. The homeless is included/sheltered in the city. He returns as a Being Shelter.



	_2. Resumo	
	_2.1 Abstract	
	O Pé Descalço _1. Prólogo.....	3
1   1	Escalas de Inclusão 0 Introdução.....	11
10   1	Ser (sem) abrigo .1. Tema e Problemática.....	21
100   1	Sob o viaduto Gonçalo Cristóvão .2. Enquadramento .....	31
1000   1	Na cidade do Porto .3. Contexto.....	41
10000   1	Habitar no limiar do íntimo e do coletivo .4. Metodologia.....	53
SEM ESCALA	Estratégia de Inclusão .5. Objetivos .....	61
1:10000	Rede e Território <b>-4</b> Escala da (ID)entidade .....	71
1:1000	Sistema e Fragmento <b>-3</b> Escala da (I) mobilidade .....	81
1:100	Implantação <b>-2</b> Escala da (des)Vinculação .....	97
1:10	Materialidade e Estrutura <b>-1</b> Escala da (IN)Visibilidade .....	113
1:1.	Ser Abrigo <b>0</b> Conclusão .....	129
	<b>+1</b> Epílogo .....	133
	Bibliografia.....	135





*“CADA UM DE NÓS, COMO HOMEM, É INTEIRAMENTE EXCECIONAL, E TODAS AS COISAS QUE EXISTEM NO MUNDO DEVIAM SER EXCEÇÕES APLICADAS A ESSES SERES EXCECIONAIS. SIMPLEMENTE AS CONDIÇÕES DA SOCIEDADE EM QUE VIVEMOS, OBRIGA TODOS NÓS, LENTAMENTE, NOS INDO PARECENDO UNS COM OS OUTROS. É PORTANTO NECESSÁRIO VERMOS A IDEIA DO FUTURO NÃO COMO MUITA GENTE A VÊ (COMO UMA COISA IMPOSSÍVEL DE SE REALIZAR), MAS SOBRETUDO, COMO UMA COISA POSSIBILÍSSIMA DE SER ULTRAPASSADA DE TAL MANEIRA, QUE NÓS NEM A PUDÉSSEMOS ENTENDER!”*

*()*

*QUANDO ALGUMA COISA É ALGUMA COISA, DEIXA LOGO DE SER AS OUTRAS TODAS, E ISSO É UMA PENA. O QUE É PRECISO É SER TUDO AO MESMO TEMPO.”*

AGOSTINHO DA SILVA, CONVERSAS VADIAS



2 ↓ 2

2 ↑ 2

Darwing de Págan:  
menção honrosa no World  
Press Cartoon 2012  
Revista Cais

PAGAN



## \_1. Prólogo

Julgo que, andar descalço, nessa ação de tocar com o pé diretamente na Terra, representa para os seres-vivos, uma relação de unidade e humildade para com a natureza. No limite do corpo o pé pousa, toca e apoia-se no chão, unindo-se pontual e temporariamente à terra e ao território, como que prolongamento dela própria.

No início do século XX era comum andar-se descalço em Portugal. As pessoas andavam descalças ou descalçadas do único par de sapatos que tinham para se deslocar à cidade ou à vila, à igreja ou para tirar a fotografia de família. Em todo o caso, o calçado era um bem, poupado de usofurtivo, usado quando inquirido. Com o passar do tempo, a imposição do uso de calçado repercutiria negativamente contra liberdade de andar descalço, passando desde então, a sua ausência, a estar conotada à pobreza.

O calçado, à semelhança do vestuário e da habitação, permitiram ao homem uma evolução mais confortável ao longo da sua existência, ajudando-o a ultrapassar limites, permitindo-lhe alcançar lugares mais distantes e ao mesmo tempo, criar relações de ambiência com o mundo. Estar em constante movimento requisita pés saudáveis e corpo são, mesmo que distanciados de motivo natural que da ausência de contacto com a natureza pode advir.

### **O Pé Descalço**

*Uma vergonha nacional que urge extinguir.<sup>1</sup>*

Foi há precisamente oitenta e dois anos que a Liga Portuguesa de Profilaxia Social iniciou uma campanha contra o “mau hábito do pé descalço”. Era comum no Porto, Lisboa e Coimbra andar-se descalço na rua, contra qualquer sensibilização dos problemas de saúde e higiene que dessa prática advinham. Por todo o país circulavam *nos periódicos e nas gazetas, na rádio e nas ruas*, campanhas de sensibilização promovidas pela L.P.P.S., salientando: *o indecoroso, inestético e anti-higiénico hábito do pé descalço, como tão vergonhoso costume.*

Nas ruas acumulava-se o vidro e o lixo, os fumos dos escapes e a azáfama da cidade. A relutância ao *pé descalço*, reagia a todos estes impulsos nefastos à saúde, cujas mortes desnecessárias queriam ser evitadas, mas não só;



4

Partida: Linhas De Paragem

4

Em Maio de 1928 era anunciado “*por determinação do Ex.mo Sr. Governador Civil, será proibido o trânsito na cidade com os pés descalços (...). Todo aquele que anda descalço, inferioriza-se perante a sociedade. (...) O pé descalço pousa sobre os escarros, os excrementos e toda a espécie de imundices lançadas para a rua. Só por ignorância ou incompreensível má vontade, poderá alguém teimar em manter um hábito tão nocivo, anti-higiénico e anti-económico, (...) pondo em causa o sobrecarregamento dos hospitais com doentes escusados, que os estrangeiros que nos visitem nos julguem mal e que os nacionais cultos e esclarecidos se revoltam com tanta incúria (...) para um problema de educação e dignidade em contexto público. Ninguém venha tomar partido pela pobreza e miséria destes teimosos (...).*”

O Pé Descalço, uma vergonha nacional que urge extinguir, p.23



## 5 Pontos De Movimento

5

imperava um orgulho ferido da imagem que os turistas levariam de Portugal marcada “por estes traços de um país atrasado e pobre”. Nos hospitais acumulam-se pessoas com tétano, pés e pernas eram amputados, entre outros ferimentos que do caminhar desprotegido advinham, enquanto isso o Porto deixara de ser um lugar rural, de estradas de terra batida e trabalho de campo, emergindo em dinâmicas cada vez mais aceleradas entre pessoas e serviços, de carros e mercadorias.

O problema dizia-se, *não estar relacionado com a pobreza*, mas de uma *insistência caprichosa, audaciosa ignorância e teimosia inconsciente de uma população que não tem encontrado quem paciente e abnegadamente se entregue a educa-la<sup>2</sup>*. Uma questão de educação, absorvia o problema a um nível para além da autenticidade com que a prática sempre foi entendida, natural, em detrimento de todos os perigos e consequências prejudiciais à saúde adjacentes. Como estratégia de educação, a população de um país viu-se obrigada a utilizar sapatos em contexto público, emergindo uma nova conduta social marcada por ameaças de multa e acusações à dignidade individual, as pessoas eram obrigadas a calçarem (os) sapatos, muitas vezes pendurados às costas.

No início do passado século, a pobreza em Portugal era uma realidade. O país vivia em regime de ditadura e a assistência social pública era apenas praticada pelas ordens religiosas, incentivando-se a caridade em mensagens de apoio aos mais desfavorecidos, durante as missas e liturgias.

Entre a pobreza e o desmazelo, a história regista a opressão daqueles que divergem dos interesses coletivos, em função de uma ordem e estabilidade social, de uma imagem urbana e bem-estar coletivos. Entre uma questão individual - de conduta e higiene - e coletiva - cultural, social e identitária, urge perante os seus cidadãos uma cidade e um país, impondo-lhes valores e princípios de referência internacional; entre a realidade vivida e a vaidade estrangeira, o calçado representa(va) *um dos atributos da civilização actual e dá a medida do respeito que o cidadão tem por si e pelos outros*.



6

Perspetivas interiores

6

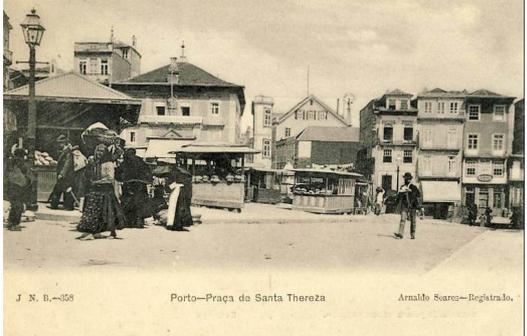


Imagem 1:  
Postais do Porto,  
do início do século XX



7

Chegada: Estação de São Bento

7

No final dos anos 50, a problemática do *pé descalço* fazia parte do passado. O Porto tornava-se uma cidade de referência e a identidade cultural, social, coletiva e individual, estava restituída. O país afirma-se na Europa e nos anos posteriores, findado o regime ditatorial, os portugueses encontram espaço para construírem a sua própria liberdade. Aqueles que andavam descalços, outrora coagidos pelo sistema, aceitaram as vantagens do uso do calçado e não mais o tiraram, em público. Os sapatos baixavam de preço, tornando-se mais acessíveis e essenciais ao homem moderno.

Hoje, ninguém anda descalço no Porto ou no resto do país. As cidades contemporâneas deparam-se atualmente com uma incúria maior: indivíduos de pés calçados e corpo vestido, não têm razões para tirar os sapatos, porque a rua é a sua casa. Hoje, encontramos espaço e tempo para uma nova campanha, contra *o indecoroso, inestético e anti-higiênico hábito* de dormir na rua: *Uma vergonha nacional que urge extinguir!*

Atualmente, é difícil percorrer as ruas de qualquer cidade sem interagir com pessoas a viver no limiar da pobreza e da dignidade. Atualmente, é difícil percorrer a Baixa do Porto e não ser abordado por um sem-abrigo ou sem deixar de reparar nos seus dormitórios de objetos amontoados, escondidos e dispersos nos espaços mais protetores da cidade. Sob o viaduto Gonçalo Cristóvão, localizado no centro da Baixa portuense, acompanhamos as variadas apropriações, acumulações e inclusões de abrigos improvisados na estrutura desta infraestrutura urbana, questionando o seu usuário, a viabilidade e durabilidade do refúgio, a localização específica e as relações de ambiência entre os sem-abrigo e a população em geral.

À terminologia de sem-abrigo recorreremos ao longo do trabalho para referenciar este indivíduo específico, sendo este o termo mais utilizado pelas ciências sociais, e aquele que melhor é aceite pela sociedade.

Em todo o mundo, milhares de pessoas perderam/perdem o direito ao espaço, a possuir um lugar, geográfico, identitário e social (uma casa ou apenas um abrigo noturno para proteger o corpo e os seus objetos pessoais), um trabalho distante da caridade alheia e uma participação social ativa acente na confiança de uma vida melhor. Para estes, mais do que uma condição, um problema financeiro repercutido nas relações estabelecidas com a sociedade e a cidade, ainda sem resposta concreta e objetiva.



8

Azulejos da Capela de Santa Catarina

1000:1

8

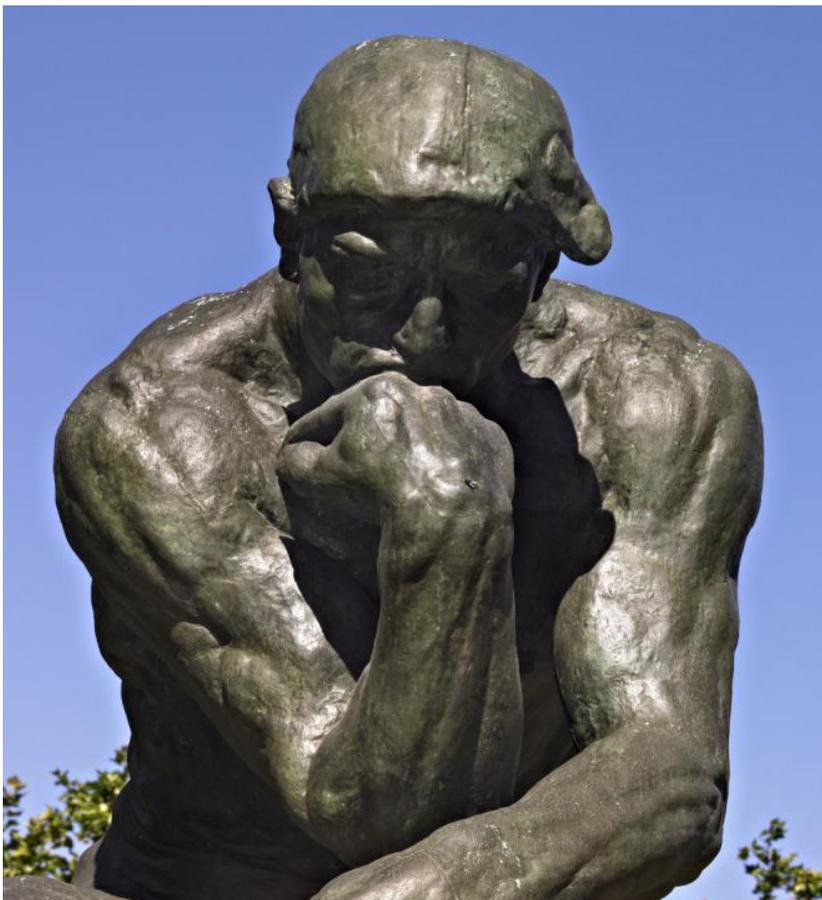


Imagem 2: Le Penseur, Auguste Rodin

Referências bibliográficas:

1. O Pé Descalço, é um livro que reúne artigos, notícias e opiniões, registadas por jornais portugueses, relativos à problemática do pé descalço, desde 1928 até 1954.
2. L.P.P.S., O Pé Descalço, uma vergonha nacional que urge extinguir, p.6



9

A paragem

9

Estudante de arquitetura, uma responsabilidade social emerge perante esta condição de ausência – de habitação primeira -, alegando para este projeto, valores e princípios coletivos e urbanos de cidadania e acessibilidade. A questão do abrigo, a responsabilidade social da arquitetura, encontra neste projeto de investigação espaço, para reunir os variados intervenientes e agentes que intervêm diretamente com as questões da ausência, e tempo para validar esta forma de estar nas cidades, devidamente contida e protegida, ao encontro de uma perspetiva alternativa na medida do mínimo e igualitário, acessível, fácil de construir, prático, e ajustado às necessidades das pessoas que vivem em pobreza extrema e dormem nas ruas dos núcleos urbanos.

Natural de uma pequena vila, as visitas à cidade do Porto foram desde cedo marcadas pela presença constante de pessoas sem abrigos a pernoitar ao relento, em becos, interstícios no edificado, sob estruturas de pontes, viadutos, andaimes, entre outros espaços e estruturas que públicas, socialmente partilhadas e aceites. Por uma questão de proximidade, é sobre a cidade do Porto que este trabalho instiga o reflexo da realidade portuguesa, procurando reunir um conjunto de informação transversal a outros contextos e situações.

Este trabalho propõe assim uma viagem ao mundo da pobreza e da discriminação, ao encontro do habitar no limiar do íntimo e do coletivo, uma paragem no universo dos sem-abrigo do Porto, de uma realidade tão próxima quanto distante. *Entre a pobreza e o desmazelo*, projetamos um futuro “revisitado” na história, nos seus valores e princípios, sociais e urbanos para a vida e a sociedade. *Entre uma questão individual* - por vezes até poética - e *coletiva* - pragmática e responsável; este trabalho estuda a possibilidade de inclusão dos sem-abrigo nas cidades contemporâneas; entre a a pobreza extrema e o alheamento alheio, o abrigo ou a casa, representa pois um dos atributos da civilização atual e dá *a medida do respeito* entre a sociedade e os seus indivíduos.

Reconhecendo a complexidade e multidimensionalidade do problema dos sem-abrigo, é realizada uma viagem ao universo da pobreza extrema, fundamental para a construção de um olhar específico e uma perspetiva renovada face a esta condição (de vida ou existência), que vulnerabiliza e condiciona milhões de pessoas em todo o mundo a uma vida ativa e participada em sociedade.



10 ↓<sup>10</sup>

10 ↑<sup>10</sup>

Retrato de um sem-abrigo  
por Lee Jeffries



11

Indagando sobre o tamanho relativo das coisas no universo

11

## INTRODUÇÃO

**Escalas de Inclusão** é um trabalho de investigação que estuda o “fenómeno-problema-condição” de exclusão dos sem-abrigo - pessoas que dormem nas ruas, devido a uma situação de pobreza extrema - propondo uma abordagem transversal ao problema de abrigo/de espaço, estudado a diferentes escalas - temporais, espaciais e relacionais - questionando diversos intervenientes para a prevenção do problema, acima social, urbano, cultural e identitário, existente nos núcleos urbanos mais desenvolvidos e populosos **21**.

**Escalas**, de arquitetura propõem uma perspetiva alternativa perante esta forma de habitar específica, considerado à margem ou limiar - derivado de limite, entre um início e um fim -, enquadrando diferentes situações e práticas, marcas dos sem-abrigo nos núcleos urbanos, projetando cenários de uma realidade, tão próxima quanto distante, possível de ser reconvertida e alterada, no objetivo de contribuir para a melhoria das condições de vida dos sem-abrigo, questionando o espaço, o lugar, os sistemas e as redes, privadas e coletivas, sociais e urbanas para a inclusão desta existência.

A condição de ausência (*-sem*) é abordada a diferentes escalas, a partir de um olhar específico direcionado ao indivíduo (que *é/está* sem abrigo), à cidade (que alberga este habitar limiar, e à sociedade, questionando os seus valores. No limiar, isto é, entre o íntimo e o coletivo: entre o céu e o inferno, o dia e a noite, a arquitetura e a cidade, a técnica e a arte, entre o interior e o exterior, no limite, entre a vida e a morte, procuramos estabelecer concordância teórica e prática entre estas dicotomias presentes no discurso sobre este dilema, considerado até então redundante na abordagem praticada, na medida que não tem vindo a diminuir o número de sem-abrigo a viver nos núcleos urbanos, de tal modo que este estudo vai ao encontro de uma proposta/estratégia/projeto, urbano e social, relativamente simples, prático e fácil de materializar.

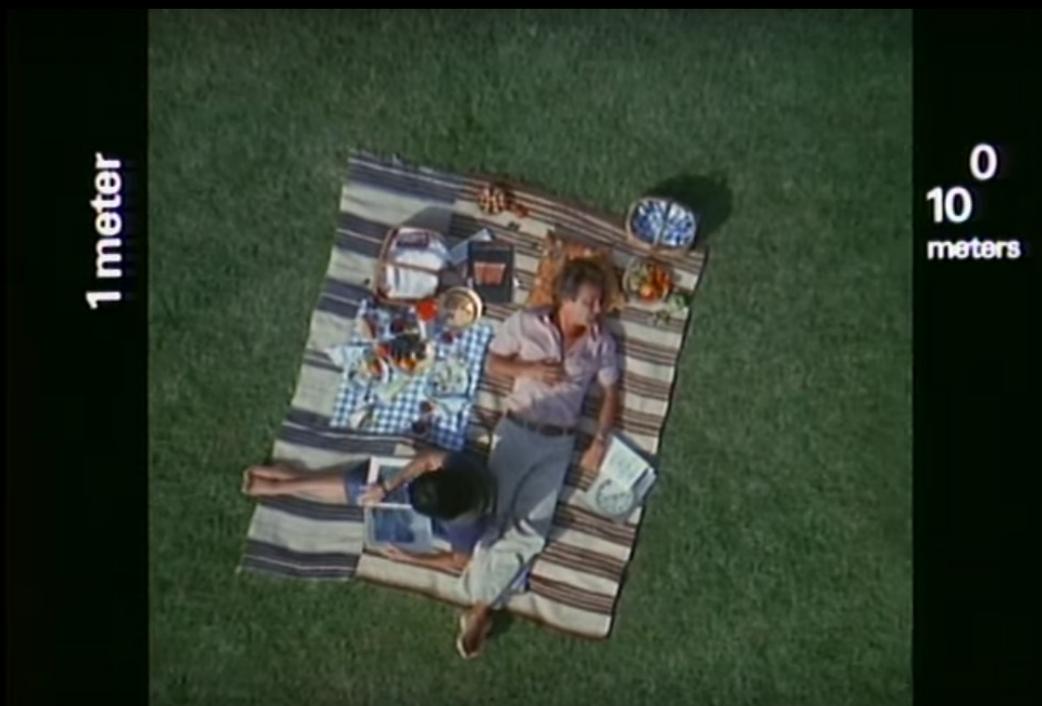
E a **inclusão**, entendida na aceitação, da diferença, entre a indiferença e a prevenção humana. A arquitetura como ponte para a inclusão social é a proposta para este trabalho teórico-prático, propondo uma estratégia-projeto de inclusão dos sem-abrigo na cidade e, conseqüentemente, na sociedade. Trabalho final de curso, é um resultado de um longo percurso, movido pela responsabilidade, enquanto arquitecta, e da arquitectura ela própria, mediando e propondo soluções espaciais para a inclusão da diferença no mapa político da agenda social; sobre o papel social da arquitectura: um manifesto social, inclusivo e sensível aos problemas sociais contemporâneos, através “do meio (mecanismo) mais simples de articular o tempo e espaço para modelar a realidade, para fazer sonhar”<sup>0</sup>.



12 Passagem interdita

1:10

12



*"The picnic near the lakeside in Chicago was the start of a lazy afternoon early one October. It begins with a scene one meter wide which we view from just one meter away. Now every ten seconds we will look from ten times farther away and our field of view will be ten times wider."*



**112** Nesta viagem ao universo da pobreza, fomos à boleia de Charles e Ray Eames, indagando sobre o tamanho relativo das coisas no universo.

O documentário *Powers of Ten* realizado pelo casal Eames, também ele percorreu o caminho de Kees Boeke, do livro *Cosmic View: The Universe in Forty Jumps de 1957*, concretizando uma primeira versão cinematográfica em 1968, e posteriormente em 1977, o modelo final do qual nos servimos como base estrutural e metodológica na definição da estratégia deste projeto de investigação. Sobre o tamanho relativo e a presença do homem no mundo, intercedem escalas de magnitude, comparando grandezas e distâncias relativas entre os elementos no universo, onde o indivíduo assume a figura central e relacional.<sup>1</sup>

Um homem genérico, um homem no mundo, uma experiência visual sobre o território ilimitado é retratada, entre a macroescala do universo sideral e a microescala do universo biológico. Num piquenique [ver imagem 3] um casal é enquadrado e sujeito a aproximações e afastamentos, segundo um lugar, um tempo, uma escala, espacial, de arquitetura: uma inclusão no espaço, um habitar específico ou simplesmente a relação entre o homem e o espaço, o espaço que o homem ocupa no mundo.

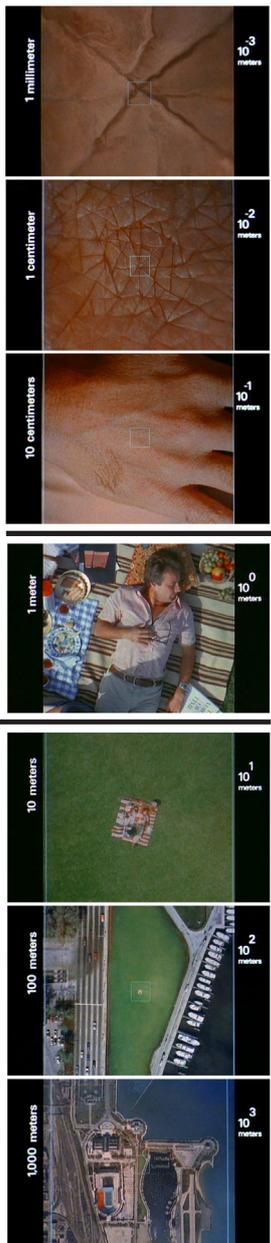
Um homem genérico, um vagamundo (do comum vagabundo, proveniente do latim *vagari* e *mundo*), experimenta um território ilimitado entre a sociedade que o exclui e a cidade que o acolhe, sem limites que o definam e contenham. A existência de pessoas a pernoitar nas ruas dos núcleos urbanos é uma realidade que se tem vindo a intensificar ao longo dos anos, um reflexo da cultura de uma época à qual pertencemos. Atualmente, o número ultrapassa os 100 milhões em todo o mundo<sup>2</sup>, ainda que envolto em estratégias de prevenção e integração (pré e pós), os sem-abrigo são uma realidade dos centros urbanos, demarcando as diferenças sociais entre os indivíduos.

Sobre a presença de sem-abrigo nas cidades contemporâneas, fazemos uma reflexão crítica ao longo deste estudo no sentido de propor uma estratégia para a inclusão desta existência em sociedade, através da validação das suas dinâmicas urbanas. Junto dos sem-abrigo, foram identificadas um conjunto de vulnerabilidades múltiplas, que definem a exclusão social [p.22].



14

O conjunto de imagens traduzidos em Powers of Ten, centra-se na figura humana para de seguida nos transportar aos limites do universo. A cada 10 segundos uma imagem 10 vezes menor, em direção ao espaço sideral, onde pára, para regressar à Terra e entrar na mão do homem, até ao universo microscópico, infinitamente pequeno. No limite dos dois universos extremos, o caos, o vazio e o átomo, a singularidade constituinte da matéria, a partir do qual as moléculas, as células, os organismos, os seres humanos, a natureza, os planetas e as estrelas. Somos pois este grande conjunto de matéria organizada, as formas do mundo visível e invisível, medi(a)dos entre o caos e o silêncio, o tudo e o nada.



O sociólogo Arnold Van Gennep entende existir em todas as sociedade, ritos de passagem, ou fases da vida que marcam a transição dos indivíduos de um status para outro. Sobre esta tese define três fases transversais a qualquer sociedade e indivíduo: a **separação** ou estado pré-limiar, marcado pelo momento de separação simbólica entre o indivíduo e um lugar existencial na estrutura social; a **transição ou estado limiar** que compreende uma perda de status social, isto é, o indivíduo é comparado simbolicamente a um “outsider”, sem estatuto definido ou função, está à margem da sociedade enquanto se prepara para assumir um novo papel, compreendido pela **incorporação** ou estado pós-limiar, marcado pela adoção de um novo estatuto social e inclusão na sociedade.<sup>3</sup>

Imagem 4: Seis Powers of Ten



## 15 Marcas do Habitar

15

Passagem, transição e paragem - 83 , 111 , 61 - são os temas abordados neste trabalho para definir a inclusão do sem-abrigo no contexto urbano e social, associada à viagem, no vagar de Guy Debord ao movimento contínuo do pensamento situacionista, na concretização do espaço em constante redefinição, e com ele o próprio indivíduo, em constante redefinição identitária. À luz deste conhecimento, parámos para com relativa paz abordar o problema, longe da fatalidade com que o mesmo é constantemente referenciado. A exclusão enquadra não apenas como uma condição de existência irreversível, mas uma condição humana transversal, *possibilíssima de ser ultrapassada de tal maneira, que nós nem a pudéssemos entender*<sup>4</sup>, aceitando a possibilidade de qualquer ser humano se poder encontrar na condição de “ser sem-abrigo” e, de sair dela. Sobre a ausência de abrigo/lugar, de vínculos estáveis e de afiliação segura, é proposta uma perspetiva alternativa à caridade, faseada ainda que complementar no sentido da subversão destas vulnerabilidades, juntos das ferramentas da arquitetura, sejam elas catalisadoras da intratégia de inclusão.

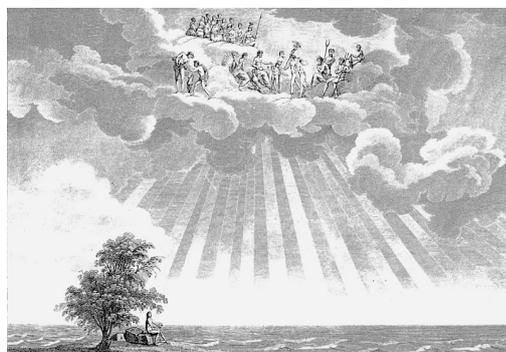
Deste modo, o trabalho organiza-se em três momentos: a primeira parte - a separação - apresenta a investigação e a análise, focando o sem-abrigo no habitat que o identifica - a rua. Reconhecendo na condição de ausência (sem-), as diferenças de um estilo de vida e forma de estar na cidade, praticado à margem dos padrões socialmente aceites, que determinam a exclusão social. A ausência é o tema da primeira parte deste livro, tecendo considerações sobre as vulnerabilidades individuais, os lugares apropriados para dormir, o espaço público transformado em espaço privado, num contexto tão específico - no Porto - quanto genérico - sob um/o viaduto Gonçalo Cristóvão - , onde dormem sem-abrigos há vários anos consecutivos, permitindo assim identificar as dinâmicas individuais e coletivas que eternizam este habitar no limiar da sobrevivência. Os conteúdos da primeira parte, encontram-se organizados em cada capítulo perante a uma perspetiva social apreendida ao longo da análise da condição existencial, para posteriormente ser enquadrada em função da analogia transposta ao espaço, na sua relação com o habitar e a arquitetura, a questão do espaço, mínimo e acolhedor. A metodologia antecede a estratégia, momento de paragem e de reflexão, entre a análise e a proposta de arquitetura para a inclusão na cidade, resume a segunda parte do trabalho escrito. Por fim, a terceira parte do trabalho, debate-se sobre as vulnerabilidades humanas, urbanas e sociais sobre as quais intercede o projeto de inclusão, mediado por escalas de arquitetura, respetivamente a escala 1:10000, 1:1000, 1:100, 1:10 e 1:1, de

16 Reduto da Exclusão - Barreiras Íntimas

16

*O direito de cada pessoa a um nível de vida condigno está consignado na Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) (Artº 25, nº 1) onde se inclui entre outros, o direito à habitação. Este mesmo direito é reforçado no Pacto Internacional sobre os Direitos Económicos, Sociais e Culturais (1966) (artigos 2º, 3º, 11º), que obriga todos os Estados Signatários a adotarem medidas no sentido da plena realização de todos os direitos, nomeadamente o direito de vida condigno, voltando a ser referida a habitação como um destes direitos.<sup>6</sup>*

Imagem 5:  
L'abri du Pauvre de  
Claude Nicolas Ledoux



Um homem encontra abrigo sob a única árvore existente numa ilha deserta; nu, de mãos vazias, contempla os céus, onde os deuses reunidos não lhe prestam qualquer atenção.

Imagem 6:  
Frame retirado do filme  
Viver à Margem



Imagem 7:  
Diógenes de Sinope, Turquia  
(o filósofo sem-abrigo)

Ao longo deste estudo, um olhar específico foi contruindo consolidar ideia de inclusão, não apenas social mas fundamentalmente urbana, apoiado por referências não apenas da disciplina, mas também da sociologia, filosofia, biologia e a física, passando pela literatura, o cinema e a fotografia.



volta ao sem-abrigo então incluído num abrigo mínimo à escala das suas necessidades, inserido no contexto dinâmico da cidade e associado aos sistemas urbanos de mobilidade e de apoio social. Os conteúdos da terceira parte, encontram-se organizados mediante uma abordagem faseada, por escalas, tecendo considerações particulares sobre as diretrizes possíveis para a inclusão do sem-abrigo na cidade e na sociedade.

O projeto de arquitetura desenvolve uma proposta prática direcionada ao habitar mínimo, o abrigo, a unidade, um dispositivo de apropriação, modular, híbrido de uso diferenciado entre o interior (de abrigo do corpo) e o exterior (revestido de funcionalidades e serviços públicos). Esta pele, diferencia e aproxima duas esferas opostas; entre o íntimo e o coletivo, entre o interior e o exterior, entre a rua o passeio, entre a cidade e a sociedade, abrigos de emergência inserem-se em contexto de transição urbana, localizados estrategicamente nas paragens de metro do Porto e dissimulados à imagem do mobiliário urbano. <sup>99</sup> O abrigo não é uma casa, a casa assume a escala a cidade, do espaço urbano e do território, perante um abrigo, conector e contentor, intimamente relacionado com os serviços sociais e coletivos, até então distantes dos lugares onde os sem-abrigo fixam as suas dinâmicas, agora praticáveis a partir do do metro, o corredor desta casa que é cidade. No final, um mapa guia e orienta o sem-abrigo em função da satisfação das necessidades básicas, de segurança, sociais, e de estima, dando liberdade a cada indivíduo de se auto-realizar, renovar e reinventar.

A cidade do Porto, caso de estudo, assume a transversalidade de um contexto genérico e comum a outros núcleos urbanos. Foi no Porto onde surgiu esta inquietação, e é ao Porto que voltamos anos depois para repensar sobre a situação, dotados então de conhecimento e ferramentas capazes de propor pontos de vista, respostas e alternativas face ao problema que se tem agravado com o tempo. Atualmente, aproximadamente 200 pessoas dormem nas ruas do Porto, número superado apenas por Lisboa no contexto português.

Em síntese, procuramos com este trabalho renovar a perspetiva face aos sem-abrigo. Nas palavras de Girolamo Grammatico, membro da FEANTSA<sup>5</sup>, *a resposta a esta questão tem de passar pela forma como o problema é comunicado, pela linguagem utilizada, uma vez que a definição de sem-abrigo não reflete o comportamento da pessoa, em detrimento define a pessoa numa identidade que lhe é atribuída*: o sem-abrigo faz parte de um grupo que não escolheu



*Também a Constituição Portuguesa (1976) preconiza o direito à habitação (artigo 65º, nº 1):*

*“Todos têm direito, para si e para a sua família, a uma habitação de dimensão adequada, em condições de higiene e conforto e que preserve a intimidade pessoal e a privacidade familiar”.*

*Por outro lado, a segunda parte da Carta Social Europeia (1961), no artigo 31º, obriga os Estados a promover o acesso à habitação, segundo um critério adequado, para evitar e reduzir o número de pessoas sem-abrigo, com a perspectiva da sua erradicação gradual, e tornar o preço da habitação acessível a pessoas com poucos recursos.<sup>7</sup>*

#### Referências Bibliográficas:

0. Arquitectura: “É o meio mais simples de articular o tempo e o espaço para modelar a realidade, para fazer sonhar. Não se trata apenas de articulação e modelação plástica, expressão de uma beleza passageira. Mas de uma modelação influenciadora, que se inscreve na eterna curva do desejo humano e do progresso na realização dos desejos. A arquitectura de amanhã será o modo com o qual modificar as concepções atuais de tempo e espaço. Será um meio de conhecimento e um meio de ação.”: Chtcheglov, I., *Formulaire pour un Urbanism Nouveau* 1953, publicado em *International Situationnist*, nº1.

1. KIRKHAM P., Charles and Ray Eames Designers of the Twentieth Century, MIT Press, 1995, p. 358

2. [homelessworldcup.org/homelessness-statistics](http://homelessworldcup.org/homelessness-statistics), consultado em 27 de março de 2016

3. Segundo Van Gennep, Ritos de Passagem são o conjunto de práticas que marcam acontecimentos e são celebrados em comunidade. Formalidades de interação social que visam a valorização de competências individuais ou coletivas e a passagem hierárquica a um novo “estado” WILLET, J., *Liminality and disability: Rites of passage and community in Hypermodern society*, consultado em [dsq-sds.org/article/view/300/349](http://dsq-sds.org/article/view/300/349), a 18 de março de 2015

4. Nas palavras de Agostinho da Silva, em referência à citação inicial deste livro.

5. Girolamo Grammatico é responsável por uma comunidade sem-abrigo - Emmaus di Zagarolo em Espanha. GRAMMATICO, G., *Homeless in Europe - Looks Can Be Deceiving: Perceptions of Homelessness - People Putting it into Words: From Talking Social to Doing Social*

6. Estratégia Nacional para a Integração de Pessoas Sem-Abrigo – Prevenção Intervenção e Acompanhamento, consultado em [www.sicad.pt/BK/Intervencao/ReinsercaoMais/Documentos%20Partilhados/EN\\_IntegPessoasSemAbrigo.pdf](http://www.sicad.pt/BK/Intervencao/ReinsercaoMais/Documentos%20Partilhados/EN_IntegPessoasSemAbrigo.pdf), p.4, a 16 de Outubro de 2015.

7. Op. Cit.

8. Nas palavras do sociólogo Douglas Kellner, a identidade era “uma função de papéis sociais predefinidos e sanções religiosas que posicionam o indivíduo no mundo, limitando o reino do comportamento e do pensamento”, a perspectiva identitária, cuja definição, “outrora vinculada à geografia, religião, família e atividade agrícola, a identidade individual assumida como obra de Deus (e por isso irrevogável), não contemplava o indivíduo como reflexo do seu trabalho ou talento”: cit. in. BARBOSA, P., *Negociar identidades no espaço virtual*, Porto, 2012, p.8

ALBERGUES NOCTURNOS DO PÔRTO  
ESMOLAS  
O VOSSO AUXÍLIO É PRECIOSO

HELP NEEDED

19

pertencer mas que foi forçado a integrar, dificultando a possibilidade de sair dele pois as suas interações com os serviços sociais e a sociedade civil são à priori restritivas. E nesse sentido, não ter, torna-se uma forma de ser, de estar no mundo, de ser e de estar perante os olhos do mundo. Atualmente, nas sociedades ocidentais desenvolvidas, é frequente o uso de termos como *self-made man* e a crença de que cada pessoa é responsável pelas suas próprias condições de vida – é dele, *do self*, que depende ser rico ou pobre, realizado ou infeliz, ajustado ou alienado. Os elementos que outrora definiam o conceito de identidade, de autodefinição das sociedades tradicionais entraram em desuso e deram lugar a outros, *mais individualizados e instáveis, como o consumo de bens e serviços, símbolos de poder social nas sociedades modernas*.<sup>8</sup>

Neste enquadramento social, os sem-abrigo são entendidos como um grupo, de pessoas enclausuradas nas reais possibilidades de virem a ser algo de diferente; são sem-abrigo, ponto. No limite, este trabalho procura uma resposta a um problema social, de restituição de uma identidade marginalizada, primeiro nas palavras e depois no espaço, no sentido da redução das distâncias e diferenças entre todo este universo. Uma questão de perspectiva, acreditamos, em função da anulação das fragilidades, anater o valor individual da vida em sociedade; uma questão de identidade traduzida no habitar, possível de incorporar as diretrizes urbanísticas.

A existência de pessoas a viver à margem da sociedade **28**, parece ter ironicamente conquistado um lugar de complacência no imaginário coletivo e na imagem das cidades, certeza com a qual partimos para este trabalho: os sem-abrigo existem e são uma realidade, uma vulnerabilidade da condição humana e do homem contemporâneo, uma situação combinada de pobreza extrema de último grau, que inferioriza qualquer cidade e sociedade, na ausência de respostas concretas para o problema primeiro de lugar. Este é um ponto de partida essencial para olharmos para o problema dos sem-abrigo: um nómada que habita o espaço público, frequentemente olhado como o responsável pela sua condição e, como tal, não obtém a devida ajuda sobre este fenómeno de culpabilização do qual não pode escapar.

Ser Abrigo, é o resultado de uma investigação e projeção teórico-prática ao encontro da dissolução deste problema na cidade, a partir da sua aceitação/prevenção - validação/restituição identitária, em suma: sobre inclusão.



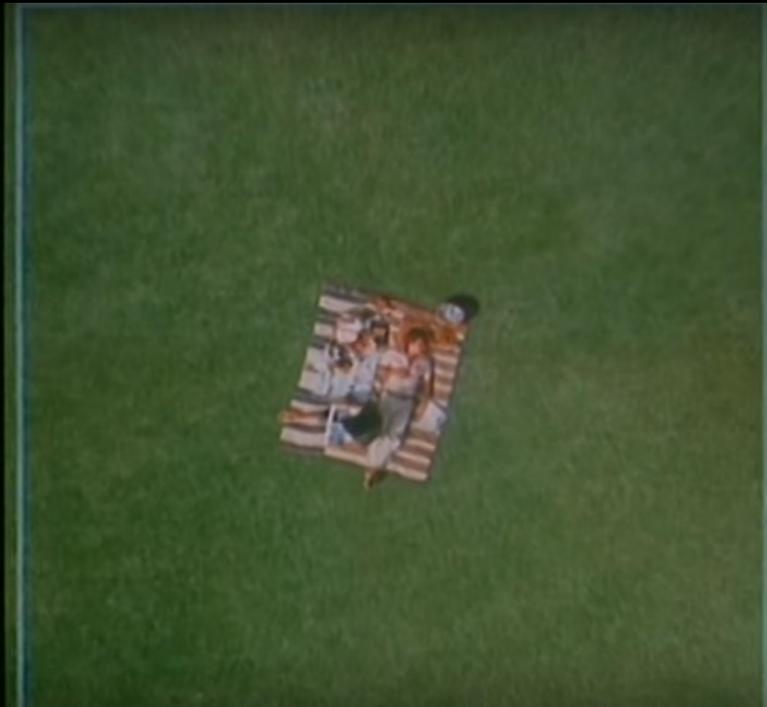
20

↓112

Olhar de frente

20

10 meters



1  
10  
meters

*"This square is ten meters wide and in ten seconds the next square will be ten times as wide. Our picture will centre on the picnickers even after they've been lost to sight."*



0

1:10000

21

1ª Lei de Newton ou Princípio da Inércia: “Se um corpo está em repouso ele irá permanecer nesse estado até que uma força externa seja aplicada neste corpo”

21

*Por que é que não somos todos vagabundos? Será que aprendemos uma norma social de comportamento sedentária? Quando olhamos para um sem-abrigo, não estaremos a ver aquilo que recalcamos, um duplo nosso, mas invertido?*

António Bento e Elias Barreto, Sem-Amor Sem-Abrigo, p.70

## SER (SEM) ABRIGO .1. TEMA E PROBLEMÁTICA

Quem é o sem-abrigo?

A quem nos dirigimos e para quem se destina este estudo?

Estranhamente inquietante. Nos últimos anos, passamos a olhar os sem-abrigo com relativa incredulidade e incompreensão; o tradicional pedinte tem agora rosto de adolescente, de jovem adulto, de idoso, de mulher, de estrangeiro, de doente... Por detrás destas pessoas, comuns, estão histórias de vida tão específicas quanto vulgares, contadas por rostos envergonhados junto de cobertores cedidos e recordações guardadas. Sem-casa, sem-lugar, sem-dinheiro, sem-objetivos, sem-amor, entre tantas outras ausências que condicionam estas pessoas a viver na rua, à margem de uma participação ativa em sociedade, dizemos que são sem-abrigo. Os sem-abrigo e sobre o chão pousam, não o pé mas todo um corpo “descalçado”, desprotegido e dependente, dando corpo a um grupo de pessoas excluídas socialmente e territorialmente, sob a forma de pobreza extrema [p.24]. Neste conflito - social, urbano, cultural e identitário - a problemática emerge nas ruas das cidades mais cosmopolitas, nos núcleos dos centros urbanos, manifestando as diferenças no acesso a recursos e igualdade de oportunidades entre os indivíduos.

### 52 **Condição humana - o sem-abrigo**

É a partir da noção de habitação/abrigo e ausência que a condição de sem-abrigo ganha valor. A casa, enquanto espaço próprio e íntimo, *é o lugar da proteção e do conforto*<sup>9</sup>; para abrigo ou reduto da intimidade, protegendo das intempéries na mesma medida que permite ao seu usuário viver em relativa tranquilidade e equilíbrio (emocional e físico). A casa é o lugar do descanso, da família, e da sobrevivência, enquanto espaço limitado do exterior e de tudo o que é *estranho ou desconhecido*. No interior de quatro paredes, *o homem é*.



22 Objetos De Conforto - Matéria Da Intimidade

22

Conceito de Exclusão Social - definição

3. Exclusão Social :  
 A exclusão social remete para o estado final de um processo que pode começar na pobreza e que se caracteriza pela rutura com os três principais sistemas de suporte social:  
 - o mercado de trabalho, de habitação, de habitação;  
 - o Estado – Segurança Social, pensões não contributivas;  
 - a família enquanto sistema de apoio social e económico.

4. A estas ruturas é de acrescentar:  
 - a ausência de redes sociais estáveis que tenham ligação com os sistemas anteriores; | - a ausência de recursos materiais para manter um nível de consumo aceitável, de acordo com os padrões da sua classe social; | - a dependência dos serviços sociais para se manter.

5. O sem-abrigo nas ciências sociais :  
 A definição de sem-abrigo, abrange um espectro de situações que têm em comum a falta de meios geralmente relacionadas com a falta de trabalho e de recursos, derivado da pobreza extrema, e a rutura dos laços comunitários, que ajudam a consolidar um lugar, ou a aceder a um alojamento pessoal adequado, mesmo que provisório.  
 Em termos jurídicos, o sem-abrigo é a pessoa que não possui o direito legal à habitação; sem um código postal e uma morada, a pessoa é sem-abrigo.

6. Para a FEANTSA, o termo sem-abrigo reúne várias situações:  
 - aqueles que vivem na rua | - aqueles que ocupam legal ou ilegalmente, casas abandonadas, barracas, etc; | - aqueles que se encontram alojados em refúgios ou centros de acolhimento; | - aqueles que vivem em pensões, camaratas ou outros refúgios privados; | aqueles que vivem com amigos ou familiares, com os quais podem ver-se forçados a coabitar; | - aqueles que residem em instituições, estabelecimentos de cuidados infantis, hospitais, prisões e hospitais psiquiátricos, e que não têm domicílio ao sair destas instituições; | - aqueles que possuem uma casa que não podem considerar adequada ou socialmente aceitável.

7. ENIPSA , define o sem-abrigo como:  
 “A pessoa que, independentemente da sua nacionalidade, idade, sexo, condição socioeconómica e condição de saúde física e mental se encontra: Sem teto, a viver no espaço público, alojada em abrigo de emergência ou com paradeiro em local precário; ou Sem casa, a viver em alojamento temporário destinado para o efeito.”

8. Rendimento Social de Inserção :  
 O rendimento social de inserção encontra-se atualmente fixado em 178,15 €, para um prazo de 12 meses, contados a partir do dia seguinte àquele em que é assinado o contrato de inserção.

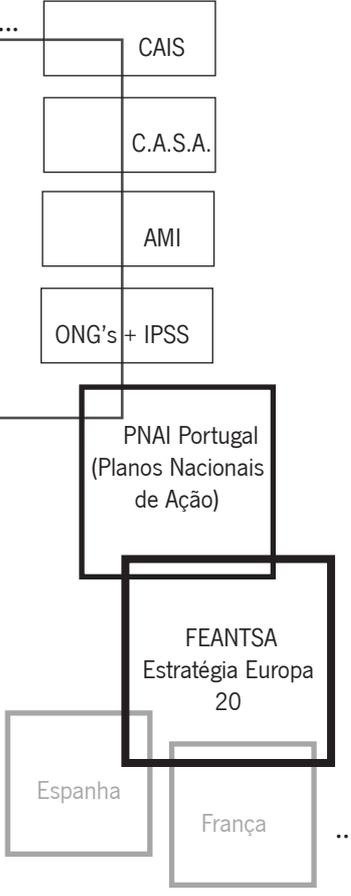


Imagem 9: Esquema das relações entre as estruturas de apoio ao sem-abrigo - Do programa Europa 20 às instituições e organizações locais.



23

O direito à habitação [p.16] faz parte dos Direitos Humanos Fundamentais, assim como da Constituição da República Portuguesa [p.18], no entanto, cada vez mais pessoas em todo o mundo e também em Portugal, pernoitam nas ruas ao relento, por períodos de tempo indeterminado, algumas horas, dias, semanas, meses, por vezes anos, na ausência de tipologias de abrigo à escala das suas possibilidades económicas. Muitos sem-abrigo recebem o Fundo Social de Emergência, num valor mínimo de aproximadamente 178€ (p.22 - ponto 8), montante desajustado dos valores do mercado da habitação, assim como no acesso a bens essenciais, alimentação, produtos de higiene, vestuário adequado... No apoio direto aos sem-abrigo, IPSS's e ONG's (ver imagem 9), as instituições de solidariedade disponibilizam diversos apoios e serviços, como cantinas, balneários, centros formativos, apoio psicológico, e dormitórios, ainda que em menor número e sempre lotados, com fila de espera, ainda que, muitos sem-abrigo optem por uma vida distante de regras e horários, dado o desfasamento para com as políticas coletivas e as formas de habitar praticadas nos centros urbanos. É nas grandes cidades que existem este tipo de apoios direcionados à pobreza, na medida em também na metrópole que mais sem-abrigo procuram refúgio, dissimulação e uma nova vida.

Ainda assim, não ter uma casa ou um espaço próprio para o resguardo e descanso, estabelece um corte com a realidade "normal". A intimidade é exposta na rua, no lugar do público, na ausência de limites entre a o corpo e tudo o que lhe é exterior, desconhecido, ainda que relativamente presente na vanguarda, se assim lhe podemos chamar, deste movimento contracorrente. Ausente o valor imaterial da casa, a casa confere estabilidade, na mesma medida que é também um reflexo de uma construção social da identidade individual; é o lugar da intimidade ou, da individualidade, entenda-se, pois, que é a partir do interior da casa que a noção de liberdade ganha valor pois no nosso entender, é dentro dos limites casa que o homem se manifesta na sua essência: na intimidade, o ser íntimo e verdadeiro, liberto de tudo o que o condiciona para alguém de si mesmo. Ter uma casa, um lugar para parar, repousar e no seguinte recomeçar, é imprescindível para viver em sociedade, na medida do valor que dá ao homem, perante si próprio e os seus semelhantes.

Na rua vê-mos sem-abrigo. José, Paolo, João, três sem-abrigo no Porto [p.24], dormiam nas ruas, sob viadutos ou no interior de ruínas de edifícios devolutos. **A ausência de uma habitação** questiona a identidade individual, daquele



24 Validade Indeterminável - Abrigo Descartável

24

O sem-abrigo nas ciências sociais:

Segundo a definição inglesa veiculada no TheHousingAct (1985):

- uma pessoa é sem-abrigo se não possui o direito legal ou se encontra impedida de ocupar uma casa de forma segura ou com razoável conforto (cit. in Munoz e Vasquez, 1998)

O psicólogo Leanne Rivlin, descreve os sem-abrigo em função do tempo de permanência na rua e grau de vulnerabilidade, distinguindo quatro formas e graus de sem-abrigo:

- crónico, associado ao alcoolismo e à toxicodependência, mantendo uma rede de contactos sociais ou com pessoas na mesma situação;
- periódico, que tem casa mas pode dormir periodicamente em albergues ou na rua, entre os quais trabalhadores migrantes que partem à procura de trabalho sazonal ou mulheres que sofreram violência doméstica;
- temporário, que está numa situação de sem abrigo devido a uma situação inesperada, mas a sua capacidade para ter e manter uma casa, mantém-se estável (situação motivada, por exemplo, por um desastre natural, desemprego súbito, doença grave, ou uma mudança de comunidade) ;

David Snow e Leon Anderson (1993) diferenciam três “tipos” de sem abrigo:

- recém chegados à rua;
- institucionalmente adaptados, caracterizados pela sua adaptação ao meio através da ajuda institucional fornecida pelas instituições de solidariedade de apoio direto;
- “outsiders”, que se distinguem dos restantes devido às suas características sedentárias.

Pereirinha (2005) identifica dois tipos de sem-tecto: Os sem-tecto crónicos, com muitos anos de rua, há muito despojados de regras e de sonhos, com grande debilidade física e mental, a viverem na rua e sem quaisquer mecanismos de assistência médica. E os novos sem-tecto, pessoas que se encontram há pouco tempo na rua por múltiplas perdas (profissionais, familiares, individuais) e necessitam de um mecanismo de mediação, que lhes permita reconstruírem o seu projeto de vida.

*- José, de 45 anos, natural da Maia, habitava na praça da República onde estacionava automóveis durante o dia, resultado de uma desavença amorosa, previa ser sem-abrigo até que a namorada o recolhesse.*



*- Paolo, de 54 anos, pernoitava numa reentrância da fachada da Estação de São Bento. Espanhol, natural de Madrid e tinha recém-chegado do Porto; da cidade não conhecia nada e na estação permanecia aguardando a ronda noturna. Paolo não tinha documentos e apresentava-se debilitado fisicamente, derivado das longas viagens que tinha até então realizado até chegar ao Porto.*



*- João, de 62 anos, natural de Oliveira de Azeméis, dormia e trabalhava sob o viaduto Gonçalo Cristóvão, estava institucionalizado na rede de solidariedade e recorria aos serviços de apoio social diariamente: cantinas comunitárias, balneários coletivos, recebendo o fundo social de emergência.*

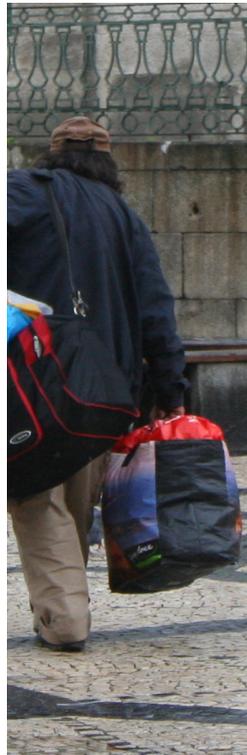


Imagem 10: José, Paolo e João (zoom in)

Lionel Thelen (2004) refere que uma pessoa sem-abrigo pode ser considerada sem-abrigo de longa duração assim que esteja completamente adaptada às condições de vida que são específicas ao seu meio, a rua, querendo rua significar, genericamente, todos os espaços frequentados pelos sem-abrigo, sejam eles ruas, praças, cozinhas sociais, dormitórios, abrigos de dia, etc.



## 25 Vestígios Da Apropriação - Alimentos No Viaduto Gonçalo Cristovão

25

que até então era o José, o Paolo e o João, e é então o/um sem-abrigo. Ausente o valor imaterial da casa, instabilidade e invisibilidade são duas contingências da pobreza, questionando a identidade individual e a própria sanidade daquele que reflete em contexto público um conjunto de carências várias e mesmo assim é desconsiderado e desacreditado e invisível, dissolvendo-se a sua presença no quotidiano das cidades, na sua paisagem urbana. Da qual, os sem-abrigo, fazem parte **34** .

*“I experience myself in the city, and the city exists through my embodied experience. The city and my body supplement and define each other. I dwell in the city and the city dwells in me.”*

Pallasmaa, J., *The Eyes of the Skin: Architecture and the Senses*, The body in the center, p.40

Ter uma casa, ou um lugar estável, seguro e confortável, é também um símbolo de pertença, perante o próprio e a uma comunidade, representando um estatuto social, um espaço específico. A casa, mais do que um local, é um prolongamento da identidade pessoal. Cada um de nós, que tem um tecto para habitar, *é uma casa*, tanto quanto *tem uma*.

### **Condição social individual - ser (sem) brigo**

*“Los sin techo representan a los perdedores, a los otros, a las minorias. Su presencia es molesta, ya que están excluidos del consumo, y por ello considerados extraños. Representan, visivelmente, no solo un temible fracasso personal, sino sobre todo, el fracasso de los diversos proyectos sociales del Estado.”*

MONTANER, J., *Arquitectura y Política*, p. 188

Nas palavras de Josep Maria Montaner, “os sem-abrigo representam os perdedores que de certa forma perderam o direito à intimidade e à vida privada, manifestando o maior grau de marginalização que pode acontecer numa cidade, no seio de sociedades estruturadas pelo sistema capitalista”<sup>3</sup>. Esta destituição identitária deve-se à conotação depreciativa socialmente assimilada; de que os sem-abrigo representam as minorias, os incapacitados e menos aptos. Segundo Bento e Barreto, sociólogos que trabalham diretamente com a população sem-abrigo, *a situação de sem-*



Para alertar para esta facticidade, a questão da invisibilidade está presente em várias intervenções e manifestos, desde arquitectos a designers, no sentido de alertar para as vulnerabilidades dos sem-abrigo e para o seu não esquecimento. Em jeito de performance, estes artistas transporta-nos para o universo da discriminação muitas vezes associada ao desperdício. Entre as inúmeras propostas existentes refere-se a importância dos materiais de proteção utilizados na relação com a escala do corpo humano, no sentido de precaver das ameaças externas ao mesmo tempo que podem ser adaptados a vários espaços.

Imagem 11: ParaSites, Michael Rakowitz.

À imagem das tendas de campismo convencionais, o abrigo autónomo resulta num casulo insuflável junto de condutas de AC.

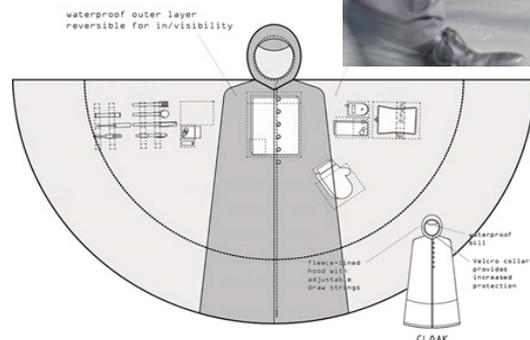


Imagem 12:

Left Out, Maxwell Rushton. A escultura de um indivíduo envolto em saco de lixo, percorreu Londres, alertando para a alienação social perante esta problemática.

Imagem 13:

Magic Cloack, Spatial Information Design Lab. O casaco multifuncional à prova de água, é também uma capa, casaco, cama e almofada, equipado com dispositivos de controlo de saúde e múltiplos bolsos utilitários para o dia-a-dia dos sem-abrigo de Nova Iorque.

De uma forma geral, estes projetos, dialogam com a questão da dignidade humana, ocultando e protegendo o corpo, na mesma medida visam conferir visibilidade e dimensão ao problema. Todas estas iniciativas, foram projetadas com recurso a materiais descartáveis com tempo de vida limitado, no sentido de não prolongar a situação mas, de a precaver temporariamente. Uma crítica, protesto, e manifesto aos direitos humanos e às fragilidades humanas expostas, na ausência de respostas mais objetivas.



*abrigo é um acumular de vulnerabilidades múltiplas*, diretamente relacionada com a ausência de habitação, de vínculos estáveis e de afiliação, de tal modo que, “verificando-se a ausência destes três pilares essenciais à vida em sociedade, a pessoa é sem-abrigo”<sup>4</sup>. As conversas com os sem-abrigo do Porto, permitiram contextualizar a problemática, assim como associa-la a rostos e nomes. José, Paolo e João, foram alguns dos sem-abrigo com os quais conversamos e que, com relativa pertinência, foram tecendo as principais premissas na abordagem ao problema, centrando-o na condição humana transversal marcada por vulnerabilidades múltiplas, que converge na **destituição da identidade individual, exclusão social e física** e constante **exposição da vida privada** em contexto público.

Vulnerabilidades ou ausências - **SEM** - valor da ausência

Todos os sem-abrigo com quem conversamos no Porto, não eram portuenses de origem, estavam desempregados e viviam na rua por tempo indeterminado. José, Paolo e Pedro, sintetizam não apenas vulnerabilidades transversais a muitos outros sem-abrigo, como também representam genericamente aqueles que vivem em pobreza extrema. Na rua, isolados, desmotivados e quase segregados pelos objetos do seu quotidiano doméstico, entre a ambiguidade de quem anda com quem anda com a casa às costas, e a dissimulação física na morfologia urbana.

A geografia social, que distingue a vida pública da vida privada, é ineficaz do caso dos sem-abrigo. A identidade pessoal, um equilíbrio entre o terreno pessoal e o impessoal, encontra-se entre as dimensões públicas e privadas da nossa vida. Ao sem-abrigo não é possível colocar-se num plano privado. Se a vida é, como a viu o sociólogo Erving Goffman, uma enorme peça de teatro, o sem-abrigo não pode, como os outros concidadãos, aceder às áreas de bastidores. Tudo é palco e interação social. Não se podendo furtar ao olhar alheio, o sem-abrigo está num ato performativo constante; quanto muito, a sua performance passa por ter que dissimular as suas condições de vida, mas não deixa nunca de estar num estado de alerta constante que afeta, inclusivamente, a sua saúde mental. O sem-abrigo torna-se, à custa da ausência de habitação própria, um indivíduo numa complexa encruzilhada: se, por um lado, a sua vida se desenrola aos olhos de todos quanto passam pela rua, por outro lado, à custa do seu isolamento, desvinculação e desafiliação, os seus problemas e necessidades parecem ser invisíveis ao olho comum. Por outras palavras, torna

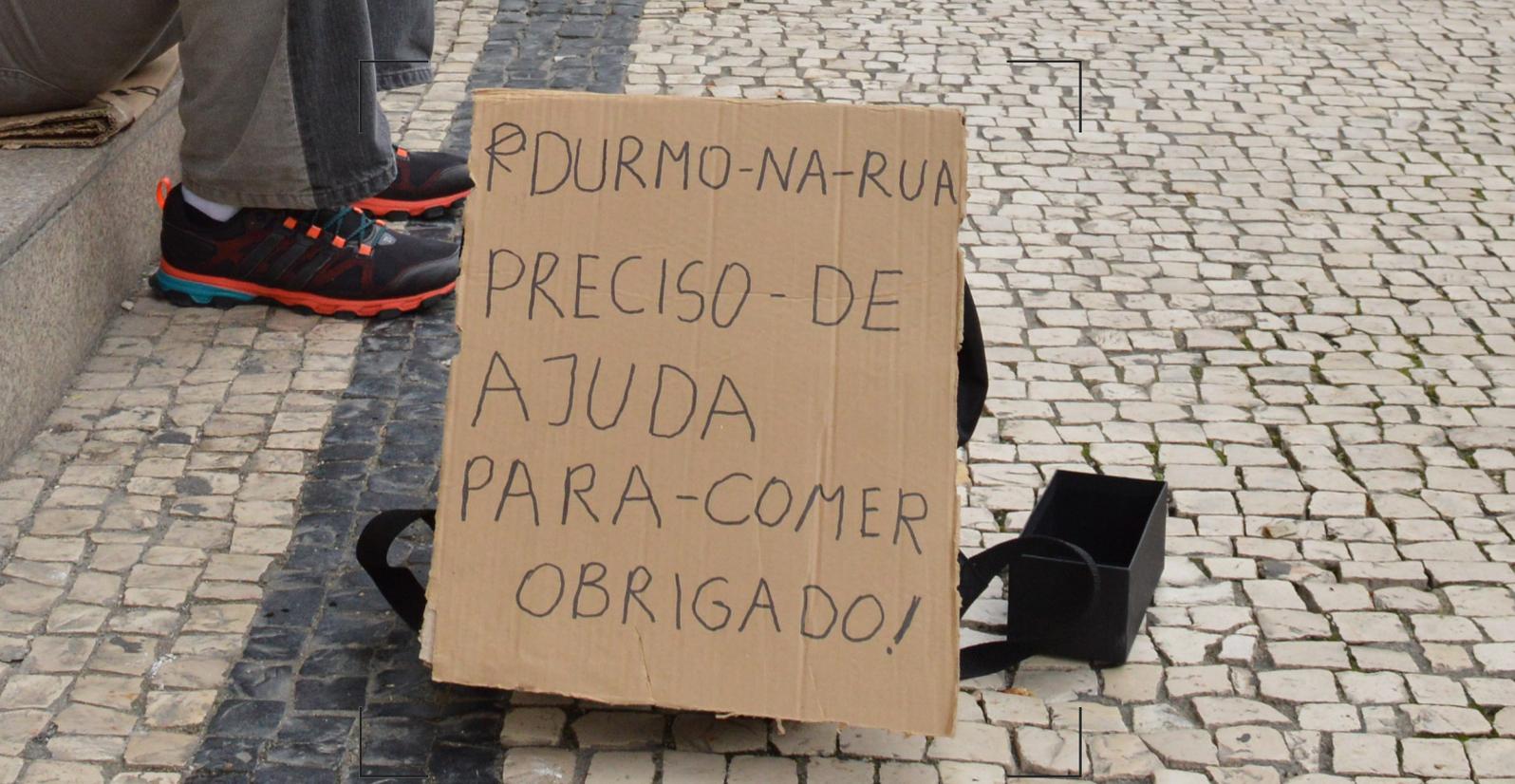
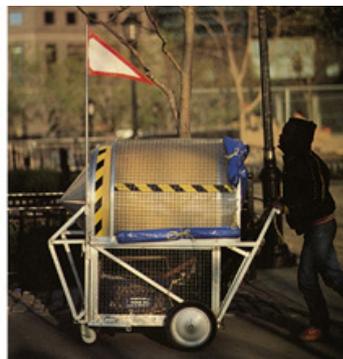
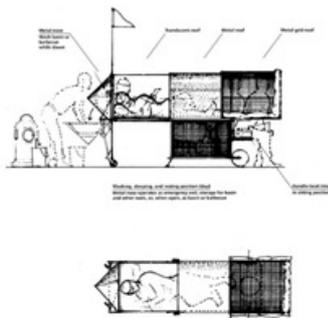


Imagem 14: Homeless Vehicles, Krzysztof Wodiczko. O designer propõem em 1988, um abrigo móvel, feito nas proporções da escala humana, na forma de um míssil, *pronto para o ataque*, para os sem-abrigo de Nova Iorque. O objeto resulta de uma crítica à democracia do espaço público.



*“The Homeless Vehicle is an impertinent invention that empowers the evicted to erase their own erasure. It retaliates by making homeless people visible and enhancing their identities”*

SMITH, N., *Contours of a Spatialized Politics: Homeless Vehicles and the production of Geographical Space*, p.81



Imagem 16: Survival Guide, mapa para os sem-abrigo de Melbourne, por Stig Bratvold.

Imagem 15: “Cuidado! Esta é a minha casa! Não a destruas”

Campanha de apoio aos sem-abrigo realizada no Porto em Fevereiro de 2014. A empresa Smurfit Kappa e a IPSS CASA, distribuíram pelos sem-abrigo a dormir na rua Júlio Dinis, na praça da República e na praça da Batalha, malas de cartão desdobráveis a camas, juntamente com autocolantes do logotipo do projeto, com o objetivo de estes virem a identificar pertences e bens. coordenador Pedro Pedrosa.



## 29 Solicitação coletiva

29

-se mais invisível aquele que passa a vida na rua e que não tem qualquer vínculo aos seus pares do que aquele que, passando a vida em espaços fechados, possui redes de entreaajuda, sociabilidade e interação.

Diretamente relacionada à ausência de habitação, a **ausência de vinculação segura** - de relacionamentos estruturantes na construção de mecanismos de interação entre os sem-abrigo, os lugares e as pessoas em geral- é marcada pelos relacionamentos efêmeros e temporários, que a prática de um estilo de vida ancorado ao sedentarismo e mendicância pode incorporar <sup>44</sup>. Na insegurança e desconfiança em relação a um outro, “os vínculos que estabelecem na rua tendem a manifestar-se enquanto protesto perante a separação forçada, de tal modo que a base das vinculações e relacionamentos entre sem-abrigo, a sociedade e a cidade não assentam uma base segura, de confiança mas em contrário, sobre o medo, repercutindo no crescente afastamento entre os indivíduos” <sup>5</sup>.

A **ausência de afiliação**, diretamente relacionada com a participação ativa em grupos e associativismos, é restrita aos grupos associativos e instituições de apoio social. Afastado dos principais serviços e equipamentos coletivos, desde o trabalho ao lazer, o sem-abrigo reflete dificuldades em definir rumos e objetivos concretos que lhe permitam definir projetos para a vida. Na mesma medida, manifestam a contradição de uma liberdade ilimitada: fixam-se a lugares inóspitos à permanência humana, praticando uma mobilidade “expressiva da errância, não instrumental; a mobilidade sem destino é um processo desafiliativo, que não estrutura a dinâmica individual e coletiva”<sup>6</sup>, contribuindo para a exclusão.

Ao encontro das definições de sem-abrigo mais utilizadas pela sociologia, encontramos ao longo deste percurso individualidades que de algum modo foram centralizando a problemática num contexto humano específico. Interessa no entanto a perspetiva de Pereirinha (p.24), e a necessidade de gerar “mecanismos de mediação”, que permitam aos sem-abrigo reconstruírem o seu projeto de vida, isto é, numa primeira abordagem disporem de informação sobre a situação em que se encontram e os apoios existentes.

Partindo destas preposições, o conceito de sem-abrigo em função destas leituras, registos e perspetivas, também elas divergentes dos inumeros projetos direcionados à visibilidade e compreensão (p.26 e 26) da dimensão desta forma de exclusão, mas também na abordagem ao indivíduo e ao espaço: na **subversão** do uso que faz do espaço público e



dos elementos do mobiliário urbano, assim como do estilo de vida que, em função do tempo de permanência na rua, tem vindo a encontrar espaço para definir uma dinâmica à margem dos fluxos urbanos mais comuns, desde as pessoas e serviços com os quais vai pontualmente interagindo e consolidando posteriormente uma forma de estar nas cidades, ancorado aos sistemas e serviços da segurança social e de solidariedade. O resultado dos diferentes níveis de afastamento é o de um indivíduo **desorientado**, em **rutura** com as estruturas sociais e com a própria noção de intimidade. A juntar isto, há uma dimensão muito forte de reprodução social no estado dos sem-abrigo: por estarem desvinculados a vários níveis, têm uma situação precária que dificulta ainda mais a procura de trabalho, o que por sua vez obstaculiza o arrendamento ou compra de habitação própria.

**Ser (sem) abrigo** é neste trabalho entendido como uma condição humana transversal, focada nas vulnerabilidades humanas daqueles que vivem na rua, excluídos das oportunidades e conseqüentemente forçados a apropriar a rua e a cidade à escala de uma habitação. “A rua é a sua casa”. É deste ponto de vista que a condição é enquadrada, à escala das necessidades do sem-abrigo e, o homem, um homem no mundo, um corpo genérico, cujas referências, estruturas e vinculações estão abaladas, alteradas e subvertidas. Entre as inúmeras definições de ser e estar sem-abrigo, interessa para este trabalho abordar a problemática segundo uma perspetiva geográfica, relativa às condicionantes manifestadas ao nível do habitar, do abrigo, na proteção e conforto do corpo.

#### Referências bibliográficas:

1. PINTO, J., 2007. A Caixa. Metáfora e Arquitectura. ACD Editores, Lisboa.
2. ami.org.pt, consultado em 1 de Abril de 2014
3. MONTANER, J., Arquitectura y Política, p. 188
4. BENTO, BARRETO, Sem-abrigo Sem-Amor, p.32
5. Halladin et al., 1998, cit. At. BENTO, BARRETO, Sem-abrigo, Sem-Amor, p.26
6. BENTO, BARRETO, Sem-Abrigo Sem-Amor p.26



31 O invisível

31

“O abrigo improvisado sob o viaduto Gonçalo Cristóvão, foi o início de uma tarde amargurada, que marcou um primeiro registo do Porto... Vamos começar com focar a estrutura do viaduto, que vemos a uma distância de dez metros de proximidade.”

Nas palavras, reapropriadas, de Charles e Ray Eames, Powers of Ten [33'' - 44'']

## Sob o viaduto Gonçalo Cristóvão .2. Enquadramento

O enquadramento da situação do sem-abrigo tem como caso de estudo o viaduto Gonçalo Cristóvão, a partir do qual é feito o primeiro afastamento em relação ao indivíduo e conseqüentemente uma aproximação aos lugares onde pernoita. Anteriormente definimos a problemática enquadrando o indivíduo nas suas próprias vulnerabilidades. Neste capítulo focamos a fragilidade dos laços e a insuficiência dos suportes primários perante sobre os quais emergem as apropriações do espaço público e as relações de permanência entre o sem-abrigo e os lugares.

Na rua, os sem-abrigo vivem em constante insegurança e desconfiança em relação ao *outro*, e em contra partida, as relações que estabelecem com os demais não assentam numa base segura de confiança, pelo contrário, entre o medo e a conveniência, são forçosamente mais instáveis e de curta duração. É junto desta infraestrutura urbana que tem início o enquadramento da problemática urbana. Um enquadramento espacial e intemporal, ao encontro das tipologias de abrigo que conformam lugares de pernoita, em sintonia com as convivência/ambiência estabelecidas entre os sem-abrigo e as pessoas e serviços que os apoiam, validando o que consideramos existir, um habitar limiar. Nesta relação simbiótica entre público e privado, emerge o conflito entre as necessidades humanas e as características dos espaços apropriados para dormir, comer, cuidar. É neste ambiente que se concretizam as vinculações seguras entre os sem-abrigo e os lugares e as pessoas em geral.

Não apenas mas também, importa perceber as características morfológicas dos lugares e dos elementos físicos que estes contêm, os lugares onde os sem-abrigo dormem e guardam os seus objetos e, que tipo de relações espaciais e sociais dão corpo e identidade a estes lugares enquanto lugares específicos para a fixação dos sem-abrigo. Neste



32 A Habitação

1:10

32



100 meters

2  
10  
meters

*"One hundred meters wide, the distance a man can run in ten seconds, cars crowd the highway, power boats lie at their docks, the colourful bleachers are Soldier Field."*

Imagem 17: +2 | Frame retirado de Powers of Ten - 1.02''



capítulo, é feita uma aproximação aos lugares onde estão sem-abrigo, intersetando as apropriações e os hábitos individuais, as construções temporários e os abrigos mínimos, ao encontro de uma lógica urbana de fixação e apropriação, tecendo considerações sobre as tipologias de arquitetura de emergência, projetadas para esta ideia de habitar limiar.

#### Sob o viaduto Gonçalo Cristóvão - características espaciais

A rua de Gonçalo Cristóvão, uma das principais artérias da baixa portuense, é um local de significados complexos. Por um lado, é um espaço central na cidade, cenário de convergência de milhares de pessoas e viaturas, em constante movimento. Por outro lado, apesar da localização central, é um território das margens. É um espaço conhecido na cidade do Porto pela confluência de grupos sociais desfavorecidos e/ou marginalizados e toxicodependentes. É um espaço numa encruzilhada entre o visível e importante em termos geográficos e o invisível e marginalizado em termos sociais. Não é por acaso que os sem-abrigo abraçam esta estrutura e todas as suas dinâmicas de espaço temporário, desenquadrado e desafiliado.

Sob o viaduto Gonçalo Cristóvão, foi-se consolidando a presença de sem-abrigo ao longo dos anos. Casulos de dimensões mínimas para abrigo do corpo, constroem-se e desconstróem-se ciclicamente no seio na estrutura do viaduto, permitindo aos sem-abrigo dormir com relativo conforto e proteção. Durante o dia, o estacionamento automóvel nas imediações é uma fonte de rendimento para aqueles que aqui dormem e para outros arrumadores que ao longo do tempo vão “conquistando” território neste ofício.

Este lugar é limitado na sua envolvente próxima por vias de tráfego intenso às quais se justapõem blocos de habitação coletiva, equipamentos públicos e instalações comerciais. Nas imediações, localiza-se também a estação da Trindade do metro do Porto e a estação da rede expresso de autocarros, a praça da República e algumas instituições de solidariedade social, entre as quais, a Albergues Noturnos do Porto, a Cais, a Cantina comunitária da Trindade. Tratando-se de um espaço residual na morfologia urbana, o mesmo foi sendo apropriado ao longo dos anos por diversos sem-



34 O Subúrbio - Frente

10:1

1:100

34

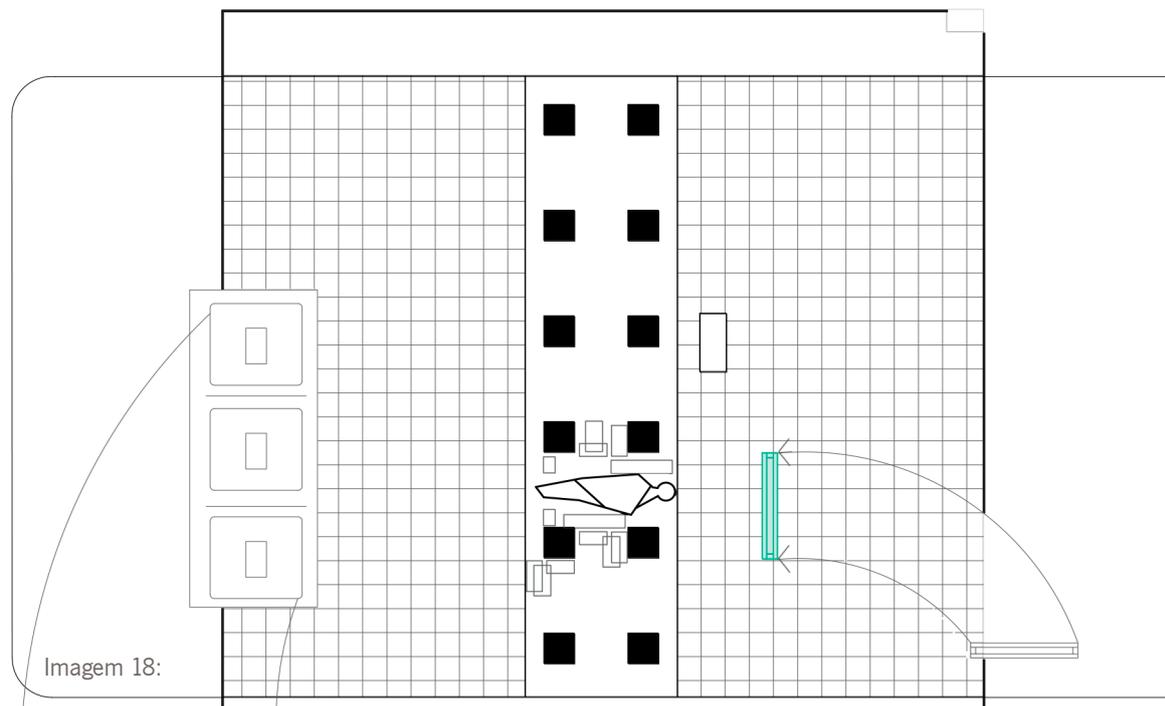


Imagem 18:

Aqui pernoitava João, em Abril de 2014.

O abrigo tinha-o contruído com materiais recolhidos de obras vizinhas, desperdícios em geral e também com cobertores e colchões cedidos por agentes sociais, que o acompanham diariamente, prestando não apenas cuidados de saúdes, refeições e palavras de conforto.

Para dormir, João assegurava que este espaço era o mais seguro onde havia pernoitado no Porto, acentuando a importância da mobilização do mobiliário urbano envolvente, na dissimulação da sua presença. O mupi publicitário anteriormente direcionado para a passeira de peões, estava então voltado para o abrigo, à imagem de um muro, iluminado, luz da qual tirava partido para ler antes de dormir.

Esta postura, preventiva, dizia, havia sido tomada pelos agentes reguladores de gestão urbana: “vieram os funcionários da câmara (...) também mudaram o lixo para o outro lado da estrada, (...) agora dorme-se melhor”.

A alteração e reposicionamento deste objetos mais próximos ou distantes dos abrigos, revelam quer uma preocupação para com a situação, minimizando o impacto visual dos abrigos, quer uma incapacidade de lidar com o problema de ausência de habitação digna e de propor respostas concretas. Uma atitude que tem tanto de preventiva quanto de inconsequente, isto é, não acrescenta nada na resolução do problema.



-abrigo, funcionando como uma plataforma intermédia entre o sem-abrigo e a exclusão social. Sob o viaduto, é possível albergar um mínimo de 10 pessoas (em ambas os pilares setorizados), e com relativa liberdade, os sem-abrigo constroem os seus abrigos com materiais que vão encontrando nos desperdícios em geral. Ao longo do tempo, estas apropriações têm vindo a definir a identidade deste lugar, tornando-se para os sem-abrigo “um grande quarto partilhado, uma sala de estar e de jantar, um local de trabalho”.

Partindo desta situação específica, é possível perceber algumas das vinculações físicas associadas aos lugares escolhidos para dormir pelos sem-abrigo em geral. Tendo em conta a sua localização central e proximidade para com as dinâmicas sociais relativas ao turismo e ao consumo, não apenas a sob o viaduto (tirando partido das características morfológicas deste espaço), como também em ruas e avenidas, a presença de cobertores e cartões vai demarcando espaços de pernoita, como que assegurando um lugar na reentrância do edificado. E se atualmente esta prática tem vindo a consolidar-se no Porto, parece que nos últimos anos o número de pessoas a penoitar nas ruas aumentou, no entanto, é um reflexo do encerramento/entaipamento dos edifícios devolutos **17**, onde até então viviam inúmeros sem-abrigo e grupos okupas. Por outro lado, existe ainda um grande número de edifícios em ruína no centro do Porto, tal como em muitas outras cidades ocidentais, que sem uso e função, encontram-se inabitados, sem que seja possível reabilitá-los no sentido de proporcionarem, mesmo que por curtos períodos de tempo, tipologias de habitação para os sem-abrigo, ou outras minorias. Por outro lado, surgem variadas propostas de projetos de albergues e dormitórios, e direcionados especialmente aos *sem-abrigo crónicos* ou pessoas com doença mental, para além de se localizarem distantes dos núcleos urbanos, não contemplam as necessidades e vontades dos sem-abrigo em geral.

Para este trabalho, interessa rever a postura referente ao mobiliário urbano, na produção de significado das movimentações a que foi sendo sujeito, tirando partido das respetivas formas e dimensões aproximadas à escala do corpo, assim como no aproveitamento de energia dissipada, desde iluminação ou calor. No caso do viaduto Gonçalo Cristóvão, o mobiliário envolvente - recipientes de lixo e muppis - foram relocados no sentido de dissimularem a presença humana neste lugar, propocionando relativo conforto e proteção. Esta atitude é também ela proposta para a inclusão do sem-abrigo por parte de vários arquitetos e designers, na incapacidade de dialogar com o mercado imobiliário.



36

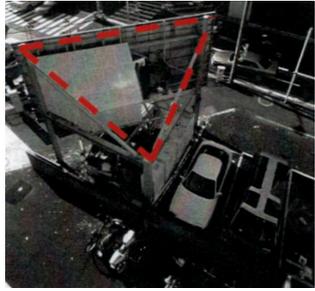
Mobiliário / Estante / Armário

1:100

36

Inúmeras propostas de abrigo mínimo materializam unidades habitacionais à imagem das apropriações realizadas pelos sem-abrigo nas cidades e do aproveitamento de dispositivos existentes no quotidiano das cidades. O mobiliário urbano<sup>1</sup> adaptado às necessidades dos sem-abrigo, encontra num banco de jardim uma cama; cabides telefónicas devolutas (imagem19) dão lugar a pequenos quartos, outdoors urbanos abrem espaço para acolher os sem-abrigo (imagem 19,20); no seu conjunto, resumem um conjunto de propostas viáveis, ainda que efémeras, de adaptação dos elementos existentes para proporcionar espaços habitáveis.

Imagem 19:  
House of Vending  
Machines (1998),  
Tadashi Kawamata



*“O mobiliário urbano é a tralha da Rua da Estrada. Não há como torná-lo mais digno, apesar do desenho bem intencionado. A sinalética, a publicidade em sitio próprio, os bancos, os contentores, do lixo, algum abrigo para a chuva, são sempre sinais de conforto e de comodidades públicas para o transporte público. O que não bate certo é este ar de coisa na terra de ninguém.”<sup>1</sup>*

Imagem 20:  
Cabina Telefónica (1993) ,  
Pedro Bandeira  
“em torno do design-que-  
-não-deveria-existir”



Imagem 21:  
Billboards House for Home-  
less (2014), Julio Gómez  
Trevilla



## 37 Mobiliário / Cama

37

Entemos existir uma relação simbiótica entre sem-abrigo e dispositivos de mobiliário urbano, de consumo e publicidade e ambiência urbana, abrindo espaço a renovadas relações de dependência entre a satisfação das necessidades humanas e o aproveitamento de recursos energéticos desperdiçados para o meio ambiente, que ao mesmo tempo, conferem proteção e invisibilidade.

Assim, de certa forma, verifica-se sob este lugar específico, relativa complacência entre o sistema que constrange e exclui, mas que cria, ao mesmo tempo, condições estruturais tornando possível a existência dos sem-abrigo, e nesse sentido, esta postura de alguma forma, servir também de ponto de partida para alterar a situação destes.

É, se assim quisermos, uma chamada de responsabilidade para as sociedades capitalistas, a procura de uma certa retroatividade como solução para o problema. A complexidade das sociedades contemporâneas abre espaço a esta curiosa perversão: a principal causa do problema pode ser, ao mesmo tempo, o principal remédio.

Dentro da exclusão social, um dos principais fatores de discriminação está relacionado com o enfraquecimento dos laços e das ligações entre os sem-abrigo, as pessoas e as estruturas sociais. Na mesma medida, é visível uma consolidação das relações para com as estruturas urbanas e as relações com os serviços de apoio solidário, centrais às suas dinâmicas. Assim, se por um lado o sem-abrigo é vítima de isolamento e retraimento social, é também ele polarizador e reator de intervenções ao nível do urbanismo e de dinâmicas sociais, das quais o sem-abrigo passa a depender para sobreviver **43**. Neste corte com a sociedade em geral, identificamos na apropriação temporária uma relação efêmera com os lugares, significativamente moldadas pela dependência dos serviços sociais existentes nas proximidades, os princípios da desvinculação perante a exclusão. Em contrapartida, o sem-abrigo torna-se um nómada forçado, na mesma medida que a sua presença não produz significado prático, uma vez que a sua localização é também ela imprevisível, inconstante. Ser um em um milhão, é uma contingência daquele que habita a urbe, e o sem-abrigo não é exceção. Segundo a diretora da Cais, Cláudia Fernandes, a validação desta forma de estar, deve acontecer junto dos agentes sociais que apoiam diretamente os sem-abrigo, “nos serviços de apoio social existentes nas cidades ou no contacto direto realizado pelas rondas de rua”, uma vez que é a partir deles que o primeiro contacto com o sem-abrigo é realizado, dispendo de estruturas e mecanismos de colmate ao isolamento e apoio à integração social e formação profissional.



38

Luxo Indispensável

1:100

38

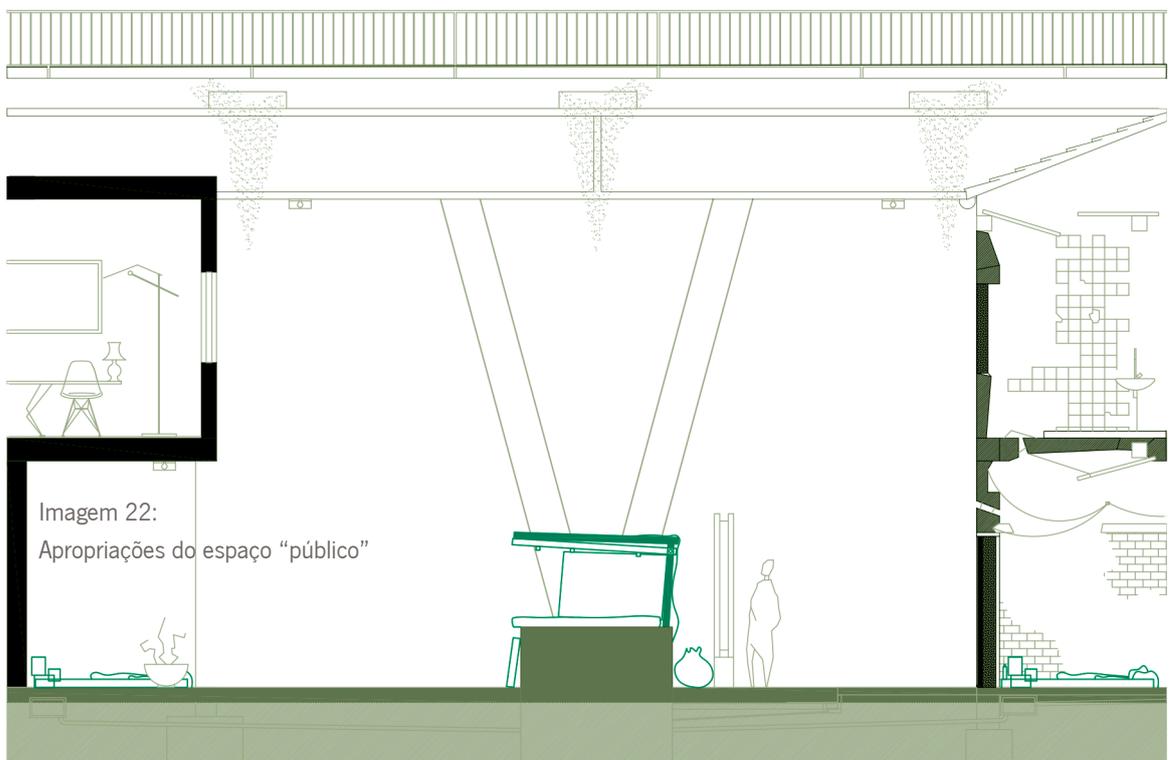


Imagem 22:  
Apropriações do espaço "público"

Referências bibliográficas:

1. DOMINGES Á., A Rua da Estrada, p.142
2. FOUCAULT, M. Of Other Spaces: Utopias and Heterotopias
3. SOLÀ-MORALES I., Present and Futures Architecture in Cities, p.14
4. Op. cit. p. 20



### 39 Luxo Descartável

39

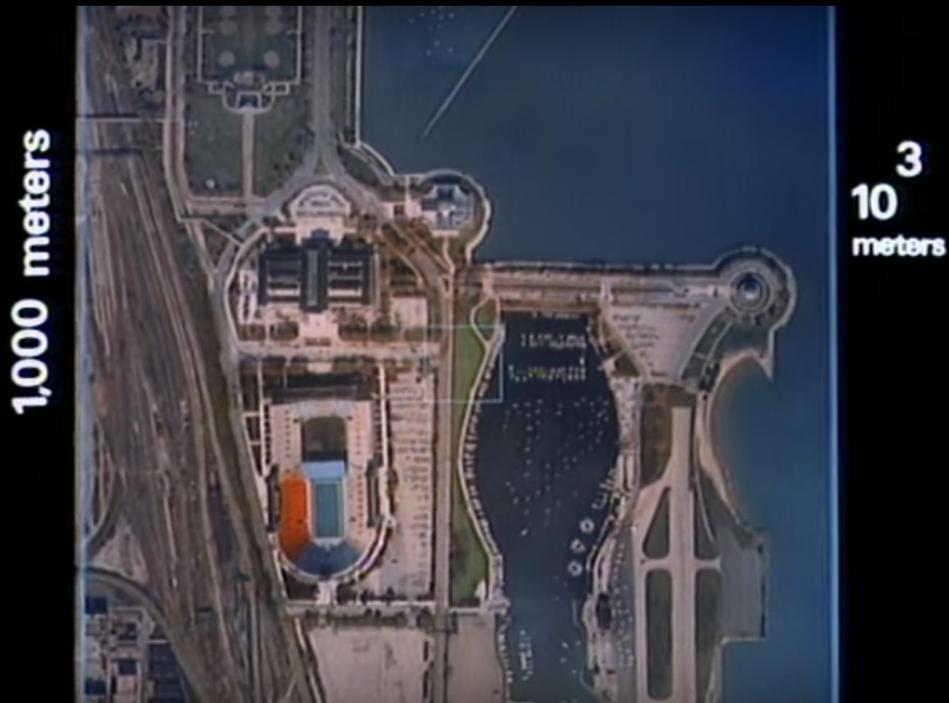
Certo é que, as sociedades mudaram, adaptaram-se e, com elas, mudam os modos de vida. Tudo se tem tornado mais rápido, maior, mais transitório, mais fragmentado. A consequência de tudo isto é a formação de cidades diferentes, em constante transformação, num estado de quase-esquizofrenia. A arquitetura deve, também, acompanhar essas transformações e moldar os espaços de acordo com esta nova identidade da urbe.

Neste sentido, importa potenciar as relações prosaicas e sistémicas entre os demais, no sentido da confiança e complementariedade. Atualmente, as oposições que antes tínhamos como certas – espaço público vs. privado; espaço de lazer vs. espaço de trabalho; espaço de cultura vs. espaço de função – são hoje muito mais difusas, dando lugar a heterotopias, espaços concretos, com múltiplas funções, como os define Michel Foucault<sup>2</sup>, mas com um sentido transitório, efêmero, de passagem. Numa sociedade em que o espaço público é voltado para o fluxo, a arquitetura deve adaptar-se à dinâmica social e procurar uma maior interdependência entre os cenários da metrópole, indo ao encontro do que Solà-Morales definiu como sendo uma necessidade do arranjo espacial contemporâneo, quando diz que “serão significativos apenas os projetos que incorporem mecanismos de auto-regulação, de interação e de reajustamento durante o processo de execução”<sup>3</sup>. Outro conceito importante para este projeto, trazido pelo arquiteto espanhol, é o de container. O container é um espaço de corte com a realidade, contrariando o fluxo, a transitoriedade e a insegurança. Os containers são espaços onde “é produzida a máxima artificialidade através de um espaço protegido, delimitado e fechado”<sup>4</sup>. Estes espaços podem funcionar, no caso do sem-abrigo, como um simulacro de uma realidade comum, afastando-o dos problemas que a rua traz, providenciando-lhe um porto de abrigo, um local fechado, seguro, longe dos olhares alheios e de regresso ao conforto.

A criação de vínculos seguros é de extrema importância para retirar o indivíduo de uma situação de alienação e devolver-lhe um sentimento de não-isolamento, de normalidade. O sentido de pertença que será providenciado ao sem-abrigo é o primeiro passo no seu processo de recuperação e de regresso à normalidade. Ademais, estes containers são tanto mais funcionais quanto mais estiverem integrados em espaços de transitoriedade e fluxos acelerados. A centralidade da localização dos mesmos é de extrema importância para combater o fenómeno do afastamento, da marginalização e do isolamento, alinhavando novas relações pertinentes para a inclusão social e urbana **51**.



40 Práticas Comuns - Indiferença



*"This square is a kilometre wide, one thousand meters, the distance a racing car can travel in ten seconds. We see the Great City on the lake shore."*

Imagem 23: +3 | Frame retirado de Powers of Ten - 1.12''



41 Ações Pontuais - Manifestação

1:1000

41

*"Haverá por esse mundo fora, muitas cidades, modernas ou antiquíssimas, dispostas à beira de um rio ou da sua foz; mas só uma se chama Porto, e só o seu rio é dito Douro. Uma cidade assim, parece, à partida, acolhedora e franca, rica e favorável às boas relações nacionais e internacionais. E o Porto tem-no sido. Basta dizer que deu nome a Portugal."*

Arnaldo Saraiva, O sentimento do Porto, p.129

### Na cidade do Porto .3. Contexto

Há menos de um século, o Porto combatia a sua ruralidade através de leis que proibiam circular na cidade de pé-descalço. O fenómeno atormentava os cultos e instruídos que viam nesses actos resquícios de barbarismo incompatíveis com a nova vida da moderna. Nos últimos anos a cidade tornou-se mais cosmopolita, acolhendo eventos de carácter internacional e apostando no turismo, no sentido de projetar a reputação da cidade na esfera global. Surge assim, mais conectada com o panorama cultural e com as tendências que se manifestam no resto das grandes cidades europeias.

No entanto, é inegável que o crescimento e o cosmopolitismo arrastam consigo os problemas afetos às grandes metrópoles: maior desligamento entre o Homem e o meio, uma certa apatia do habitante face à urbanidade e uma ahistoricidade que cria vazios significativos na identidade da cidade. À medida que o Porto abraça as virtudes do crescimento, como o crescimento da rede de transportes, o aumento do turismo e a maior exposição da cidade enquanto marca, não podemos esquecer, também, que acaba por ser palco de fenómenos como a gentrificação, de um certo incremento da artificialidade próprio de um cenário voltado para o turismo e um notável desenraizamento e desenquadramento das suas próprias gentes. Colocar o Porto no mapa internacional do turismo acarreta, de certa forma, colocar também o Porto na rota de problemas sociais mais amplos. Este é um contexto social propício ao aumento de fenómenos sociais como a pobreza e, em último caso, os sem-abrigo.



42 Ordem

1:100

42

Com um crescimento anual do turismo na ordem dos 15% (16,7% no último ano), o Porto tem gerado um interesse sem precedentes um pouco por todo o mundo. Distinguido duas vezes, nos últimos 5 anos, como o melhor destino turístico da Europa, o Porto tem feito um investimento muito forte na identidade da cidade, através da promoção da marca Porto, da melhoria das suas infraestruturas, na realização de eventos de grande escala, entre outros.<sup>1</sup>



Imagem 24: Vista aérea sobre o rio Douro - Porto

Estas alterações profundas na estrutura urbana tornou hoje o Porto uma cidade mais conectada e interativa, diferente daquela que era antes de ser Capital Europeia da Cultura.



A Baixa portuense <sup>71</sup> (onde se centra este estudo), é o centro urbano mais carismático da cidade, a *alma portuense*, potenciado pelo comércio e pelas dinâmicas cidadinas que aí têm lugar. Da rua de Santa Catarina aos Aliados, da Batalha à Cordoaria, da Ribeira ao Marquês, encontramos um contexto envolvido por um processo acelerado de transformação. Os edifícios outrora devolutos são vendidos e remodelados a um ritmo frenético, as ruas enchem-se de turistas e esplanadas, a Invicta é maquilhada e pervertida com o único objetivo de atrair cada vez mais usuários efêmeros desvinculados do verdadeiro carácter da cidade. Mas nesta sua nova abertura, surge a oportunidade de desvendar as problemáticas que há muito a assombram instigando a discussão sobre a desigualdade nos processos de reestruturação.

As inquietações e o ceticismo de certas camadas sociais mais expostas aos regimes de gentrificação traduzem este desequilíbrio. Parte da população, acredita que o Porto está a caminhar na direção certa, outra sente-se esquecida e alienada nesta jornada. Entre as mais camadas vulneráveis, as que se encontram em situação de pobreza extrema entre os quais sem-abrigo são as primeiras a serem confrontadas com as mudanças que ocorrem no espaço público e nas suas vivências.

### Os sem-abrigo do Porto

A cidade do Porto é a segunda maior cidade de Portugal, a seguir a de Lisboa capital do país. Na mesma razão, é também a segunda cidade com maior registo de casos sem-abrigo, onde cerca de 1600 pessoas vivem no limiar da pobreza em condição de sem-abrigo, dos quais 200 vivem efetivamente na rua, segundo o último levantamento realizado pela IPSS C.A.S.A., em Janeiro de 2016.

É pois nos centros urbanos mais populosos que a realidade dos sem-abrigo ganha escala. A primeira razão deve-se à existência de um maior número de facilidades, desde o acesso a bens, até à satisfação das necessidades básicas. O elevado número de instituições e apoios sociais, desde albergues, cantinas sociais, cuidados de saúde ambulatoriais, mas também de serviços de uso coletivo como balneários, instalações sanitárias entre outros serviços de uso coletivo, encontram-se nas imediações dos centros urbanos.



44 Estagnação Social

10:1

44

De uma forma geral, existem sem-abrigo em quase todas as cidades portuguesas, ainda que em menor escala, de tal modo que os serviços sociais existentes, sejam pela Cruz Vermelha ou a Santa Casa da Misericórdia, possuem mecanismos de abordagem e serviços específicos para integrar os sem-abrigo nas instituições sociais.

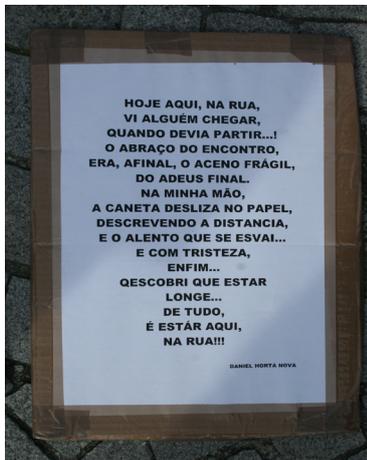


Imagem 25:  
Poema de Daniel Horta Nova (ex-sem-abrigo) impresso para manifestação na avenida dos Aliados (2014)

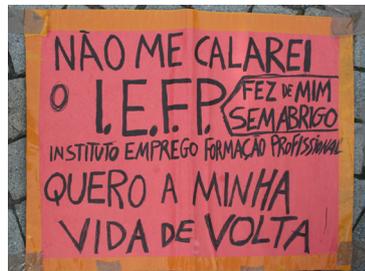


Imagem 26:  
Protesto público - graffiti



Imagem 27: Arte Urbana



A segunda razão, e nas palavras dos próprios, está relacionada com a proteção e dissimulação da identidade individual, ser um em um milhão, é por outras palavras, ser tudo e nada numa grande cidade, onde é mais fácil e preferível passar despercebido a ser julgado pelos seus conterrâneos **8**.

Estar em *constante movimento* é uma contingência atual, ainda que no caso dos sem-abrigo signifique transportar todos os seus bens em cada deslocamento, deambulando pelas ruas com todos os bens que possuem, como se diz comumente, com “a casa às costas”. Esta forma de estar na cidade, ao encontro dos lugares mais solidários, registam percursos redundantes e monótonos, feitos de deslocamentos, mínimos, para satisfação das necessidades. Para os sem-abrigo, o lugar do doméstico é colonizado pelo lugar do público, com inúmeras portas e poucas janelas, *fazendo das ruas corredores*, mobiliados e habitados pelas massas<sup>2</sup>, onde deambula, num estado de liberdade condicionada, tem nas praças as salões para estar e nos jardins terraços para o interior, as cozinhas não existem mas as salas de jantar são cantinas coletivas; para dormir, qualquer recanto abrigado e, no dia seguinte, deixa-se *despertar pela cidade, vagar por ela*. Uma forma de estar na cidade que nos transporta para a poesia de Charles Baudelaire, para o *perfeito flâneur*, como o poeta o definiu: “o observador apaixonado, é um imenso júbilo fixar residência no numeroso, no ondulante, no movimento, no fugidio e no infinito. Estar fora de casa, e contudo sentir-se em casa onde quer que se encontre; ver o mundo, estar no centro do mundo e permanecer oculto ao mundo”<sup>3</sup>. E, o sem-abrigo, um *flâneur marginal*, também influenciado pela desorientação, faz-nos refletir sobre a transitoriedade, a fragmentação humana e urbana, o estranhamento social entre a crítica social e a sobrevivência urbana. O que dista o sem-abrigo do *flâneur* original, ainda assim, é o facto do primeiro não possuir a componente voyeurista do último – os olhares estão dispostos sobre ele, não partem dele; o sem-abrigo não habita a rua por hedonismo, mas por necessidade extrema.

### Rede de apoio social

As preocupações conotadas à pobreza desde sempre tiveram impacto na Invicta. Assumindo por vezes posturas educacionais e restritivas, como o caso do Pé Descalço, a ações de alojamento social, como o projeto SAAL. Atualmente encontra-se em prática o projeto “Porto de Abrigo”, aprovado em Julho do presente ano, conta com um reforço dos

Tudo é PROVISÓRIO...

46

No Porto, destacam-se as iniciativas desenvolvidas pela: a Cais, nas atividades realizadas no âmbito da formação profissional e acesso às redes virtuais de comunicação (internet), sediada na rua dos Mártires da Liberdade, na Baixa portuense; a Coração dos Amigos do Porto, com cantina e serviços de higiene íntima, desde barbearia e cabeleireiro, dispõe também de farmácia social e cuidados de saúde, integrando ainda os sem-abrigo no desempenho de funções relativas ao funcionamento do centro social, localizada na rua Antero de Quental; e a AMI de Vila Nova de Gaia com a qual realizamos rondas diurnas e noturnas de apoio médico ambulatório, nas ruas da baixa portuense [p.59]



Imagem 28: Apelo à doação de bens materiais: Street Store no Porto, em novembro de 2015



Imagem 29: Entrada da IPSS CASA

Imagem 30: Ronda de Rua - Coração Perfeito

Não apenas, mas também, fizeram parte deste universo de serviços e instituições no Porto, visitas aos dormitórios e albergues para os sem-abrigo, entre os quais, os Albergues Noturnos do Porto, a AMI de Campanhã e a C.A.S.A, que apesar de lotados e com lista de espera, vinham sendo referidos pelos sem-abrigo com relativa relutância, face à regras e restrições horárias impostas pelos mesmos.



## 47 Transição Urbana - Expectativas Aceleradas

47

serviços e equipamentos de apoio social, visando diminuir o impacto que os sem-abrigo têm nas ruas da cidade. Ao longo deste estudo, foi estabelecido um envolvimento próximo e acompanhamento das dinâmicas e dos apoios prestados à população sem-abrigo. Dispersos por toda a área metropolitana, os serviços de apoio social direto (ambulatório) ou indireto (nas instalações), envolvem milhares de pessoas em todo o país, “a conjugarem os seus esforços para prevenir, atenuar ou erradicar situações de pobreza e exclusão e promover o desenvolvimento social local através de um trabalho em parceria.”<sup>4</sup>

Viver na rua, exige do sem-abrigo uma atividade para além das suas capacidades físicas e intelectuais. A cada deslocamento, a cada paragem, criam-se vínculos com os lugares, novas situações e na melhor das hipóteses, combate-se a estagnação e contraria-se o isolamento, abrindo espaço para o surgimento de renovadas circunstâncias e possíveis oportunidades. No entanto, as dinâmicas individuais e coletivas, movidas pela dependência face aos serviços de apoio social, tendem a gerar relativa complacência na abordagem ao problema e conseqüentemente para com o sem-abrigo - um ser no mundo, ainda que, *ao mesmo tempo (estamos) sozinhos numa multidão de pessoas sozinhas.*<sup>5</sup>

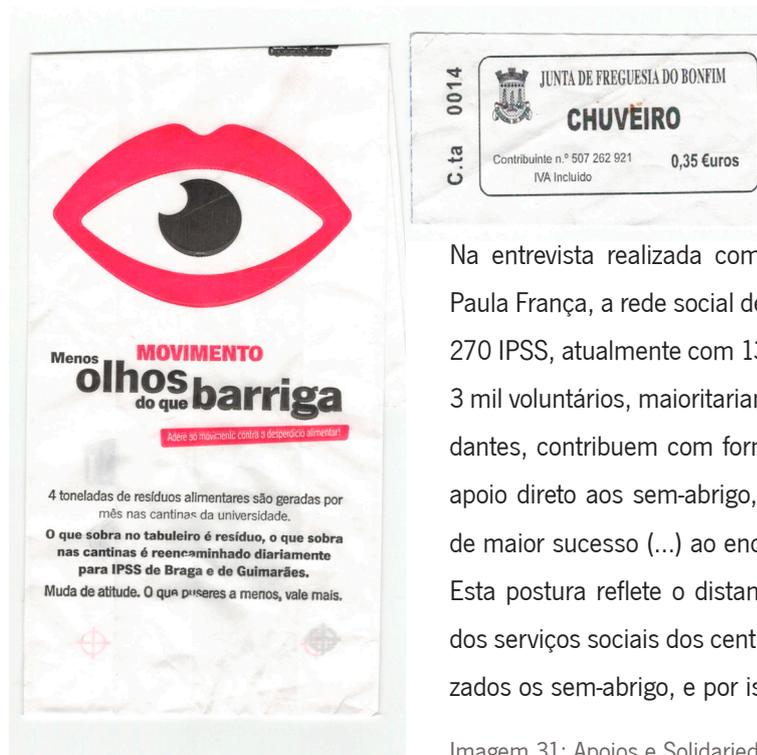
18

Neste paradigma, a sociedade atual como a define o sociólogo Zygmunt Bauman: pós-moderna ou líquida, reflete um aliamento coletivo, marcada essencialmente pelas forças dos mercados e pelo capitalismo e dialoga intimamente com os processos de globalização e os mecanismos de mediação entre o homem e o seu lugar no mundo. Por um lado, a globalização permite uma aproximação entre os diversos agentes sociais, encurtando as distâncias que definem, estruturam e transformam as relações humanas. Por outro lado, *o medo e a desconfiança na cidade*, desenham localmente cenários para a individualização. Num mundo intensamente móvel, de bens, dinheiro, pessoas, informações e ideias, interessa incluir o sem-abrigo na rede social existente, potenciando o seu envolvimento, não apenas com as estruturas sociais existentes, mas e sobretudo com a cidade e o território. Neste paradigma materializa-se o contexto urbano e social do sem-abrigo nos núcleos urbanos, excluídos das dinâmicas coletivas, é também ele referencial à rede de apoio social.



### Apoios e solidariedades

Face ao desconhecimento das dinâmicas urbanas e dos serviços sociais existentes, as suas fixações realizam-se junto dos lugares mais populares, movimentados e históricos, onde passam mais turistas, que benevolmente lá vão contribuindo para o problema e consequentemente é também onde os apoios solidários centralizam as suas dinâmicas. Neste contraste, os sem-abrigo contrastam na sua própria liberdade com relativo retraimento face às dinâmicas coletivas e urbanas.



Na entrevista realizada com a coordenadora da NPISA, Paula França, a rede social de emergência do Porto integra 270 IPSS, atualmente com 13 mil colaboradores e mais de 3 mil voluntários, maioritariamente desempregados e estudantes, contribuem com forma de realização pessoal. No apoio direto aos sem-abrigo, as rondas de rua são ações de maior sucesso (...) ao encontro dos sem-abrigo na rua. Esta postura reflete o distanciamento entre a localização dos serviços sociais dos centros urbanos onde estão localizados os sem-abrigo, e por isso de difícil acesso.

Imagem 31: Apoios e Solidariedades



Sobre este ponto, entendemos de maior relevância a sua conexão com os meios de mobilidade urbanos, como forma de participação ativa e autónoma na sua própria inclusão, intensificação e transformação da vida urbana. Como princípio para a inclusão, torna-se predicativo da vida em sociedade, a participação ativa no acesso aos serviços e facilidades coletivamente partilhadas. No entanto, é visível o contrassenso entre os lugares onde os sem-abrigo fixam as suas dinâmicas, movidas pela dependência dos serviços ambulatoriais e caridade social e a incapacidade física para alcançar e usufruir dos serviços sociais urbanos, frequentemente localizados na periferia das cidades.

No sentido de minimizar as distâncias entre os sem-abrigo e os serviços de apoio social direto, as instituições de solidariedade, e indiretos, serviços públicos de uso coletivo, é proposta a associação estratégica ao sistema de mobilidade do metro, como meio de mobilidade e facilidade de acesso aos serviços.

Sobre a questão da imobilidade, interessa para este trabalho a relação com os serviços de mobilidade, nomeadamente a rede de metro e as estações onde o metro pára, onde param também os sem-abrigo um pouco por todo o mundo. Como forma de potenciar, no sentido de dinamizar a estagnação e a alianção adjacente à condição do sem-abrigo, teria na sua forma de ver o mundo, e de apreender a cidade, uma ideia de cidade em rede, como sonhavam os situacionistas nos meados do século passado, em que o cidadão se poderia movimentar para todo o lado, sem fronteiras ou limites. Hoje é possível estar num mesmo espaço físico e viajar sobre outros tantos lugares sem qualquer movimento corporal. Hoje, é possível também, alcançar lugares fisicamente distantes em poucas horas ou minutos, através dos avanços tecnológicos relativos aos meios de transporte.

Sobre a mobilidade, destaca-se a importância deste conceito do ponto de vista da arquitetura, não mais associado apenas a questões físicas e materiais. As dinâmicas virtuais têm vindo a colidir cada vez mais com as dinâmicas reais, por outro lado, “a materialização da obra de arquitetura é uma forma de estabilização e formalização do movimento, controlando a deslocação corporal e a orientação dos fluxos humanos.”<sup>6</sup>



Em em cada estação, um contacto com a arquitetura de mais alto nível produzida em Portugal. Com intervenções de Eduardo Souto Moura, José Bernardo, Álvaro Siza Vieira, Alcino Soutinho, Rogério Cavaca, Fernando Távora, Humberto Vieira, Adalberto Dias e José Gigante, a rede urbana de mobilidade viu destacada a qualidade do desenho urbano com o prémio “Veronica Rudge Green Prize” em 2013. Em 2012 e 2014, o Porto volta a ser destacado pela European Consumers Choice, como o melhor destino turístico da Europa.

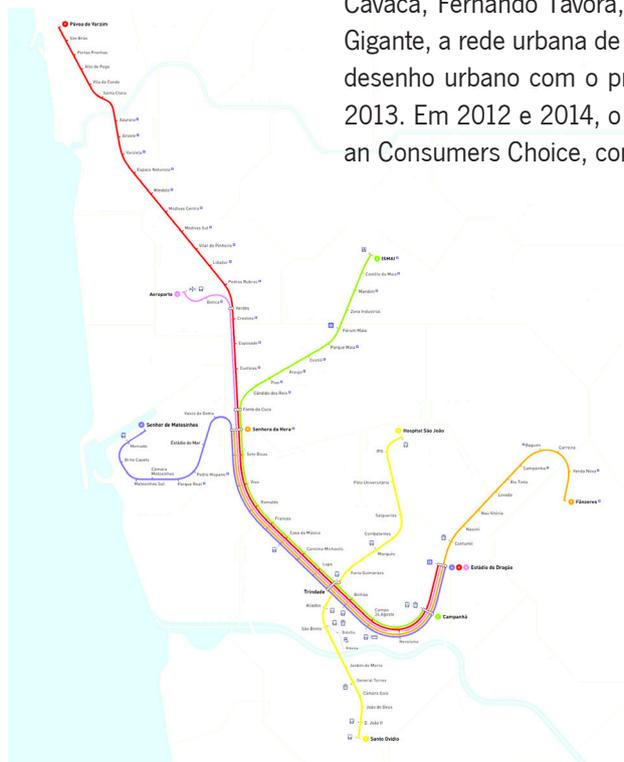


Imagem 32:  
Rede de metro do Porto



## Sistemas de mobilidade urbanos

No Porto, a rede de metro é talvez o sistema de mobilidade mais utilizado pelos portuenses nas suas deslocações; rápido, seguro e abrangente, conecta o Porto em todos os seus pontos cardeais, em curtos períodos de tempo e frequentemente animados por um espírito muito próprio. A rede de Metro do Porto foi pensada para receber os visitantes do Porto 2001 – Capital Europeia da Cultura e, com isso, projetar a cidade para novos patamares de crescimento, mobilidade e potencial turístico. Atualmente, conta com 81 estações repartidas por 6 linhas de Metro que cobrem 8 concelhos da Área Metropolitana do Porto (Porto, Maia, Matosinhos, Póvoa de Varzim, Vila do Conde, Vila Nova de Gaia, Gondomar e Trofa), perto de 70 Milhões de passageiros por ano. Com um serviço que liga diretamente ao Aeroporto, o Metro do Porto é, na grande maioria das vezes, o primeiro contacto que o turista (internacional, mas também o português) tem com a cidade do Porto e os seus sistemas de mobilidade. É o sistema de mobilidade mais utilizado pelos portuenses, com impactos positivos de cariz social, económico e ambiental **66 - 67**. Nas palavras de Souto Moura, o arquiteto e coordenador do projeto, *o metro mais do que um meio de transporte, veio contruir lugares, recantos, juntando a cidade e desenhando a metrópole*<sup>7</sup>.

No Porto, encontramos espaço e escala para analisar o fenómeno dos sem-abrigo e o impacto que estes têm nas cidades um pouco por todo o mundo. Partilhando dos mesmos sistemas e dispositivos de comunicação e mobilidade comparativamente a outras cidades europeias e mundiais, o Porto resume um contexto tão específico quanto transversal, no sentido da proposta prática não se focar em particularidades do Porto, mas de tecer considerações a outros contextos semelhantes. Entre a paragem e a necessidade de estar em contante movimento como princípio de inclusão, a rede de metro do Porto, conforma o cenário ideal para potenciar a inclusão urbana: em cada estações e paragem, um lugar para parar, recuperar e recomeçar; ao encontro dos demais equipamentos e serviços sociais dispersos pela cidade, aproximados assim por esta espécie de máquina do tempo, conector urbano, socialmente partilhado.



“Dizem-me também: ‘Se tens pena de alguém que tem dores, deves seguramente *acreditar* pelo menos que essa pessoa tem dores’. Mas como posso eu justamente *acreditar* nisso? [...] Como poderia eu aceder, justamente, à ideia da experiência de um outro, se não há possibilidade de evidência nela?

Estamos apenas no mundo das analogia: ele deve sentir o que eu sinto, ele deve sentir *como eu* sinto. E este *como eu* coloca logo um referencial ao Outro, ao que o Outro sente, *e esse referencial sou Eu*.

Enquanto na realidade exterior os referenciais são comuns, físicos, partilháveis, não egoístas em relação à realidade interior, aos sentimentos, às sensações, os referenciais são sempre absolutamente centrados no Eu. É a partir de mim, das minhas sensações, que eu posso perceber as sensações dos outros, enquanto, por exemplo, na medição de um terreno, é a partir de uma certa convenção instrumental e processual que eu percebo as distâncias e os tamanhos. Para medir o exterior há *réguas públicas*, colectivas; para medir; para medir o interior há apenas *réguas privadas*, diferentes entre si, impartilháveis.”

Gonçalo M. Tavares, Atlas do Corpo e da Imaginação - desligação e sensações, p.134

#### Referências bibliográficas

1. [porto.pt/investigação/desenvolvimento/inovação](http://porto.pt/investigação/desenvolvimento/inovação), consultado a 16 de Outubro de 2015
2. “na passagem, mais do que em qualquer outro lugar, a rua apresenta-se como o interior mobiliado e habitado pelas massas”  
Benjamin, W. Passagens, p.468
3. Baudelaire, Sobre a modernidade, p.19
4. [www.seg-social.pt/rede-social](http://www.seg-social.pt/rede-social)
5. “We are all in solitude in a crowd, at the same time”, BAUMAN, Z.: [www.youtube.com/watch?v=1miAVUQhdwM](http://www.youtube.com/watch?v=1miAVUQhdwM)
6. ARÇA 122., P.94
7. SOUTO M., E., A arquitetura do metro, p.16.



#### Habitar no limiar do íntimo e do coletivo .4. Metodologia

A abordagem à proposta para a inclusão dos sem-abrigo centrou-se na dualidade entre a dimensão individual e íntima sobreposta a um contexto de exterioridade urbano, onde a vida privada é manifestada, no lugar do público. Na referência a Powers of Ten, o sem-abrigo é enquadrado nos limites das suas vulnerabilidades e no território urbano - espaço ilimitado e meio coletivo - que contém as suas atividades. O sem-abrigo é pois o referencial, humano – do corpo no mundo – e estabelece o ponto de partida, a partir do qual são feitas considerações sobre o universo micro (íntimo) e macro (coletivo), que o envolve, discrimina e diferencia, ao encontro de uma estratégia inclusiva, na aceitação e prevenção, parte também da sociedade.

Até então foram apresentadas as principais inquietações e a investigação realizada em torno das questões sociais e urbanas, focando as vulnerabilidades da condição de pobreza extrema interpretadas nas carências humanas traduzidas no espaço. Neste capítulo é definida a metodologia adotada para a organização da informação recolhida ao longo desta investigação realizada no Porto. Os recolhidos registos e marcas relativas ao habitar limiar, os suportes da investigação, são traduzidos em catalisadores da estratégia de inclusão, sobre os quais intercedem as escalas, ferramentas da arquitetura, resultam num conjunto de mecanismos de mediação entre o sem-abrigo, a cidade e a sociedade.

A amostra apresentada resulta de uma análise realizada no Porto entre 2013 e 2016, com maior incidência na baixa portuense onde há registo de maior número de sem-abrigos. Durante este período, foram realizados percursos diurnos e noturnos pelas ruas mais movimentadas deste núcleo urbano, a pé e de metro, acompanhados de uma câmara fotográfica, um caderno de apontamentos, um gravador e um cartão andante, recarregado e renovado.

Ao longo deste período foram sendo recolhidos os suportes da investigação, dos quais fazem parte 1) as fotografias que compõem não apenas a epígrafe deste livro, em jeito de percurso, como também as 2) inscrições que apoiam a narrativa: as entrevistas e conversas realizadas com os sem-abrigo, os agentes sociais, entre os quais sociólogos, psicólogos, comerciantes locais, voluntários, que desenvolvem práticas de apoio solidário e, por fim, 3) os mapeamen-



- Estar na rua dá-lhe mais liberdade?  
“- Não... Eu não ligo a isso.  
Depois de uma certa idade nada nos proíbe.  
Mesmo que esteja num quarto, não há nada  
que prenda uma pessoa.”

“Muitos sem-abrigo vêm aqui porque querem recomeçar uma vida diferente (...) Sobre o preço total (da Revista Cais) 80% é para eles.”  
Cláudia Fernandes  
coordenadora da Cais no Porto



“- Já dormi em muitos sítios (...), mas é aqui (no viaduto) que me sinto melhor (...) estou perto de tudo e as pessoas às vezes ajudam-me.”  
João, sem abrigo há 2 anos, na rua Gonçalo Cristóvão.

“Aqui recebemos mais ou menos 600 pessoas por dia para comer. Temos WC, enfermeira e médico e eles até vêm cá tomar banho, cortar o cabelo... só não temos condições para ter alojamento.”  
Enfermeira na Instituição Coração da Cidade do Porto

“Perdi o trabalho, a mulher e a casa (...) vim para o Porto porque aqui ninguém me conhece. Agora já tenho alguns amigos.”  
Mário, estava sem abrigo há 2 meses, na Batalha.

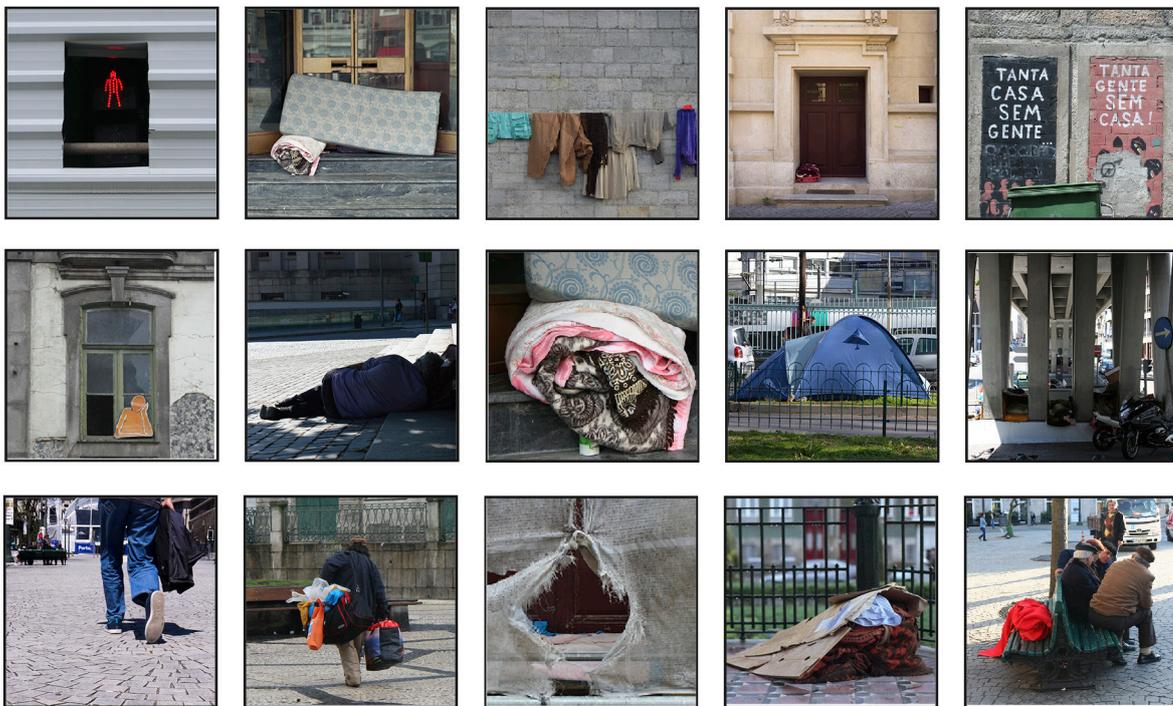


tos dos lugares mais frequentados pelos sem-abrigo, das instituições de solidariedade, dos serviços e equipamentos coletivos.

### **Suportes da investigação**

As conversas e entrevistas, suporte teórico factual e atual da situação dos sem-abrigo do Porto, permitiram aprofundar os conhecimentos teóricos sobre a mesma, sobre o dia-a-dia, habitat e motivações individuais e sociais, nas palavras dos próprios, dos agentes sociais, voluntários e pessoas em geral. As conversas com os sem-abrigo, relativamente itinerantes e diversificadas, acentuavam quase sempre, questões do dia-a-dia: sobre as rotinas individuais e coletivas, as estratégias de sobrevivência na cidade as (des)motivações pessoais e a (in)eficácia dos apoios sociais. As conversas com os agentes institucionais e voluntários solidários abordavam essencialmente as estratégias sociais e os apoios prestados no âmbito do contacto direto com os sem-abrigo, as estruturas e os serviços existentes nos centros sociais e as abordagens realizada na rua. Partindo das experiências relatadas foi possível estabelecer os vínculos estruturantes da estratégia para a inclusão.

Os registos fotográficos são o suporte gráfico da dimensão da realidade; a informação que permitiu acompanhar as apropriações espaciais e a resposta urbana ao problema, em função de sucessivos enquadramentos humanos sobre o contexto urbano. Por vezes forçado, o zoom e o foco, indagando diversos planos e ângulos capazes de incluir o sem-abrigo nas diversas estruturas e elementos da cidade. As fotografias estabelecem um olhar crítico sobre a problemática e com relativa naturalidade demonstram um ponto de vista particular sobre a importância da fotografia na disciplina. A fotografia permite composições e perspetivas do e sobre o mundo que nos rodeia, e neste contexto serviu também dar visibilidade aos sem-abrigo do Porto. Tendo como referência as narrativas urbanas realizadas por Vivian Mayer nas ruas de Nova Iorque e Chicago, também a câmara fotográfica serviu de utensílio essencial para retratar e captar os demais acontecimentos efémeros e instantâneos ocorridos no Porto, possíveis de acompanhar ao longo das visitas, também elas itinerantes. Enquanto ferramenta de trabalho e técnica de processo, a fotografia permitiu justapor situações e acontecimentos subvertidos da realidade ainda que possíveis de complementar, comparar e imaginar.



## 56 Marcas do habitar - síntese da análise

56

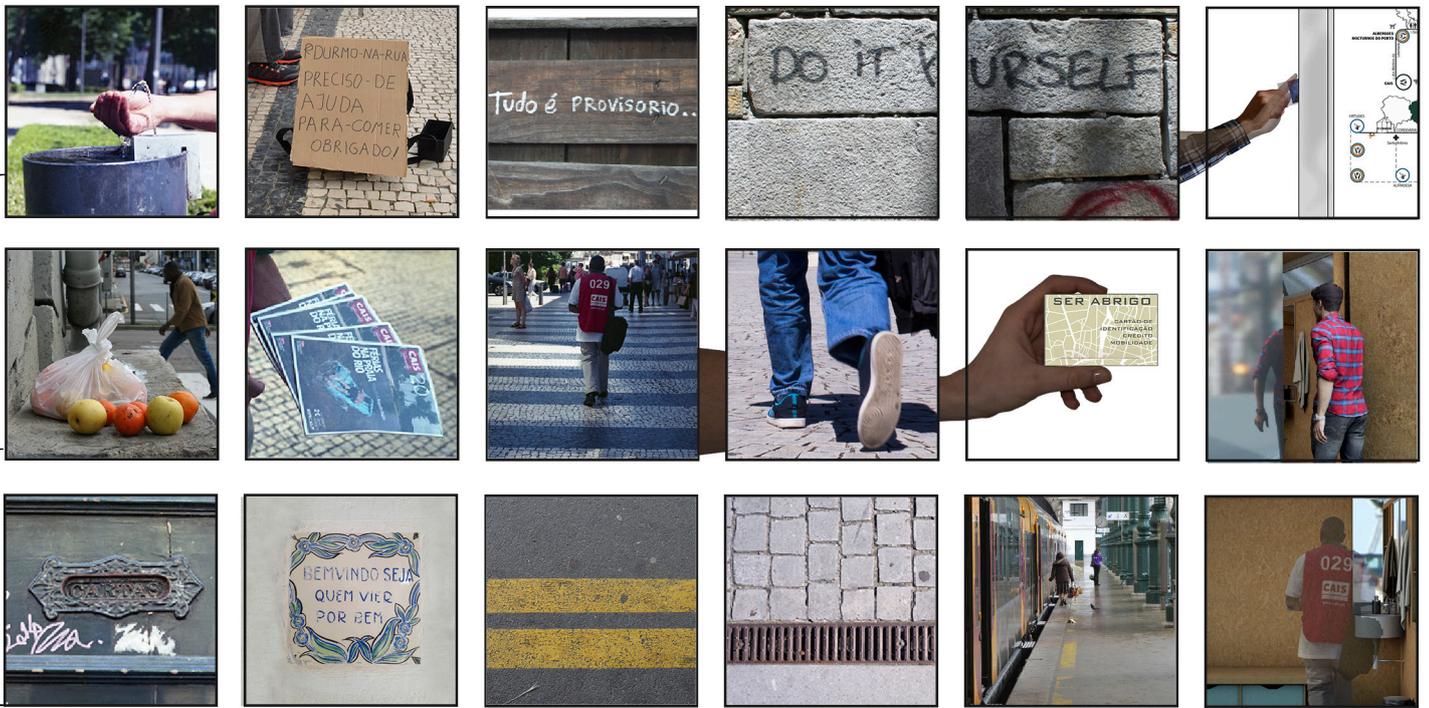
Por fim, os mapeamentos definiram o suporte representativo, do qual faz parte o levantamento e o ponto de vista crítico, por vezes especulativo sobre as apropriações e o uso do espaço (representados nas fotografias) assim como a identificação das estruturas de solidariedade e as formas de acesso às mesmas [síntese apresentada na p.58 e 59]. O mapeamento traduz a informação recolhida no Porto, através de desenhos e esquemas conceituais, de mapas e com eles novas perspetivas e geografias urbanas.

Os percursos realizados no Porto, tendo como meio de transporte intercidades o comboio, e posteriormente o metro e o autocarro, permitiram estabelecer relações pontuais com determinados núcleos urbanos cujas forças individuais não o permitiriam de outra forma. Na Baixa portuense, os deslocamentos realizaram-se a pé, permitindo focar as diversas manifestações da problemática, desde a escala humana à escala urbana, identificar marcas e inscrições tão caricatas quanto contestáveis. Estes suportes teóricos, gráficos e representativos, foram determinantes na definição da estratégia de inclusão. Como estratégia metodológica e organização do livro, a informação recolhida serviu de base para a concretização da proposta faseada, organizada a diferentes escalas.

### Mecanismos de Mediação

Abordar a problemática por escalas, coloca-nos no universo da relatividade e da comparação, questionando o tamanho ou dimensão da problemática do sem-abrigo, perante ele próprio, o território e a sociabilidade intrínseca a ambos. Escalas ou mecanismos de mediação, definem a metodologia e a estrutura deste trabalho, tecendo considerações pessoais e do ponto de vista da arquitetura, sobre a inclusão. Uma abordagem por escalas, faseada e de carácter subjetivo/relacional, estabelece sucessivas aproximações e afastamentos sobre as marcas deste habitar limiar, focando o sem-abrigo a diferentes distâncias, na mesma medida que são enfatizadas não apenas as condicionantes como também e acima de tudo as potencialidades de estruturar, incluir, este habitar nas cidades.

Num primeiro momento, as conversas colocaram-nos a uma distância próxima/intima dos intervenientes, sobre as quais tece considerações o primeiro capítulo, que procura dar visibilidade à problemática, centrada no sem-abrigo e nos seus objetos pessoais dispersos nas cidades. À distância de um metro, é possível ver com maior precisão, absorver sensorialmente as condições de sobrevivência humana na pobreza extrema, sentir a empatia da dor e sofrimento



existenciais. Este enquadramento da intimidade humana é mediado pela escala de pormenor, focando os limites físicos humanos na construção de significado e pertença com a cidade, a partir da qual é proposto, como princípio para a inclusão, a construção de limites entre o espaço público e o espaço privado: a escala da (IN)visibilidade.

No segundo capítulo, a distância de 10 metros, coloca-nos sobre os lugares apropriados nas cidades pelos sem-abrigo. A esta distância pessoal e pública, é enquadrado o habitar limiar, nos vínculos que estabelece com o espaço e as pessoas em geral. Este enquadramento local e prosaico é mediado pela escala da localização, focando os limites físicos espaciais que definem a centralidade destes lugares tão específicos quanto genéricos, a partir dos quais é proposto, como princípio para a inclusão, uma vinculação segura entre o sem-abrigo e a cidade: a escala da (des)Vinculação.

No terceiro capítulo, a 100 metros de distância do sem-abrigo, as dinâmicas dos sem-abrigo são enquadradas a partir do levantamento e identificação dos serviços sociais e coletivos e dos espaços coletivos, dispersos por toda a cidade. O contexto urbano e social, é mediado pela escala urbana, ao encontro dos sistemas e das redes sociais e urbanas que centralizam e polarizam as diâmicas coletivas dos sem-abrigo, a partir das quais é proposta uma abordagem à cidade fragmentada, no sentido de incluir os sem-abrigo nas dinâmicas urbanas: a escala da (i)Mobilidade.

Por fim, um ponto de vista mais afastado, coloca-nos perante o território à distância de 1000 metros. A esta distância, as diferenças entre os indivíduos são invisíveis e o território urbano resulta numa linguagem de cheio e vazio, entre o construído e o não construído, as ruas estabelecem as vinculações entre os lugares, sem limites que as encerrem. Sobre a baixa portuense, é feita a analogia entre a identidade deste núcleo central, transversal a outros núcleos urbanos, e a identidade individual dos seus habitantes, entre os quais, o sem-abrigo: a escala da (ID)Entidade.

Em cada capítulo é instigada uma escala, uma escala de inclusão, e no seu conjunto os princípios da estratégia de inclusão a seguir apresentada. Cada escala entende uma distância para com o sem-abrigo, inversamente oposta às ausências que enfatizam a exclusão; um renovado conjunto de informação, assente nas políticas urbanas e estratégias sociais, nos sistemas urbanos e redes sociais, juntos das matérias “amigas” dos sem-abrigo, procuramos com este projeto teórico-prático tecer uma perspectiva tangente à solidariedade e caridade praticadas nos dias de hoje.



**Rap Alfacinha**  
**Jorge Augusto**

Oiçam com atenção  
O que vos vou contar

Vou falar de uma cidade  
Na qual estou a morar  
(2 X)

Cidade pequenina  
Que nunca foi conquistada

Toda a gente que a visita  
Fica maravilhada  
(2 X)

**REFRÃO**  
Porto é a cidade onde vivo  
Porto, onde eu vou tu vais comigo  
(2 X)

Com o Douro vinhateiro  
Foi capital da cultura

Esta terra tem gente  
De muita bravura  
(2 X)

Ao chegar às Fontainhas  
A vista é um tesouro

Vê-se a cidade de Gaia  
E os Rabelos no Douro  
(2 X)

**REFRÃO**  
Porto é a cidade onde vivo  
Porto, onde eu vou tu vais comigo  
(2 X)

Já vivi em muitos sítios  
Sou natural de Lisboa

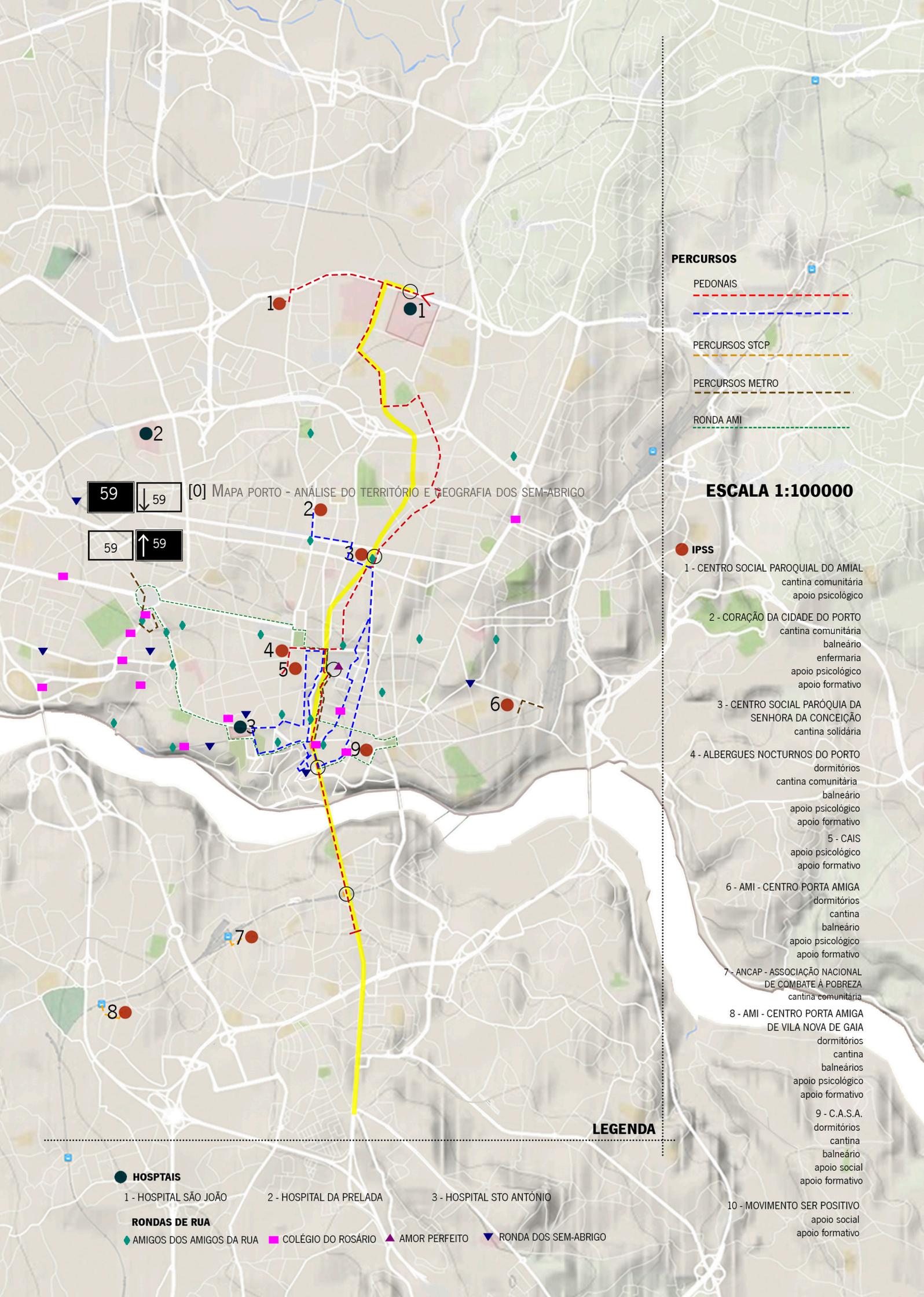
Mas como os tripeiros  
Não há malta tão boa  
(2 X)

E agora para acabar  
Já estais cansados de me ouvir

Terra como o Porto  
Não há para curtir  
(2 X)

**REFRÃO**  
Porto é a cidade onde vivo  
Porto, onde eu vou tu vais comigo  
(2 X)

Letra da música - RAP Alfacinha  
Encontro semanal de sem-abrigo  
no âmbito da ocupação dos tempos livres da AMI



[0] MAPA PORTO - ANÁLISE DO TERRITÓRIO E GEOGRAFIA DOS SEM-ABRIGO

59 ↓ 59  
59 ↑ 59

**PERCURSOS**

- PEDONAIS
- PERCURSOS STCP
- PERCURSOS METRO
- RONDA AMI

**ESCALA 1:100000**

**IPSS**

- 1 - CENTRO SOCIAL PAROQUIAL DO AMIAL  
cantina comunitária  
apoio psicológico
- 2 - CORAÇÃO DA CIDADE DO PORTO  
cantina comunitária  
balneário  
enfermaria  
apoio psicológico  
apoio formativo
- 3 - CENTRO SOCIAL PARÓQUIA DA SENHORA DA CONCEIÇÃO  
cantina solidária
- 4 - ALBERGUES NOCTURNOS DO PORTO  
dormitórios  
cantina comunitária  
balneário  
apoio psicológico  
apoio formativo
- 5 - CAIS  
apoio psicológico  
apoio formativo
- 6 - AMI - CENTRO PORTA AMIGA  
dormitórios  
cantina  
balneário  
apoio psicológico  
apoio formativo
- 7 - ANCAP - ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE COMBATE À POBREZA  
cantina comunitária
- 8 - AMI - CENTRO PORTA AMIGA DE VILA NOVA DE GAIA  
dormitórios  
cantina  
balneários  
apoio psicológico  
apoio formativo
- 9 - C.A.S.A.  
dormitórios  
cantina  
balneário  
apoio social  
apoio formativo
- 10 - MOVIMENTO SER POSITIVO  
apoio social  
apoio formativo

**LEGENDA**

- HOSPITAIS**
- 1 - HOSPITAL SÃO JOÃO      2 - HOSPITAL DA PRELADA      3 - HOSPITAL STO ANTÓNIO
- RONDAS DE RUA**
- AMIGOS DOS AMIGOS DA RUA      COLÉGIO DO ROSÁRIO      AMOR PERFEITO      RONDA DOS SEM-ABRIGO



60 Perspectivas Aceleradas : dentro do metro

60

*“Estou quase a chegar, mas não será o fim. Apenas ligeira paragem antes de preparar distância maior, capaz de conquistar um coração. O coração é um sólido geométrico onde nasce o sangue. Penso agora que caminho para desenhar as veias.”*

Andy Calabozo, Laboratório Experimental de Processos Criativos

10 million meters



7  
10  
meters

*“We are able to see the all earth now“*

Imagem 34: +7 | Frame retirado de Powers of Ten - 1:52”



## 61 Inclusão Estratégica

0

1:1

61

“As we approach the limit of our vision, we pause to start back home. This lonely scene, the galaxies like dust, is what most of space looks like. This emptiness is normal. The richness of our own neighbourhood is the exception.”

Charles e Ray Eames, Powers of Ten [4'44"- 5']

## Estratégia de Inclusão - Sem Escala

A estratégia de inclusão procura (re)definir a abordagem ao problema de sem-abrigo, partindo da interpretação até então exposta e instigada pelas ciências sociais (agente promotora e impulsionadora das estratégias existentes atualmente). Através da arquitetura, também ciência e arte, é proposto um novo enquadramento por escalas, ferramentas de arquitetura, que intercedem como mecanismos de mediação entre o sem-abrigo e a cidade. Nessa simbiose, é feita uma interpretação das estratégias sociais existentes, propondo a integração dos mecanismos urbanos para complementação e validação de uma possível resposta, inscrita não apenas na teoria sociológica como também e sobretudo, incluídas na teoria urbana, a cidade, o território da sociedade. O papel social da arquitetura intercede na reinterpretação as premissas sociais de combate ao problema na interseção das vontades dos próprios sem-abrigo (o cliente), moldando-as e incluindo-as numa nova perspetiva perante a cidade e a sociedade, contributo como agente mediador entre o homem e o espaço, no caminho de novos significados entre o homem e o lugar que ocupa no mundo.

Partindo do princípio que existe um desfasamento entre as necessidades do sem-abrigo e as respostas existentes até então apresentadas, voltamo-nos para o universo do sem-abrigo junto dos suportes, sistemas e redes sociais, existentes em praticamente todas as cidades, pelo que a exclusão social, parece-nos um ato absorvido à ausência de respostas práticas e factuais perante a ausência de refúgio e a opinião pública. A exclusão entre os pares é uma realidade, e por isso resolvemos abordá-la como uma não-questão, isto é, como um problema cujo fracasso está associado à abordagem. Da União Europeia para toda a Europa, a estratégia Europa 20, direciona-se a todos os países membros sugerindo considerações sobre as áreas de atuação no combate à pobreza extrema, referindo a urgência de “uma economia inteligente, sustentável e inclusiva”<sup>1</sup> para todos os cidadãos. Para o caso específico dos sem-abrigo,



## 62 [0.1] SEM ESCALA - Esquema conceptual da proposta de intervenção - CÂMARA DE GAIA E SÃO BENTO

62

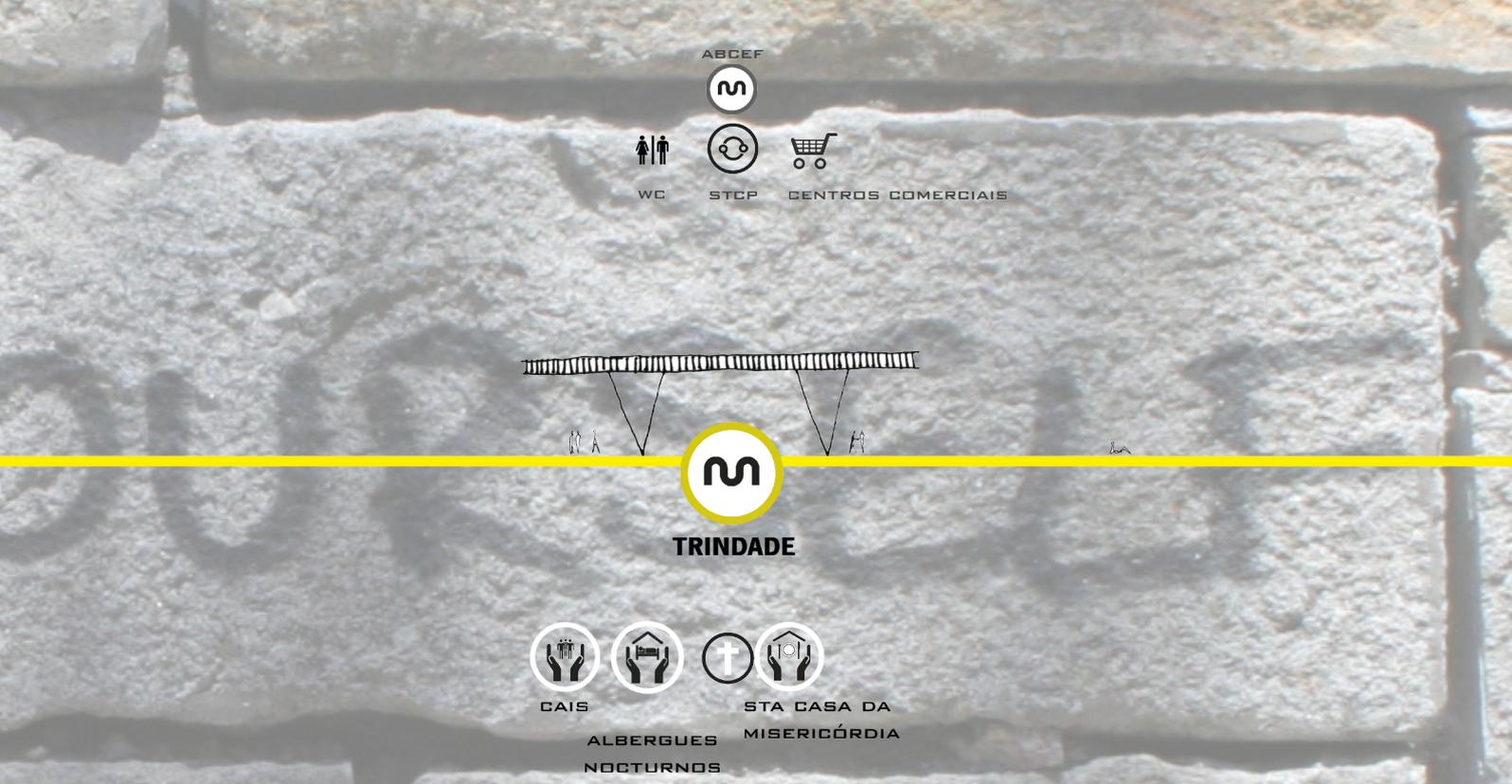
O modelo The Housing First atual é da autoria do psicólogo Sam Tsemberis, para responder às necessidades dos sem-abrigo com doença mental. “O programa promove o acesso direto a uma habitação estável, integrada em contextos de vizinhança *mainstream* da comunidade e em diferentes zonas da cidade”<sup>5</sup>.

Atualmente praticado em Lisboa, ao abrigo do Plano dos Direitos Sociais para 2016-2018, onde consta a necessidade de ampliação da rede de equipamentos sociais, nomeadamente: *centros de acolhimento, de inserção, balneários, e cacifos solidários distribuídos pela cidade*. À semelhança de outros países na Europa, Lisboa tem vindo a disponibilizar Habitações de Transição para os sem-abrigo, até à data, encontram-se em funcionamento 61 habitações partilhadas entre 3 a 4 sem-abrigo por habitação, acompanhadas pelos agentes sociais<sup>6</sup>.

No Porto, a abordagem à habitação parece apontar para a progressiva fixação dos sem-abrigo em programas de empowerment das suas capacidades intelectuais, envolvidos em formações e workshops, e direcionados para instalações distantes das suas dinâmicas. Em 2016, a estratégia aprovada no Porto o programa Porto de Abrigo, conta com a criação de um albergue nas instalações do antigo Hospital Joaquim Urbano, “com 25 a 30 camas” e de um restaurante comunitário localizado na Ordem do Terço, na praça da Batalha<sup>7</sup>.

Ademais, são potenciados os serviços sociais existentes, destacando iniciativas ao nível da formação profissional e da ocupação dos tempos-livres.

As principais diferenças entre as propostas do Porto e Lisboa referem-se à perspetiva urbana face ao problema este projeto retirou da rua em 2016, cerca de 50 pessoas com doença mental grave. Implementado com o apoio do Instituto da Segurança Social, o projecto disponibiliza apoio ao arrendamento e serviços de suporte individualizados no contexto habitacional e de ligação com outros recursos da comunidade.

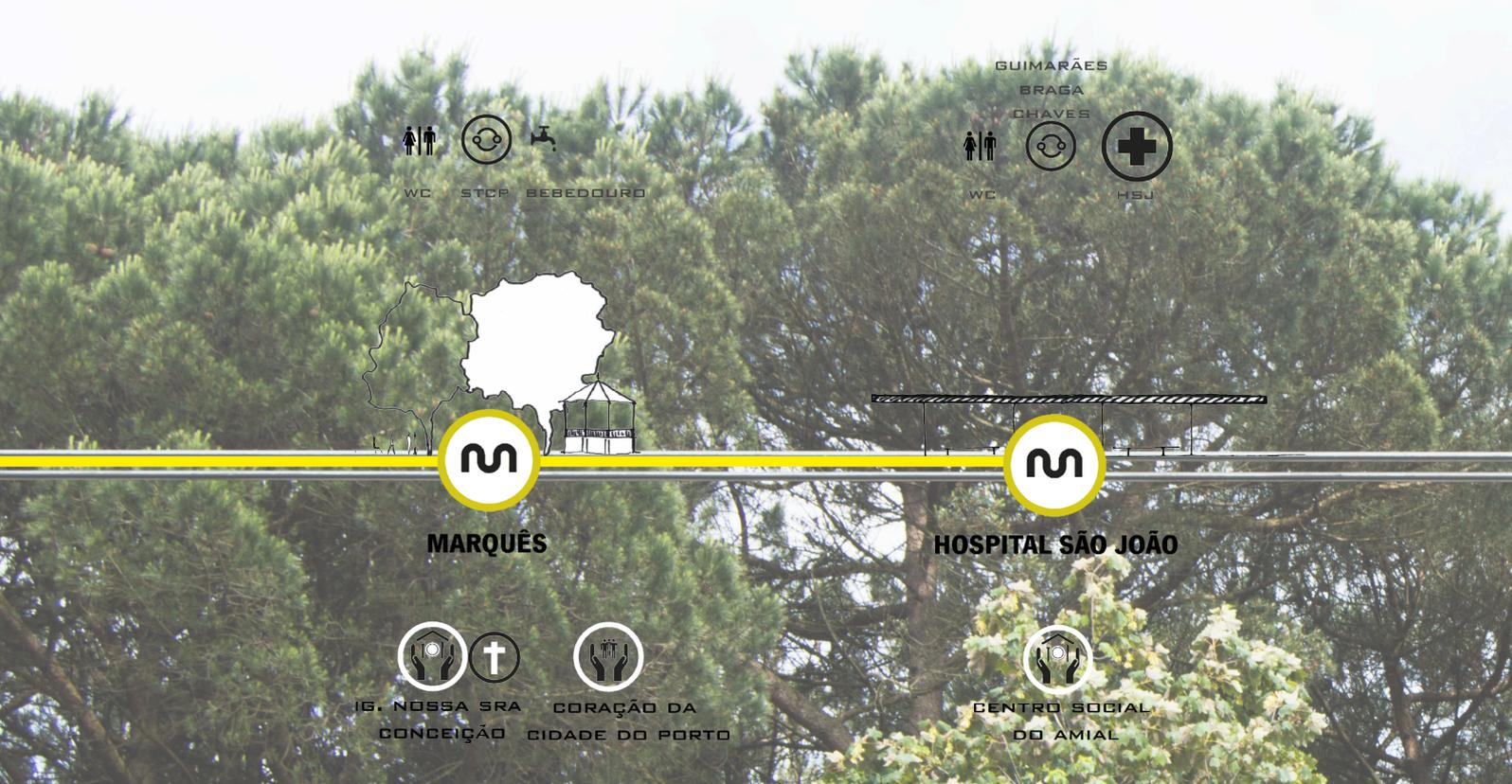


**63** [0.2] SEM ESCALA - Esquema conceptual da proposta de intervenção - TRINDADE

63

a estratégia acentua a importância do emprego na participação ativa em sociedade, participado por um Fundo Social Europeu na ordem dos 76 mil milhões de euros, direcionados a “promover o emprego, a inclusão social e a igualdade de oportunidades e para desenvolver as competências e aptidões das pessoas”<sup>2</sup>, para Portugal. No entanto, e segundo os agentes sociais inquiridos neste estudo, “é difícil estabelecer um valor que dialogue com as motivações destas pessoas e a realidade das oportunidades existentes”. Se por um lado, os apoios sociais são importantes no dia-a-dia dos sem-abrigo, por outro lado encontramos-nos perante o paradoxo da ajuda humanitária<sup>3</sup>, onde as soluções imediatas tendem a condicionar os sem-abrigo a uma dependência de apoios em detrimento das reais possibilidades humanas que cada pessoa contém. Uma pessoa fragilizada, definida na ausência e nas suas próprias limitações, mais facilmente se entrega aos outros, na esperança da salvação. Esse é o poder da vulnerabilidade, “o de gerar sentimentos de apoio à nossa volta”<sup>4</sup>. Por sua vez, a questão do “abrigo”, carece de uma abordagem a várias dimensões: espacial, relacional, urbana, e global, no limite, planetária - a Terra, abrigo de todos os seres vivos.

Atualmente as estratégias direcionadas à inclusão dos sem-abrigo de maior sucesso, registam-se nas iniciativas diretamente relacionadas com o acesso à habitação digna, entre os quais, o projeto The Housing First [p.62], ou Casas Primeiro, cuja premissa consiste em reabilitar edifícios devolutos nos centros urbanos, para os sem-abrigo institucionalizados. Ainda que pertinente, esta estratégia está direcionada aos sem-abrigo com *doença mental*, cujas premissas de abordagem visam um acompanhamento e supervisão por parte dos agentes sociais, ao mesmo tempo que coloca numa mesma habitação, pessoas com carências específicas, estranhas entre si, condicionadas pela dependência dos apoios e solidariedades em geral. No entanto como já referido anteriormente, este projeto de investigação volta-se para a questão da autonomia e independência, como um ponto fulcral numa abordagem direcionada à transição, promovendo ferramentas de apropriação individual, antes de propor respostas concretas. Não se pretende tratar a problemática ditando ordens e obrigações, pelo contrário, propondo direções e instrumentos utilitários para que o sem-abrigo encontre motivação para ele próprio ser gestor da sua vida, mesmo que isso signifique, estar associado aos sistemas e serviços urbanos e solidários, não por obrigação mas, com o intuito de complementação.



**64** [0.3] SEM ESCALA - Esquema concetual da proposta de intervenção - MARQUÊS E HOSPITAL SÃO JOÃO

64

**Inclusão humana**

Uma estratégia idealista para a inclusão, tenderia a criar, mesmo que fictícias, condições, lugares e universos paralelos à pobreza extrema, perspetivando possibilidades e imaginários que permitam a todas as pessoas sonhar. E a realidade, surge como uma construção contínua, tal como a identidade, é subjetiva e tem múltiplas interpretações. *Há pois tantas maneiras de olhar os sem-abrigo, quanto as pessoas que os olham*<sup>9</sup> e, também as pessoas têm vários olhares. Nesta construção, primeiro mental, interessa referir Jean Baudrillard, antes ainda de definir a estratégia de inclusão. Entenda-se:

*«Dissimular é fingir não ter o que se tem. Simular é fingir ter o que não se tem. O primeiro refere-se a uma presença, o segundo a uma pura ausência. Mas é mais complicado pois simular não é fingir: “Aquele que finge uma doença pode simplesmente meter-se na cama e fazer crer que está doente. Aquele que simula uma doença determina em si próprio alguns dos respectivos sintomas.» (Litré). Logo, fingir ou dissimular deixam intacto o princípio da realidade: a diferença continua a ser clara, está apenas disfarçada, enquanto que a simulação põe em causa a diferença do “verdadeiro” e do “falso”, do “real” e do “imaginário”. O simulador está ou não doente, se produz “verdadeiros” sintomas? Objectivamente não se pode tratá-lo nem como doente nem como não doente»*

Jean Baudrillard, Simulacros e Simulação, pp 9,10

O jogo das diferentes leituras do real que Baudrillard refere é, afinal, um jogo de soma-zero. Entre a realidade e o simulacro não existem diferenças aos olhos de quem lê a situação. Se o sem-abrigo, antes de o estar, era um indivíduo comum (que não se definia pela posse ou ausência de uma habitação pessoal), não incorporará ele traços de quem tem um abrigo? Voltando à citação referida no incício da problemática, *“Porque não somos todos vagabundos?”* E são esses traços, que o distinguem, um simulacro (porque o seu estado é hoje o de não ter abrigo) ou uma realidade (porque a sua autorrepresentação se define muito para lá da posse de um espaço privado)? Compreender este jogo entre vontade e restrição é compreender que há um Homem em cada sem-abrigo; que há um Homem para lá de cada sem-abrigo.



65 Em busca da natureza na cidade II

65

## Inclusão urbana

*“Assume-se como uma marcação de um tempo na passagem de um lugar para outro. Não é por isso um lugar em si mesmo. Afirma-se pelo contrário, um hiato entre lugares. Assim se procura encontrar um sentido para um território que se tem construído pela simples acumulação de elementos, sem qualquer hierarquia e onde qualquer estratégia de desenhos está ausente. (...)”*

João Álvaro Rocha, A arquitetura do metro, p.125

Este trabalho propõe então a dissimulação da condição do sem-abrigo - das carências ou vulnerabilidades humanas - na cidade, através da simulação de soluções para a inclusão na cidade. Em cada capítulo, uma escala, um princípio para a inclusão, nomeadamente, uma rede, um sistema, uma infraestrutura e uma estrutura, definem limites para o projeto de arquitectura, abrindo novos caminhos para a inclusão social. Um conjunto de ferramentas de apropriação individual, integrados nos mecanismos urbanos e sociais. Por outras palavras, é proposta uma rede de serviços sociais e urbanos composta pelo sistema de mobilidade, a partir da qual o sem-abrigo tem acesso às estruturas de solidariedade, entre os quais o abrigo, estrutura de abrigo da intimidade, polarizador e impulsionador desta nova dinâmica de habitar, no limiar do íntimo e do coletivo. A cidade é interpretada à escala de uma casa.

**4.** A escala 1:10000 desenha a rede social 75 compreende todas as estruturas, os serviços e os equipamentos sociais e urbanos, que intercetam o habitar do sem-abrigo, à escala da satisfação das necessidades humanas. É uma rede aberta de construção livre, isto é, permite vários tipos de combinações entre as estruturas sociais - instituições de solidariedade, cantinas comunitárias, albergues noturnos, rondas de rua - e as estruturas urbanas - balneários públicos, instalações sanitárias, lavadouros, bebedouros, hospitais, lavandarias e serviços lowcost, e ainda parques e jardins, estações de metro, de comboio e de autocarros. A rede de metro do Porto contém o território em análise e o substrato adjacente a esta nova rede, a partir da qual a rede social emerge, ao encontro dos percursos e lugares do sem-abrigo.



66

2ª Lei de Newton ou Princípio Fundamental da Dinâmica:

1000:1

66

81

**3.** A escala 1:1000 inclui o sistema, de mobilidade e estabelece as ligações entre as estruturas sociais e urbanas inscritas na rede, minimizando as distâncias físicas entre eles. O metro, é o meio de conexão entre as partes/fragmentos, a partir do qual a casa do sem-abrigo ganha forma, dimensão e proporção.

Nesta interpretação, o sistema de metro estaria para a casa à escala de um corredor, o elo de ligação entre as partes. Em curtos períodos de tempo é possível estar em lugares tão distantes que, de outra forma não seriam alcançados, realizáveis pedonalmente pelo sem-abrigo. Rede social e rede de metro simulam a casa urbana, uma vez que todas as estruturas que interliga são interpretados como compartimentos de uma casa, uma casa feita de fragmentos urbanos, unidos pelo metro, definem os limites desta casa à escala da cidade. Do mesmo modo, a condição de ausência de habitação é dissimulada, o sem-abrigo está ao abrigo da cidade.

97

**2.** A escala 1:100 integra a infraestrutura, a vinculação segura, e refere-se aos lugares e à implantação do abrigo na cidade. O abrigo implantado nas paragens de metro estabelece uma vinculação segura entre a cidade e o sem-abrigo, uma vez que, a cada paragem de metro, em cada estação, a certeza de dois abrigos. Esta infraestrutura é pois um lugar, para parar, para dormir, a partir do qual o sem-abrigo estabelece as relações com, as pessoas, os serviços e todos os lugares que entender.

A estrutura é o abrigo mínimo, a unidade onde se insere o sem-abrigo. Um dispositivo híbrido, de apropriação individual, que simula no seu miolo um quarto, o espaço da intimidade. O abrigo é a estrutura social em falta no universo das estruturas de solidariedade existentes nas cidades.

113

**1.** A escala 1:10 propõe uma materialidade e estrutura, para a materialização do abrigo, dissimulando a presença humana no seu interior, um espaço protegido das intempéries e das agressões externas. O abrigo é um objeto simulador e na mesma medida contendor, é um dispositivo urbano, à imagem de um quiosque, um abrigo de paragem de autocarros, dissimulado no contexto do mobiliário urbano. Na mesma medida, oferece as condições mínimas de conforto mínimo no interior, à escala um quarto numa casa, um espaço mínimo para dormir.



67 “A força resultante que atua sobre um corpo é diretamente proporcional à aceleração que ele adquire” 1000:1

67

“(…) É essa procura de sentido que permite estabelecer relações entre o construído e fazer com que os vazios se tornem significantes. Também assim se pode construir uma forma de urbanismo e uma paisagem.”

João Álvaro Rocha, A arquitetura do metro, p.125

## Inclusão social

A estratégia de inclusão resulta na inclusão, no sentido de proteção e da autonomia individual, conotada à mobilidade, vinculação e visibilidade; 127 E a inclusão, junto da apropriação do abrigo mínimo, o sem-abrigo incluído no seu miolo está também incluído e dissimulado do contexto de exclusão, integrado numa rede de serviços complementares às suas atividades. A inclusão social resultaria então num processo de aceitação em função da sua não-problemática. Autónomo, independente e indiferente, o sem-abrigo passaria a estar ao abrigo da cidade, de tal forma que a sua condição de pobreza extrema deixaria de ser um fator de discriminação.

Uma estratégia é transversal a pessoas, lugar, cidade e pode ser aplicada a vários contextos, possível de estar integrada em projetos financiados pelo FSE, na estratégia Europa 20, na rede social portuguesa, contactando diretamente com os usuários, intervenientes na construção e manutenção do abrigo, a pretexto de formações profissionais ou ocupação dos tempos livres.

Referências bibliográficas:

1. Estratégia Europa 2020, consultado em, [https://www.eapn.pt/iefp/docs/Estrategia\\_Europa\\_2020.pdf](https://www.eapn.pt/iefp/docs/Estrategia_Europa_2020.pdf)
2. Op.cit.
3. Paradoxo da ajuda humanitária. No caso da Onu, os imensos apoios fornecidos inviabilizam a possibilidade de autonomia e crescimento das populações que apoiam, dependentes destes apoios e de ajudas externas para viver diariamente.
4. Brené Brown, Powers of Vulnerability, Ted Talks.
5. [www.feantsaresearch.org/IMG/pdf/review-2-3.pdf](http://www.feantsaresearch.org/IMG/pdf/review-2-3.pdf), consultado a 17 de Outubro de 2016
6. [www.jornelas.aeips.pt/?page\\_id=40](http://www.jornelas.aeips.pt/?page_id=40), consultado a 17 de Outubro de 2016
7. [jpn.up.pt/2016/07/05/programa-apoio-sem-abrigo-aprovado-pela-camara-do-porto/](http://jpn.up.pt/2016/07/05/programa-apoio-sem-abrigo-aprovado-pela-camara-do-porto/), consultado a 17 de Outubro de 2016
9. Bento A., Barreto E., Sem-Abrigo Sem-Amor, p. 21

*INICIA-SE A VIAGEM DE VOLTA AO SEM-ABRIGO. EM CADA CAPÍTULO, UMA ESCALA, UM PRINCÍPIO PARA A INCLUSÃO.*

*UM TERRITÓRIO, UMA CIDADE, UM LUGAR, IDENTITÁRIOS TANTO QUANTO GENÉRICOS, SÃO AGORA SUJEITOS A MECANISMOS DE MEDIAÇÃO ENTRE O TEMPO E O ESPAÇO, ENTRE O EXTERIOR E O INTERIOR, ENTRE O ÍNTIMO E O COLETIVO, ENTRE O HOMEM E O ESPAÇO QUE OCUPA NO MUNDO.*

*UM RITMO CONTÍNUO ATÉ AO NOSSO OBJETIVO FINAL:*

*A INCLUSÃO DO SEM-ABRIGO NA CIDADE E, CONSEQUENTEMENTE EM SOCIEDADE.*

68

68

*“CADA UM DE NÓS EXISTE APENAS DURANTE UM CURTO PERÍODO DE TEMPO  
E NESSE PERÍODO EXPLORA APENAS UMA PEQUENA PARTE DE TODO O UNIVERSO.*

*OS SERES HUMANOS SÃO, TODAVIA, UMA ESPÉCIE CURIOSA: INTERROGAMO-NOS, PROCURAMOS RESPOSTAS. VIVENDO NESTE VASTO MUNDO  
ALTERNADAMENTE GENEROSO E CRUEL  
E CONTEMPLANDO O IMENSO CÉU QUE OS COBRE, OS SERES HUMANOS SEMPRE SE FIZERAM UM SEM-NÚMERO DE PERGUNTAS.”*

STEPHEN W. HAWKING, O GRANDE DESÍGNIO, 2011, P.9

*“The trip back to the picnic on the lake front will be a speed up version, reducing the distance to the Earth surface by one power of ten every two seconds. In each two seconds we will appear to cover 90% of the remaining distance back to Earth, noticing alternation between great activity and relative inactivity.*

*A rhythm that will continue all the way to our next goal,  
a proton and nucleus of a carbon atom beneath the skin on the hand of the sleeping man at the picnic.”*

TIRA  
O MELHOR  
DO TEU  
ESFORÇO

SAIBA AQUI SE  
ESTÁ A POUPAR BEM

SOLUÇÕES DE POUPANÇA BEM  
QUE POUPAR, POUPAR BEM



69



SEM LEGENDA...

69



70  
70



1:10000

1000:1

71 [4] Escala 1:10000 - A cidade - casa (a rua como espaço para habitar: sobreposição do construído sobre o não construído)

71

*“Um dos aspectos mais salientes do mundo contemporâneo é, certamente, o da generalização progressiva da cultura europeia a todos os povos da terra; aos antigos e diferentes separados por barreiras físicas e espirituais que pareciam intransponíveis, sucede-se um novo mundo, de escala completamente diversa, animado pela influência de uma cultura comum.”*

Fernando Távora, Da Organização do Espaço, O homem contemporâneo e a organização do seu espaço, p.29

### 1:10000 \_ Escala da (ID)entidade

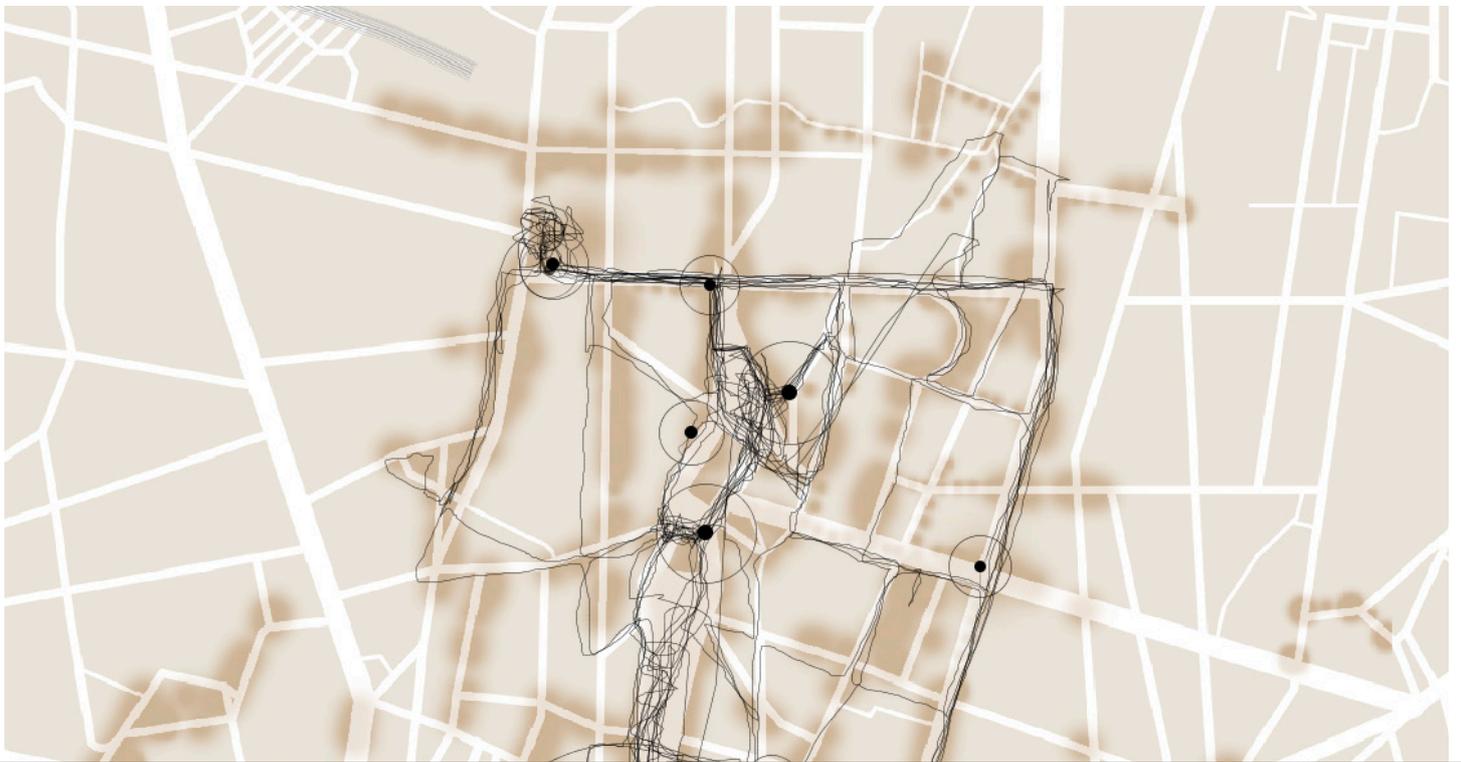
*“Construção da identidade. Eis o que é: um conjunto de experiências no mundo que se vão acumulando em camadas que se sobrepõem, confundem, misturam, desaparecem, não desaparecem, e essas experiências contínuas, absorventes, que o ser vivo mal consegue organizar interiormente a cada momento, essa acumulação impiedosa de informação material vai fazendo esquecer a base, a estrutura inicial, o ponto de partida: essa coluna ausente, a sensação de falta.”*

Gonçalo M. Tavares, Construção com uma coluna ausente, Atlas do Corpo e da Imaginação, p.199

A escala 1:10000 é a escala da (ID)entidade, a escala do território. Tão distante quanto próxima, é instigada a inclusão na cidade no recurso às estruturas existentes cuja identificação é representada num mapa de orientação, ajustado às necessidades do sem-abrigo na cidade.

Sobre a Baixa portuense, um enquadramento de 100 hectares é representado à escala 1:10000, cuja área circunscreve este núcleo urbano com maior concentração de sem-abrigo. Dentro destes limites procuramos dar visibilidade às dinâmicas dos sem-abrigo, propondo renovados vínculos com as estruturas e infraestruturas urbanas e sociais, fomentando o dinamismo no acesso às mesmas.

Neste capítulo é reinterpretada a cidade no conjunto dos serviços e equipamentos de carácter social possíveis de integrar uma rede solidária estruturada sobre as redes urbanas existentes no Porto, transversais a outros núcleos urbanos. A casa à escala da cidade, é a proposta para a (id)entidade. Ao abrigo da cidade, o sem-abrigo é agente e gerenciador da sua própria vida, dispendo das ferramentas essenciais para sobreviver na cidade ao longo desta travessia



72 Percursos e Deambulações - Um dia na Baixa

72

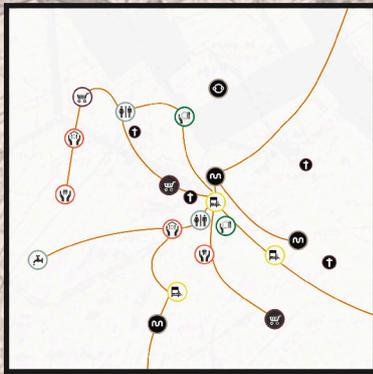


Imagem 35:  
Mapeamento da Baixa



Imagem 36:  
New Babylon,  
Constant Nieuwenhuys  
Escala 1:100000

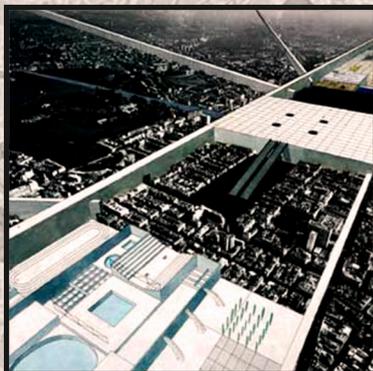


Imagem 37:  
Il Monumento Continuo  
(1969), SuperStudio



Imagem 38:  
Walking in the  
supersuperficie.  
SuperStudio

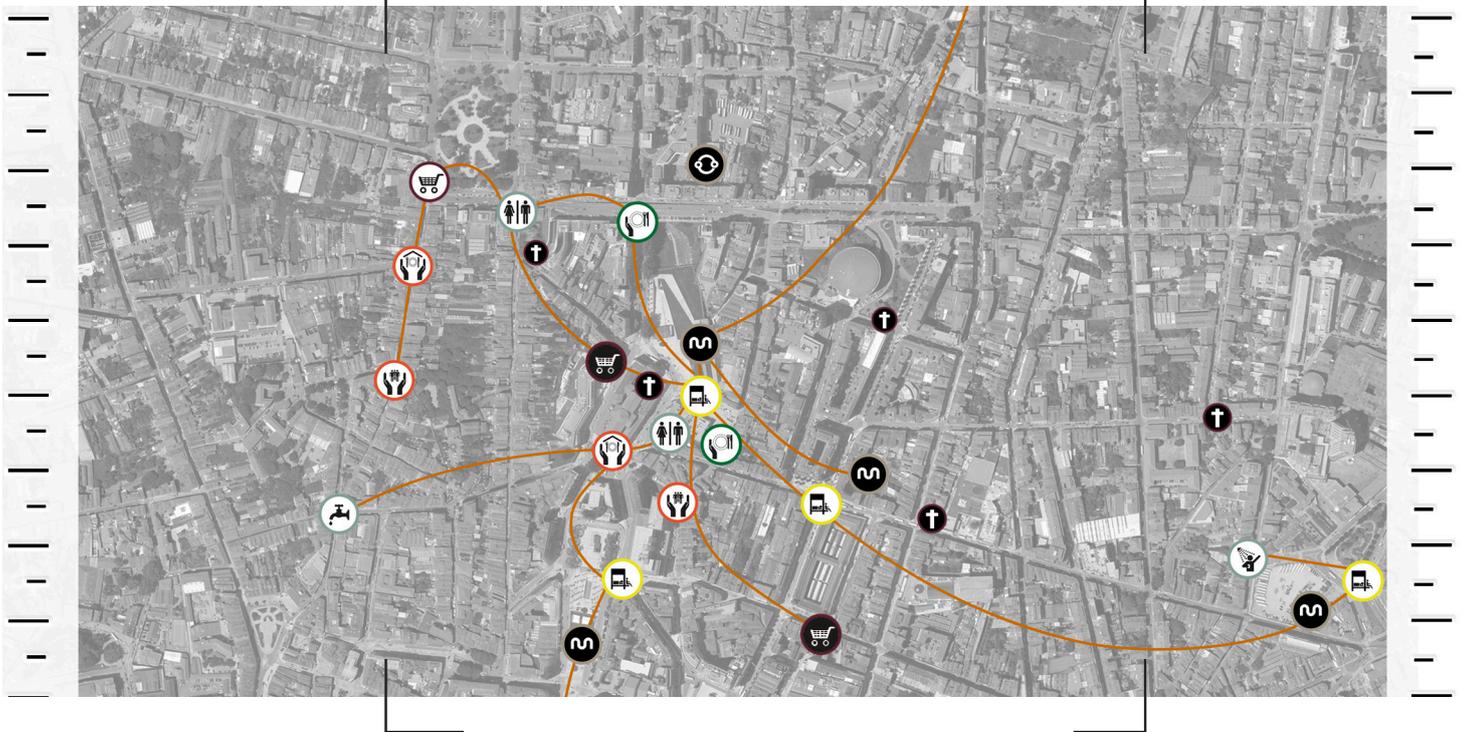


Nas cidades, os sem-abrigo movimentam-se com relativa liberdade ainda que condicionados a espaços e lugares tanto convencionais quanto duvidosos, pernoitam nos lugares menos atrativos e sem função específica, dotando-os de novos usos e composições. Porém, estas apropriações tendem a ser temporárias e efémeras, uma vez que *não é permitido dormir na rua*, esta possibilidade porém é social e politicamente aceite, em detrimento de melhores alternativas. Como mencionado anteriormente, a geografia social do sem-abrigo coloca o indivíduo num plano horizontal limiar, por não fazer distinção entre as esferas privada e pública, de tal modo que, a sua tradução no espaço, resulta num território composto por fragmentos ou partes da cidade, temporariamente apropriados pelos sem-abrigo, ao longo do dia.

Nessa leitura, são abrangidas novas formas desviadas das leituras tradicionais da arquitetura e do urbanismo, encontram referência no urbanismo unitário proposto pelos situacionistas nos meados do passado século, ao encontro de uma ordem estrutural compreendida na *união das artes e das técnicas, como meios de composição do meio ambiente e do ambiente social*. Do mesmo modo, as dinâmicas dos sem-abrigo potenciam a *deriva*, também ela psicogeográfica, aproximando-se das leituras urbanas de Guy Debord, ao encontro das *unidades de ambiência*, desenham-se “os espaços mais protetores da cidade”: as praças e os jardins, as cantinas e os balneários que, no seu conjunto desenhavam a casa do sem-abrigo. Sobre o movimento “contracultural” influenciado por Guy Debord e a crítica à sociedade “do espetáculo”, encontramos espaço para explorar o contexto do sem-abrigo na sociedade capitalista atual. Assim são representados os lugares mais frequentados pelos sem-abrigo no Porto, no seu conjunto fragmentado que, a partir do metro, onde está localizado o abrigo, é possível conjugar, alcançar e experimentar. Um novo habitar emerge das práticas marginais existentes no Porto, limiar, que remete um habitar entre, uma porta de entrada para a transição de uma forma de estar à margem da sociedade que passa então a estar assegurada pela cidade, incluída nas suas redes, sistemas, infraestruturas e estruturas urbanas e sociais.

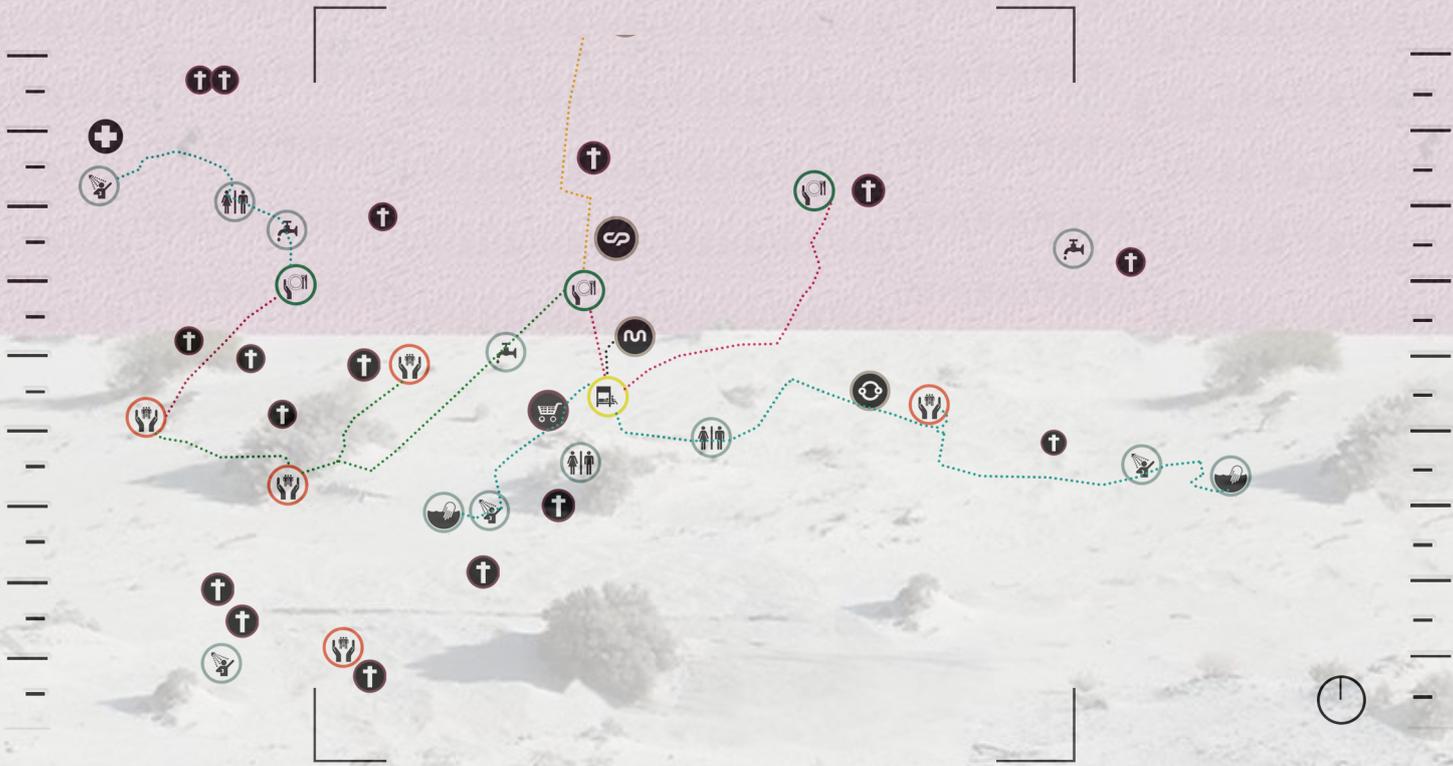
Mais do que especificar uma conduta, optou-se por identificar locais e zonas recetivas à presença de sem-abrigo. Uma forma de estar na cidade em constante movimento, é a proposta para a inclusão, junto da qual o sem-abrigo tem autonomia para definir os limites da sua casa que é a cidade **84 90 92**, nas palavras de Van Genneep, *a estrutura social da sociedade é similar a uma casa dividida em quartos e corredores; quanto mais a sociedade se assemelha a nossa forma de civilização, mais finas são suas divisões internas e mais amplas e abertas são suas portas da comunicação*<sup>1</sup>.





Estar conectado! Este parece ser um princípio fundamental para se estar socialmente incluído. As redes a que nos ligamos, são o prolongamento das nossas vidas, sejam elas físicas ou virtuais. Para uma população de sem-abrigo estimada entre 1600 sem-abrigo dos quais aproximadamente 200 vivem na rua, é questionada a organização das redes sociais existentes, propondo uma nova organização mental do território urbano. Em detrimento de uma planta da cidade, optou-se por representar um mapa gráfico com os demais serviços sociais existentes/mapeados no Porto, no intuito emergir a rede Ser Abrigo, proposta para esta escala, para dar dimensão e legibilidade às dinâmicas dos sem-abrigo.

O mapeamento do território e da geografia dos sem-abrigo, construiu-se a partir de um conjunto de leituras sobre esse território fragmentado, disperso e principalmente desorientado, aos encontro das estruturas sociais e dos espaços de lazer, tal como as dinâmicas diárias dos sem-abrigo se processam na Baixa. Os vínculos estabelecidos a partir das ruas mais frequentadas, desenharam uma rede de estrutura rizomática<sup>2</sup>: heterogénea, sem estrutura hierárquica nem ordem: as necessidades básicas orientam os percursos, sem um sentido lógico ou direção, gravitam entre a vontade e o desejo. A partir do abrigo estabelecem-se as ligações com os equipamentos coletivos, balneários, instalações sanitárias, lavadouros, praças e jardins, mas também com as instituições de solidariedade social, cantinas, albergues, e serviços sociais em geral. Habitar a cidade no limiar, projeta um conjunto de direções e leituras urbanas, ancorada aos equipamentos coletivos e centrada nas paragens de metro onde está localizado o abrigo. Desde as estações/paragens de metro do Porto, Assim, é feita a ligação pedonal com todos as estruturas da rede social existente, desde: instituições de solidariedade, entre as quais cantinas comunitárias, centros formativos e albergues, que apesar de constantemente lotados disponibilizam variadas facilidades de apoio à comunidade; com os serviços públicos em geral: hospitais, igrejas, instalações sanitárias, balneários e lavadouros, farmácias, *vending machines*, bebedouros localizados nas praças e jardins. A rede de Metro no Porto, extensa a toda a área metropolitana e cidades vizinhas ao Porto, como Vila Nova de Gaia e Póvoa de Varzim, permite a redução das distâncias-tempo entre o território urbano as capacidades humanas dos sem-abrigo em alcança-lo e, assim, mais comodamente e assistido/comparticipado, estender a sua geografia pessoal a zonas mais distantes, cidades e até países, complementados por outros meios de transporte coletivos semelhantes, como o comboio ou o autocarro.



76 [4.03] Escala 1:10000 - Mapeamento - Percurso ao encontro dos equipamentos e serviços de apoio do sem-abrigo - BAIXA SUL

76



Imagem 43:  
Cantina comunitária  
Ig. Sra Trindade

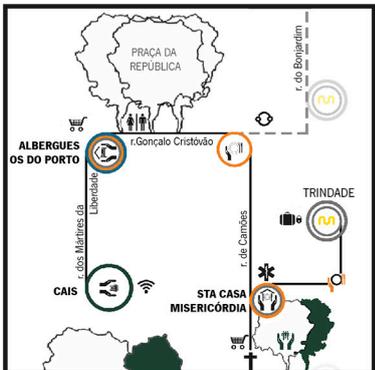


Imagem 44:  
Fragmento do mapa  
Ser Abrigo

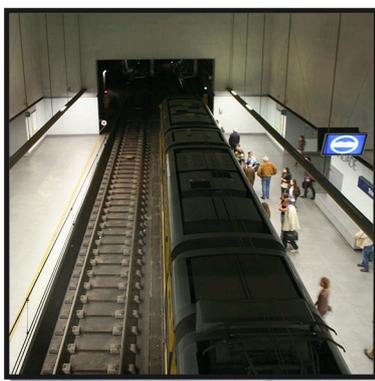
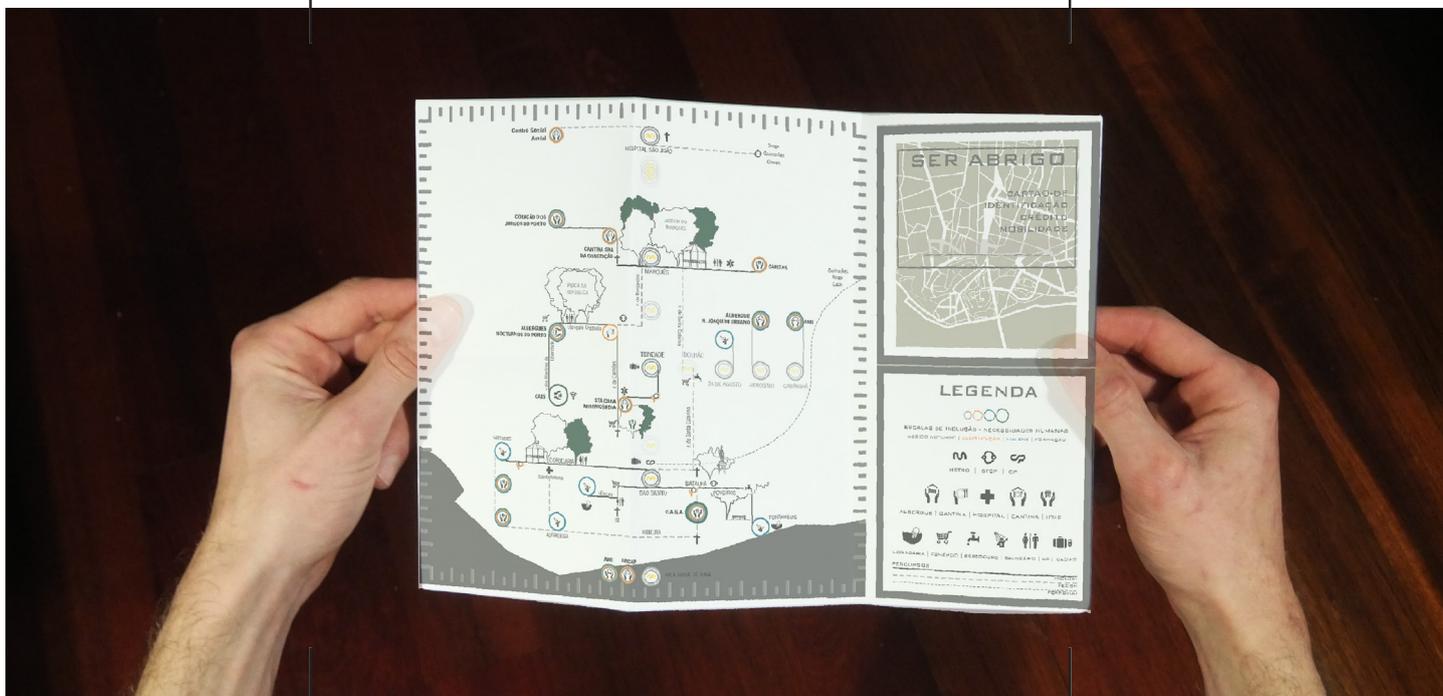


Imagem 45:  
Linha D - interface  
Estação da Trindade



Imagem 46:  
Estação da Trindade





78 3ª Lei de Newton - Princípio da Ação e Reação: Sobre toda ação há sempre uma reação oposta e de igual intensidade

78

E a identidade é para nós, essa contínua construção, um processo de uma vida. Saber quem somos, o que queremos, onde, quando e como, são perguntas com as quais lidamos diariamente, até mesmo inconscientemente. O homem está em constante redefinição, esse movimento intrínseco à própria existência. As experiências acumuladas, as camadas sobrepostas sobre esse interior ou íntimo desconhecido, que busca sempre algo para se definir, entendemos nas palavras de Gonçalo M. Tavares, uma capa que nos faz esquecer da verdadeira essência, do olhar para dentro para saber o que realmente nos faz falta. Pois sentindo frio, o homem veste-se, sentindo fome, come, sentindo sono, dorme, sentido solidão, procura companhia. E a solidão, diferente do isolamento, reserva um certo distanciamento, um olhar para dentro para depois se voltar para o exterior e buscar o prolongamento, o que faz falta e completa. Assim é processado o dia-a-dia do sem-abrigo na cidade: uma contínua busca, de proteção, de alimento, de conforto, do outro, o exterior salvador das suas próprias limitações.

E a ausência é o que move o homem, colmatando a coluna carente, construindo experiências perante o mundo, pois *um corpo sem dúvidas é um corpo terminado*. Neste sentido, é proposto uma forma de estar nos núcleos urbanos, cujas fronteiras entre o público e o privado são construídas e desconstruídas diariamente, abrindo espaço às subjetividades individuais. A escala 1:10000, propõe leituras alternativas sobre o espaço-tempo, os lugares e a memória, nas vivências e experiências possíveis.

Ao abrigo dos sistemas de mobilidade, são propostas, possíveis configurações da casa do sem-abrigo no Porto sobre a: estação do Marquês, estação da Trindade e estação de São Bento, núcleos urbanos da cidade do Porto.

Como princípio primeiro para a inclusão do sem-abrigo na cidade, é proposto um mapa de orientação, um mapa tanto urbano quanto social: um guia prático de sobrevivência no Porto. O sem-abrigo assume a responsabilidade de ser o próprio coordenador na sua inclusão **53**, ao invés de depender dos serviços ambulatoriais. Uma questão de identidade, de autonomia e, no limite, de tomada de responsabilidade sobre problema, na dignidade e respeito individual, reforçando uma perspectiva de *empowerment* ao sem-abrigo, ao providenciar as ferramentas necessárias para que ele se liberte do seu estado atual **21** e transite.





## Referências bibliográficas:

1. *“a society is similar to a house divided into rooms and corridors. The more the society resembles ours in its form of civilization, the thinner are its internal partitions and the wider and more open are its doors of communication”*:  
VAN GENNEP, A, *The Rites of Passage*, Routledge, London, 2004, p.26.
2. *“Giles Deleuze e Félix Guattari, propuseram outro conceito-chave para pensar um mundo contemporâneo que se tornou caótico: o rizo-  
ma. (...) Trata-se, então de linhas de territorialização e de fuga, de direções mutantes, como é o crescimento da erva daninha, um referente  
que não cessa de constituir-se e de desaparecer; um processo que não cessa de estender-se, interromper-se e começar de novo.”*:  
MONTANER, J.M., *Sistemas Arquitetônicos Contemporâneos*, p.181
3. *Construção com um início estranho*, Gonçalo M. Tavares, *Atlas do Corpo e da Imaginação*, p.200



81

[3] Escala 1:1000 - O quarto na cidade (a rede de metro como espaço para habitar).

SEM  
ESCALA

81

“Intermodalidade é hoje uma atitude, impõe-se ao estabelecimento humano, informa e forma o território com a nova arquitectura do movimento que a caracteriza e que caracteriza as nossas cidades. Constitui por vezes porta com outros espaços, com outros modos de transportes, e quando o faz é interface, é ponto e tempo de realinhamento de percurso. É estar, e não lugar”

Eduardo Souto Moura, a Arquitectura do Metro, p. 189

## 1:1000 \_ Escala da (i)mobilidade

“The ordinary practitioners of the city live “down below”, below the threshold at which visibility begins. They walk – an elementary form of this experience of the city: they are walkers, whose bodies follow the thicks and thins of an urban “text” they are able to write without being able to read it.”

Michel de Certeau, cit. James Corner, The agency of mapping: Speculation, Critique and Invention, p.232

A escala da *(i)mobilidade* é a escala 1:1000, a escala da localização, coloca-nos à altura das dinâmicas do sem-abrigo, de um corpo estagnado e imóvel perante as contingências sociais e urbanas em que encontra inserido. A 100 metros de distância, o sem-abrigo é enquadrado à imagem de um ponto, imóvel, perante o dinamismo e os fluxos acelerados característicos dos centros urbanos.

Neste capítulo são apresentadas possíveis composições da casa, fragmentos do território portuense, enquadrados à escala 1:1000. A ausência de um lugar próprio determina, por oposição, e “existência” de todo o seu inverso e nesse pensamento, a ideia da casa urbana interpreta a geografia dos sem-abrigo e as marcas que vai deixando no território, nos lugares mais protetores e carismáticos da cidade.

A *(i)mobilidade* é o mecanismo de mediação que incide sobre as deslocções do sem-abrigo na cidade, aproximados à escala 1:1000, praticando uma aproximação de 100 metros do indivíduo. Anteriormente definimos a problemática da ausência de mobilidade, como uma contingência da liberdade ilimitada, identificada na vinculação de dependência em relação aos apoios de solidariedade. Agora, é proposta a apropriação das estruturas sociais e urbanas, associada aos sistemas de mobilidade urbanos, tendo como caso de estudo o metro do Porto e os lugares que aproxima nas respetivas linhas e percursos.



82 [3.001] ESCALA 1:1000 - Perfil urbano transversal - paragem de metro-tipo

82

A proposta para a *(i)mobilidade* consiste em aproximar o sem-abrigo dos equipamentos e serviços que salvaguardam a satisfação das necessidades básicas, incluindo estas dinâmicas no sistema de metro e associando o percurso como meio de conexão. Como representado na escala 1:10000, a casa é um resultado dessa construção, fragmentada e faseada, cuja autonomia do percurso é determinante na consolidação do habitar.

Nesta linha de pensamento, a rede de metro é entendida à escala das megaestruturas idealizadas pelos situacionistas, desde a New Babilon de Constant, a Ville Spatiale de Yona Friedman, a Plug-in City de Peter Cook, a megaestrutura contínua que percorre o mundo ou deixa-se percorrer pelo habitante da modernidade. Por todo o mundo, estendem-se linhas de ferroviárias, de comboio, de metro, imaginam-se estes abrigos mínimos incluídos nessa rede global, sem limites.

No meados do século passado, os situacionistas imaginavam as cidades super estruturadas e influenciadas por megaestruturas impulsionadoras de um urbanismo unitário ideal, refletindo sobre a mobilidade, física e virtual, o nomadismo, a globalização, a construção sustentável, adaptados ao urbanismo da época. Atualmente, entendemos a rede de metro nas cidades, como *um organismo vivo*, dinâmico e conector, extensa ao território metropolitano, conecta os núcleos urbanos um pouco por todo o mundo. Um sistema de mobilidade inclusivo, *estruturador do território e organizador de uma nova realidade urbana*<sup>1</sup>, o metro é o meio de mobilidade mais utilizado nas cidades. A cada paragem, a cada estação, a cidade renova a sua identidade nos lugares onde efetua paragem e, a partir daí prolonga-se, a diferentes contextos, pessoas e dinâmicas, ao encontro dos lugares mais acolhedores das cidades, como Guy Debord os definiu, as unidades de ambiência:

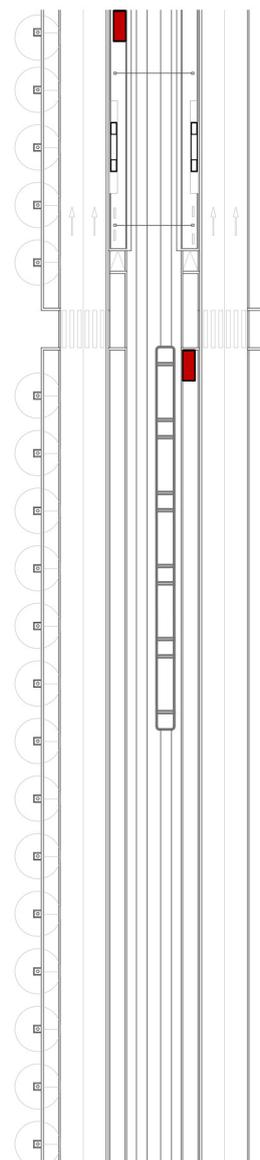


Imagem 47:  
Linha de metro - estação de superfície - inclusão do abrigo

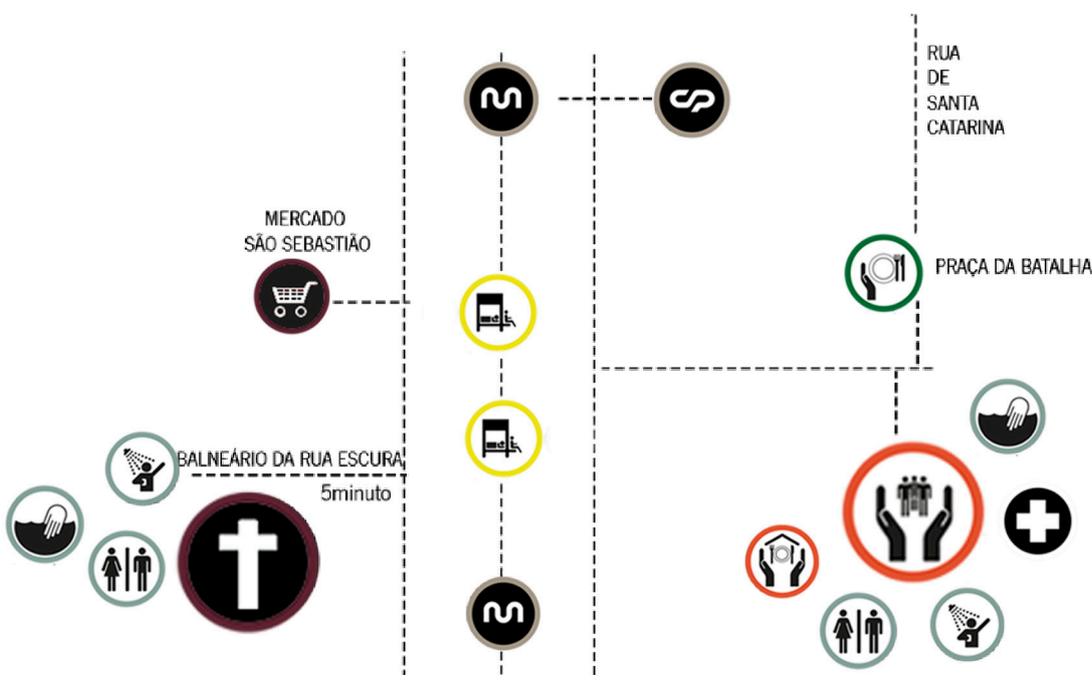


“A transformação revolucionária do mundo, de todos os aspectos do mundo, confirmará todos os sonhos de abundância. A mudança súbita de ambiente numa rua dentro do espaço de poucos metros; a divisão evidente de uma cidade em zonas de distintas atmosferas psíquicas; O caminho de menor resistência que é automaticamente seguido em passeios sem rumo (e que não tem relação com o contorno físico do solo); O caráter atraente ou repelente de certos lugares - tudo isto parece ser negligenciado”<sup>2</sup>.

Como estratégia para a inclusão dos sem-abrigo na cidade, são propostas novas configurações urbanas construídas no imaginário individual, a partir da utilização do metro, no acesso aos equipamentos sociais, como também a estruturas urbanas coletivas, aos lugares amigos dos sem-abrigo; as unidades de ambiência.

De facto, não estamos tão distantes da realidade descrita por Guy Debord, entenda-se na sociedade ou a cultura do espetáculo. Outrora a crítica ao movimento moderno, hoje criticamos os a gentrificação e a segregação urbana <sup>14</sup> e consequentemente social, o desfasamento entre os investimentos públicos, maioritariamente em favorecimento de uma pequena fatia da população perante das reais necessidades das pessoas <sup>28</sup>. Convive-se pacificamente com a crise imobiliária, a crise dos refugiados, com a pobreza, com os sem-abrigo... O desencontro entre os lugares e espaços físicos que ocupamos e aqueles que virtualmente habitamos, as vontades e os atos, o sonho e a realidade. Entre tantos porquês, surge a necessidade de questionar o território na sua forma global e unitária, sem função do seu uso, construindo sucessivamente *um certo número de experiências por segundo*, entre estar parado e *em transit*.

Neste percurso, realizamos paragem junto das estações de metro mais frequentadas pelos portuenses e visitantes e consequentemente, pelos sem-abrigo em geral. Ao abrigo de São Bento, da Trindade e do Marquês, inicia-se a deambulação, ao encontro das ruas mais estreitas, por vezes sombrias, por atalhos travessas, que desembocam em praças e jardins tão específicos quanto turísticos, desde a praça da Batalha aos os labirintos da Sé, visitamos o Porto ao nível do olhar do sem-abrigo.



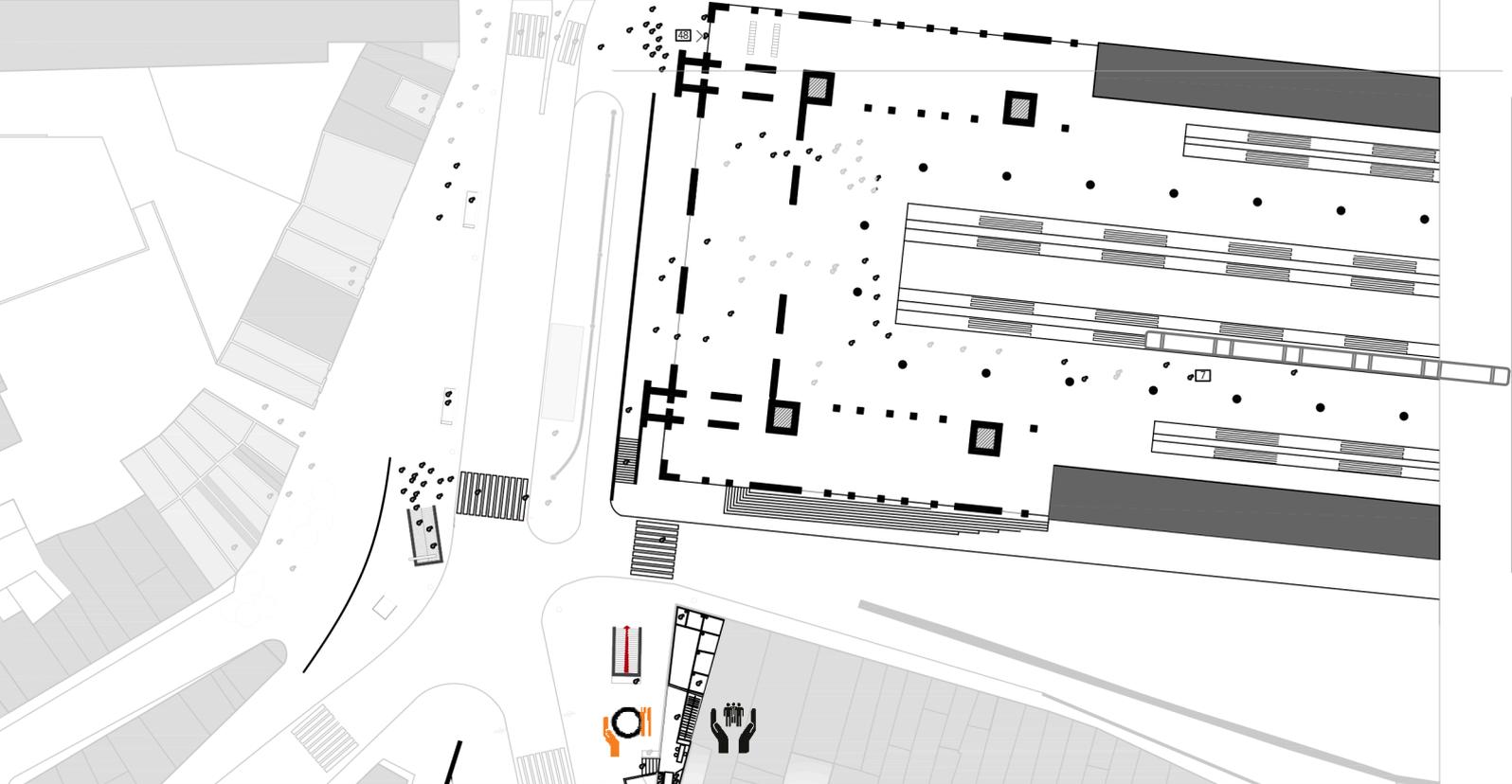
### A casa-cidade

A casa é um reflexo da adaptação humana e da evolução dos modos de vida. A modernidade conduziu a alterações no modo como o indivíduo se relaciona com a casa e conseqüentemente com o habitar. A tipologia da habitação convencional na resposta à necessidade dos seus usuários e no confronto com as políticas urbanas, é um dos principais temas e polêmicas da arquitetura.

*What is a house?*, perguntavam Charles e Ray Eames, representando um desenho de atividades que esta podia conter, reduzindo a relevância da articulação, seqüência ou formalização dos espaços físicos da casa (imagem 34).

Nesta representação do território, servimo-nos da linguagem adotada por Guy Debord para a construção de situações urbanas e pessoais, as setas vermelhas representam percursos alternativos no acesso às estruturas sociais, diferenciados no tamanho e extensão, em função da orientação, mas também da ambiência associada a estes espaços urbanos.





85 85

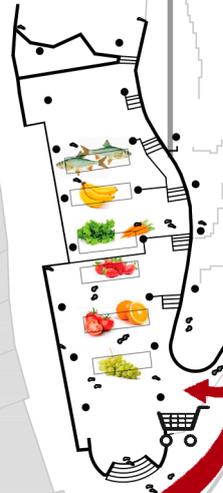
[3.1] ESCALA 1:1000 - Ao abrigo de São Bento

85 ↑ 85 ↑ 95

Avenida dos Aliados



RONDA DIÁRIA 21h



Batalha



V.N. GAIA

rua Escura

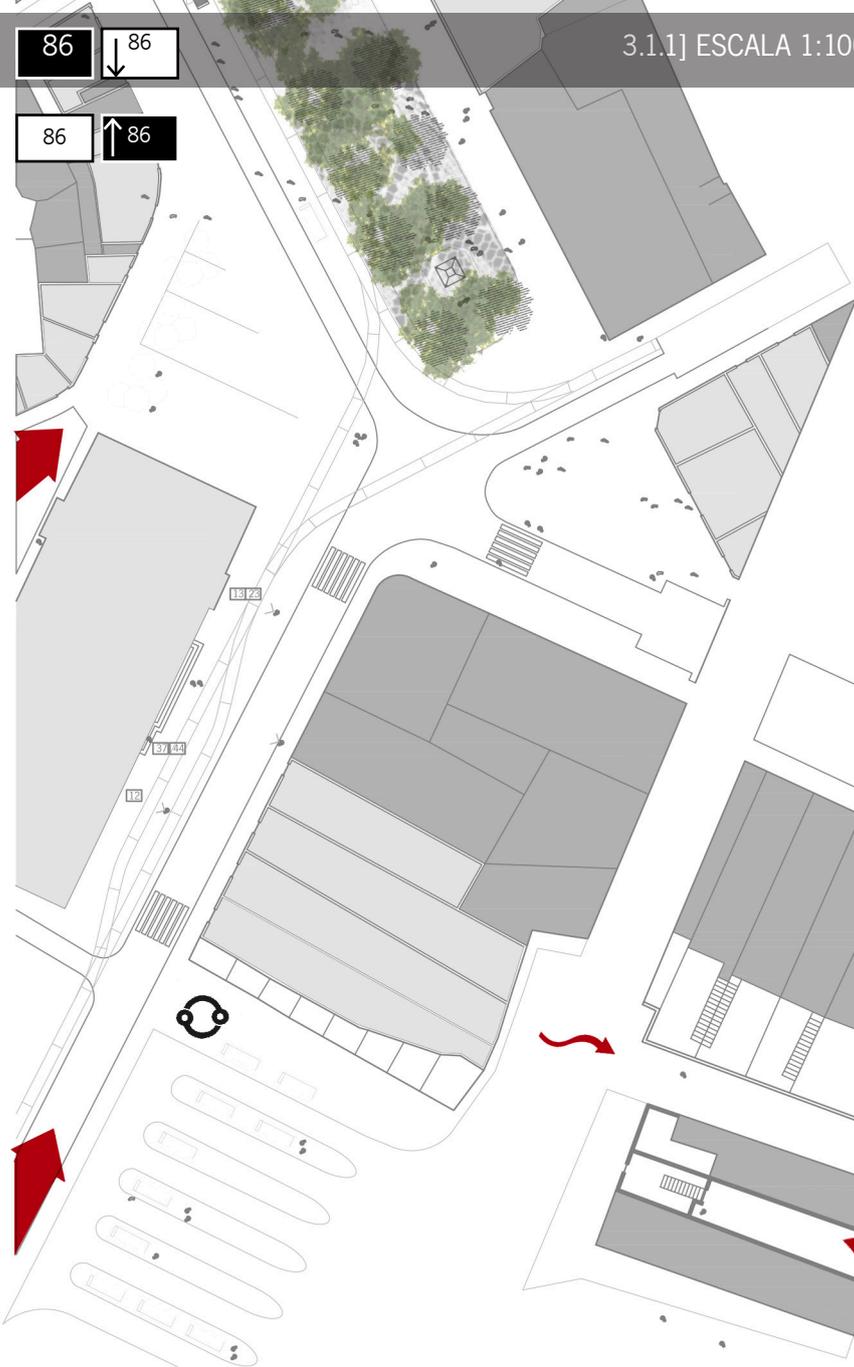
SÃO BENTO



3.1.1] ESCALA 1:1000 - Deriva e unidades de ambiência-Batalha

86 ↓ 86

86 ↑ 86



*“To live is to leave traces”*  
Walter Benjamim



(...) ao amanhecer, armados de uma ardente paciência, entraremos nas esplêndidas cidades”

Rimbaud, A., O carteiro e o poeta, cit. in , A Arquitectura do Metro, p.31

87

[3.2.1] ESCALA 1:1000 - Deriva e unidades de ambiência – 24 de Agosto

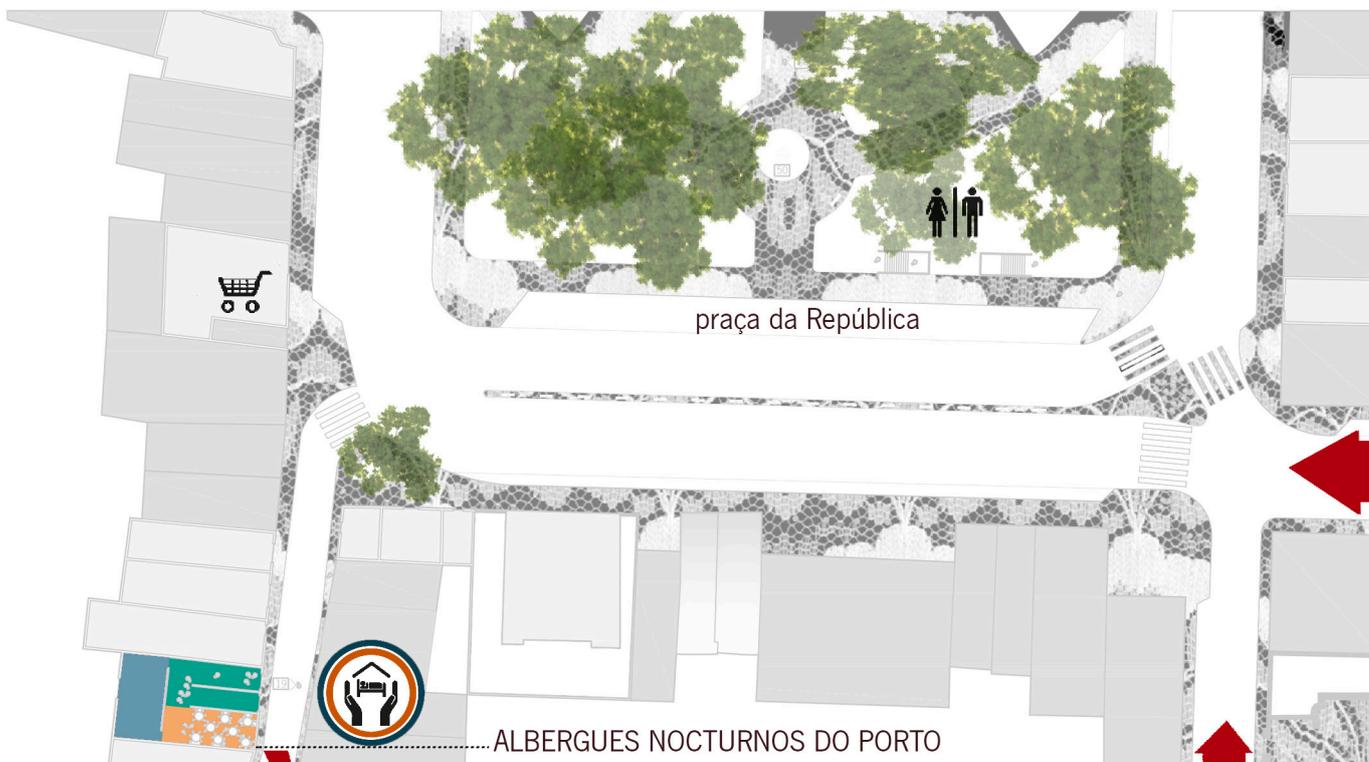
87

A casa dispersa, fragmentada e partilhada serve de conceito na aproximação do contexto urbano à ideia de casa. Uma casa em função do percurso ao encontro dos equipamentos dispersos na cidade. Assim também Alvar Aalto projetou a sua habitação, Muratsalo com este conceito, fragmentando compartimento pelo território. O percurso que os une, tal como neste projeto, é a forma mais íntima de comunicar com o espaço e com a experiência do habitar. Desde a casa à cabana junto ao mar, desde o abrigo a todas as partes da cidade.

Em constante movimento e introspeção, recordamos o professor Carlos Maia, numa aula de Teoria de Arquitectura, sintetizava este ponto de vista sobre o habitar concluindo: Habitar é deixar marcas.

A escala da (i)mobilidade incorpora a vontade de colocar em movimento o sem-abrigo incluindo-o nas dinâmicas urbanas. Estes deslocamentos direcionados à satisfação das necessidades básicas, de estima e de realização pessoal, representam o território do sem-abrigo, que à escala urbana compreende uma leitura da cidade à escala de uma casa, fragmentada, dispersa, e mutável, na sua forma, função e materialidade. A casa do sem-abrigo resulta de um conjunto de fragmentos urbanos, neste trabalho são representados pela escala 1:1000, na informação que esta escala permite reunir à escala do livro em si.

Nos núcleos urbanos, ao encontro das unidades de ambiência, no Marquês, na Trindade e em São Bento, são realizadas derivas e trajetos orientados pelos demais estímulos sensoriais possíveis de incorporar em cada paragem e prolongamento do corpo à cidade. Defini-los seria tão vago quanto falso, pois tal como os situacionistas referiam, é preciso percorre-los, atravessa-los, no limite, tentamos desenhá-los, pois “as dificuldades da deriva são as dificuldades da liberdade. Tudo leva a acreditar que o futuro vai provocar a transformação irreversível do comportamento e do cenário da sociedade contemporânea. Um dia, vamos construir cidades feitas de deriva”<sup>3</sup>. Na melhor das hipóteses, projetamos o seu suporte, a sua espinha.



88 ESCALA 1:1000 - Deriva e unidades de ambiência – Trindade



### a Trindade

A Trindade é um núcleo urbano importante, aqui chegavam os comboios, e a partir daqui, distribuindo para toda a Baixa. A estação da Trindade localizada na Baixa portuense é um dos pólos mais atrativos do Porto. Nela cruzam-se as rotas com destino aos locais mais turísticos, com as rotas de transporte para as cidades limítrofes, como Gaia, Gondomar, Maia ou Póvoa de Varzim. Isto faz com que a Trindade seja um *hub* de fluxos que serve de cenário à vida de milhões de pessoas, diariamente.

Dois abrigos são incluídos no acesso secundário da estação, contíguos ao passeio, sobre o manto relvado, no prolongamento da linha de serviços existentes na estação. A 5 minutos dos Aliados a Sul, da rua de Santa Catarina a Este e, da Cordoaria a Oeste, a estação da Trindade possui uma localização estratégica e central a vários pontos de referência no Porto. Desde a estação da Trindade, utilizando o metro, é possível contemplar um conjunto de serviços sociais relacionados com a alimentação e a higiene íntima. Na estação do Bolhão, o mercado recebe diariamente produtos alimentares vendidos a custos reduzidos, na mesma linha, na estação 24 de Agosto, localizam-se os balneários públicos, abertos em horário diurno. Aqui realizam-se semanalmente rondas de rua e convívios. Nas instalações da igreja Nossa Senhora da Trindade todos os dias a cantina comunitária fornece refeições aos sem-abrigo. A norte, um percurso pelo viaduto Gonçalo Cristóvão, direciona-se aos Albergues Noturnos do Porto e à Cais, centros formativos e comunitários, dinamizadores de diversas atividades para e com os sem-abrigo. Nas imediações da estação, na praça da Trindade e sob o viaduto, realizam-se paragens diárias das rondas de rua, distribuindo alimentos, cuidados de saúde e sobretudo carinho.



Viaduto Gonçalo Cristóvão

rua de Carnões

S BOAVISTA  
AEROPORTO  
PÓVOA DE VARZIM

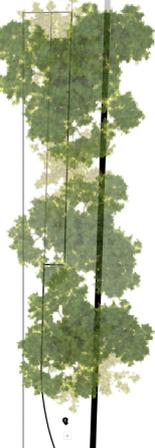
[3.2] ESCALA 1:1000 - Ao abrigo de Trindade

AMI

89



89



CANTINA  
SRA DA TRINDADE

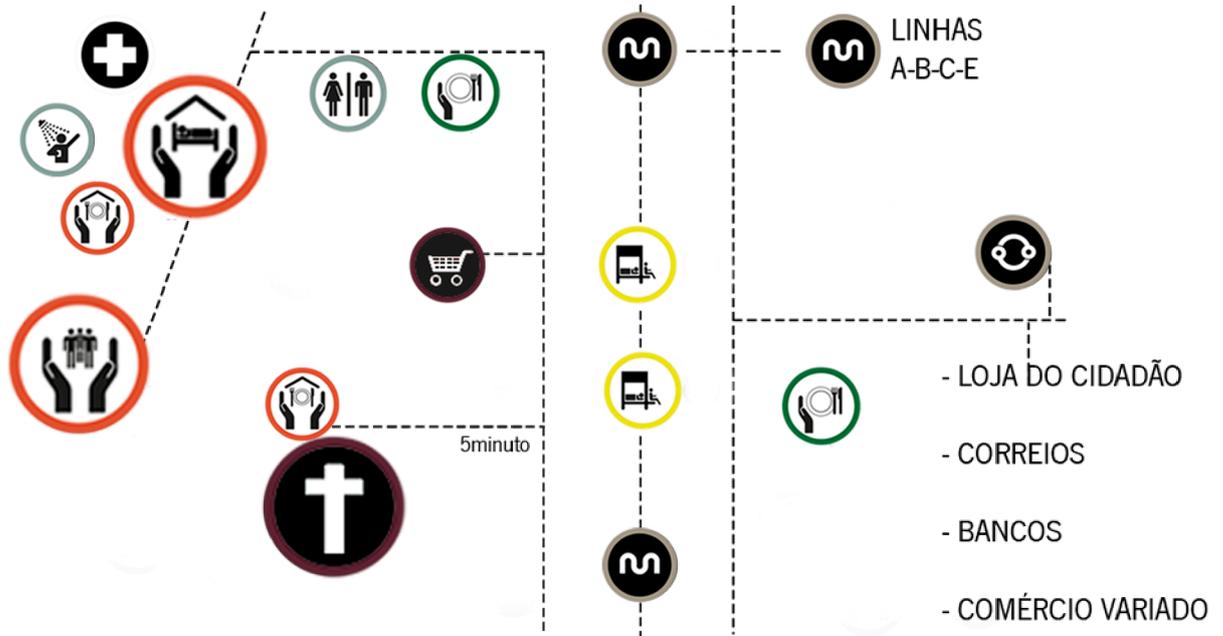
S BOLHÃO  
24 DE AGOSTO  
CAMPANHÃ

\* RONDA  
CORÇÃO PERFEITO  
(quinta-feira - 21h)

Avenida  
dos Aliados



TRINDADE



2. “The revolutionary transformation of the world, of all aspects of the world, will confirm all the dreams of abundance. The sudden change of ambiance in a street within the space of a few meters; the evident division of a city into zones of distinct psychic atmospheres; the path of least resistance which is automatically followed in aimless strolls (and which has no relation to the physical contour of the ground); the appealing or repelling character of certain places-all this seems to be neglected.”

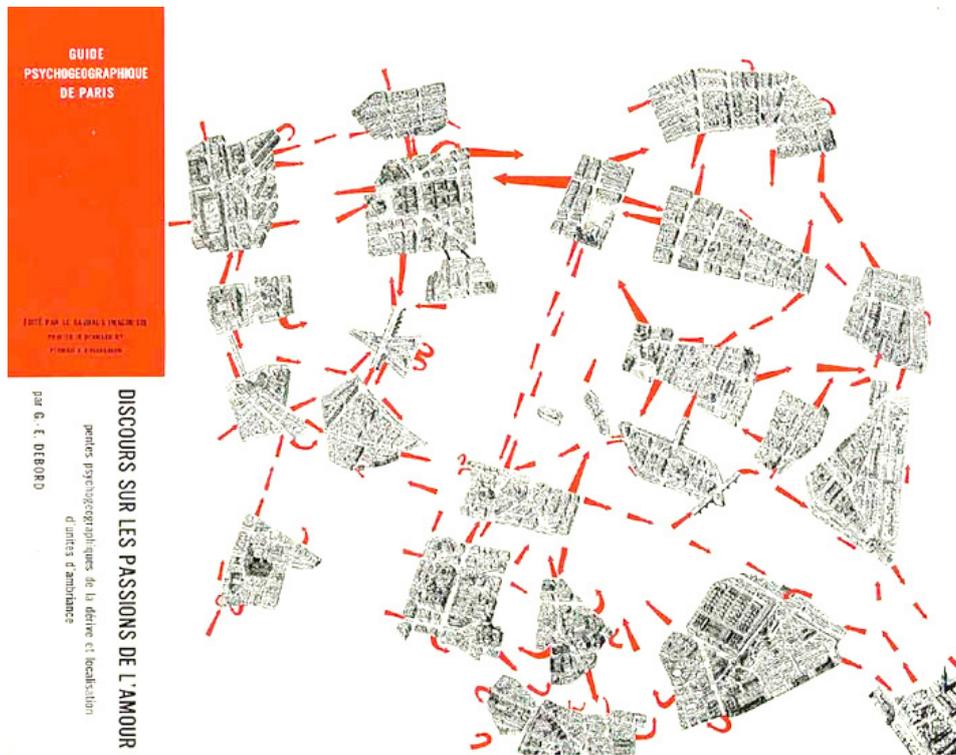
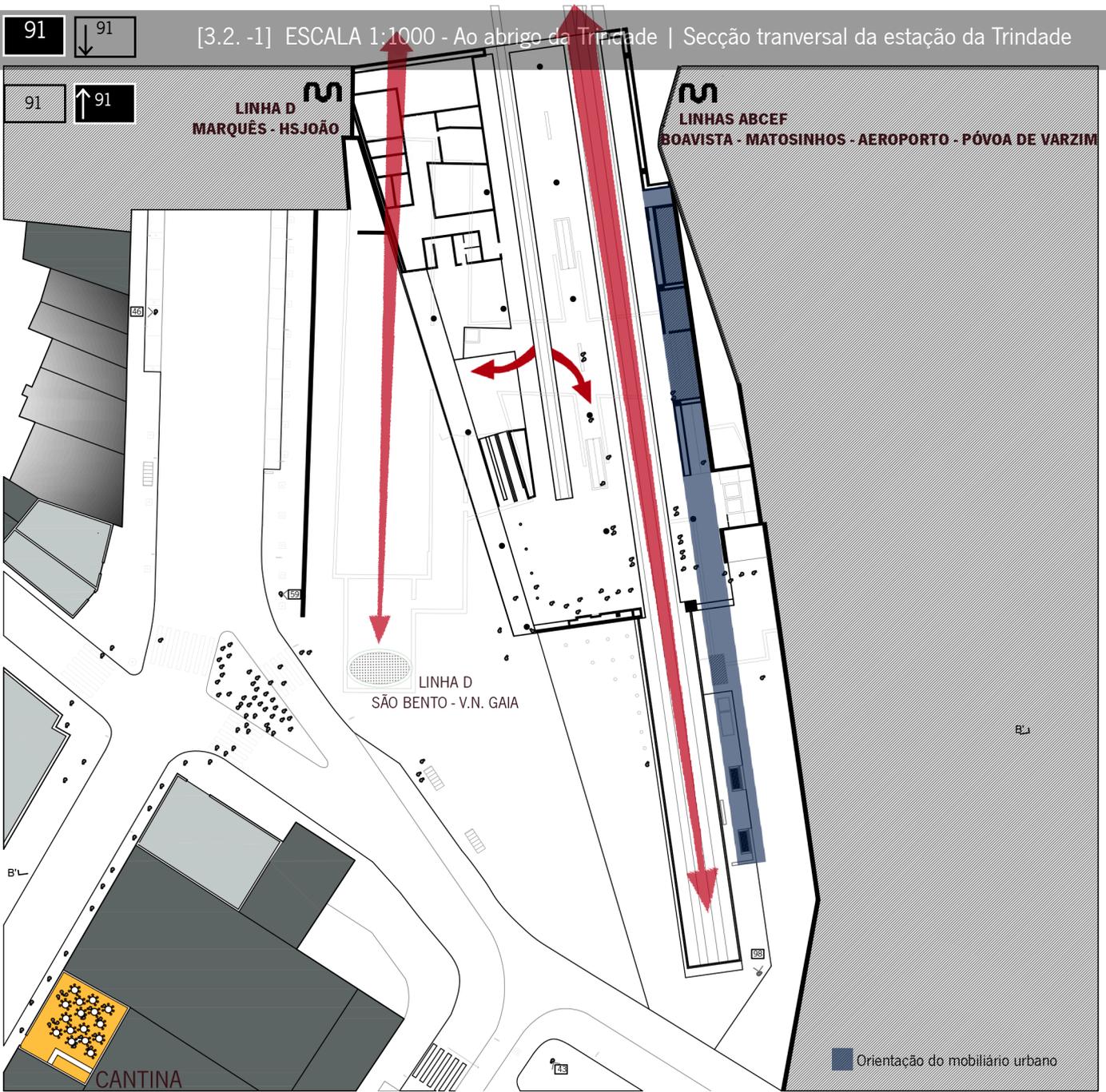
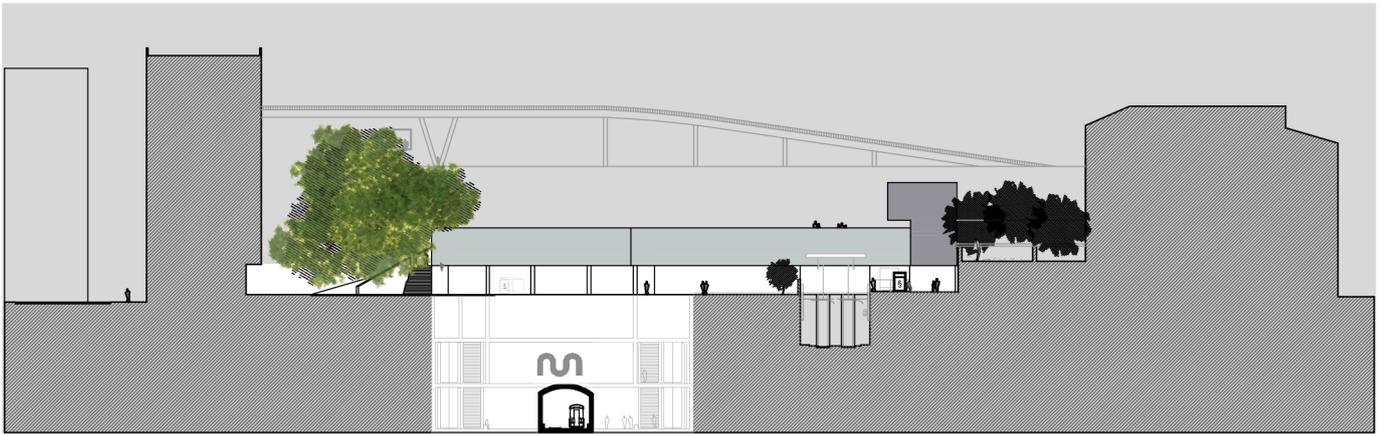
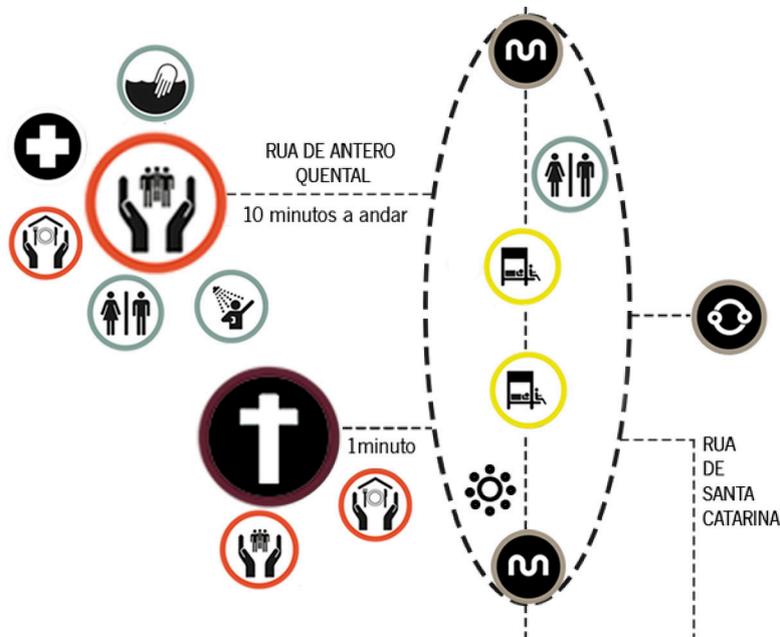


Imagem 48: Capa do livro: Guide Psychogéographique de Paris, Guy Debord.

3. “the difficulties of the dérive are the difficulties of freedom. Everything leads one to believe that the future will provoke the irreversible transformation of behavior and of the setting of contemporary society. One day, we will construct cities made from derive”

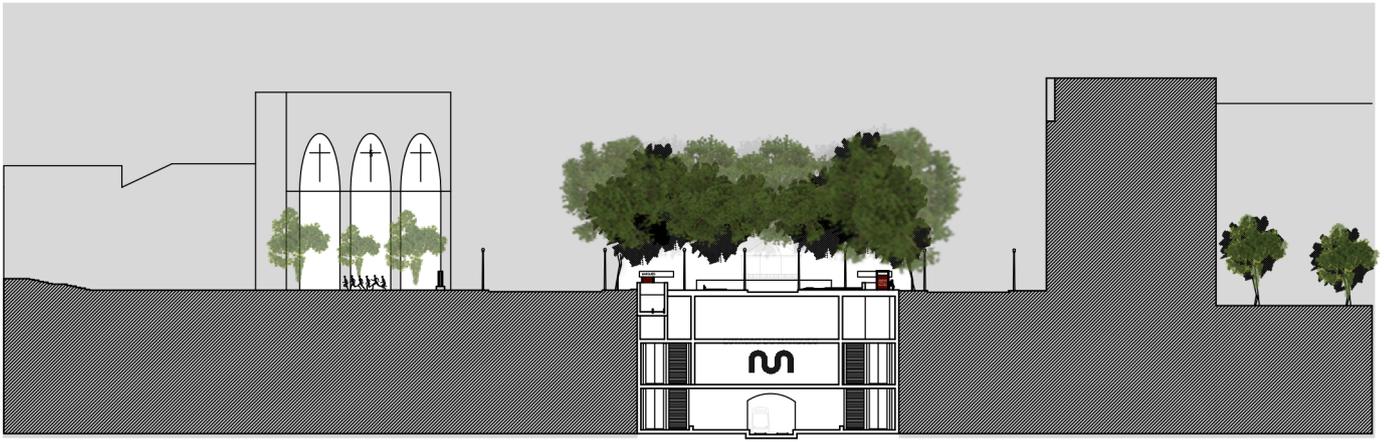




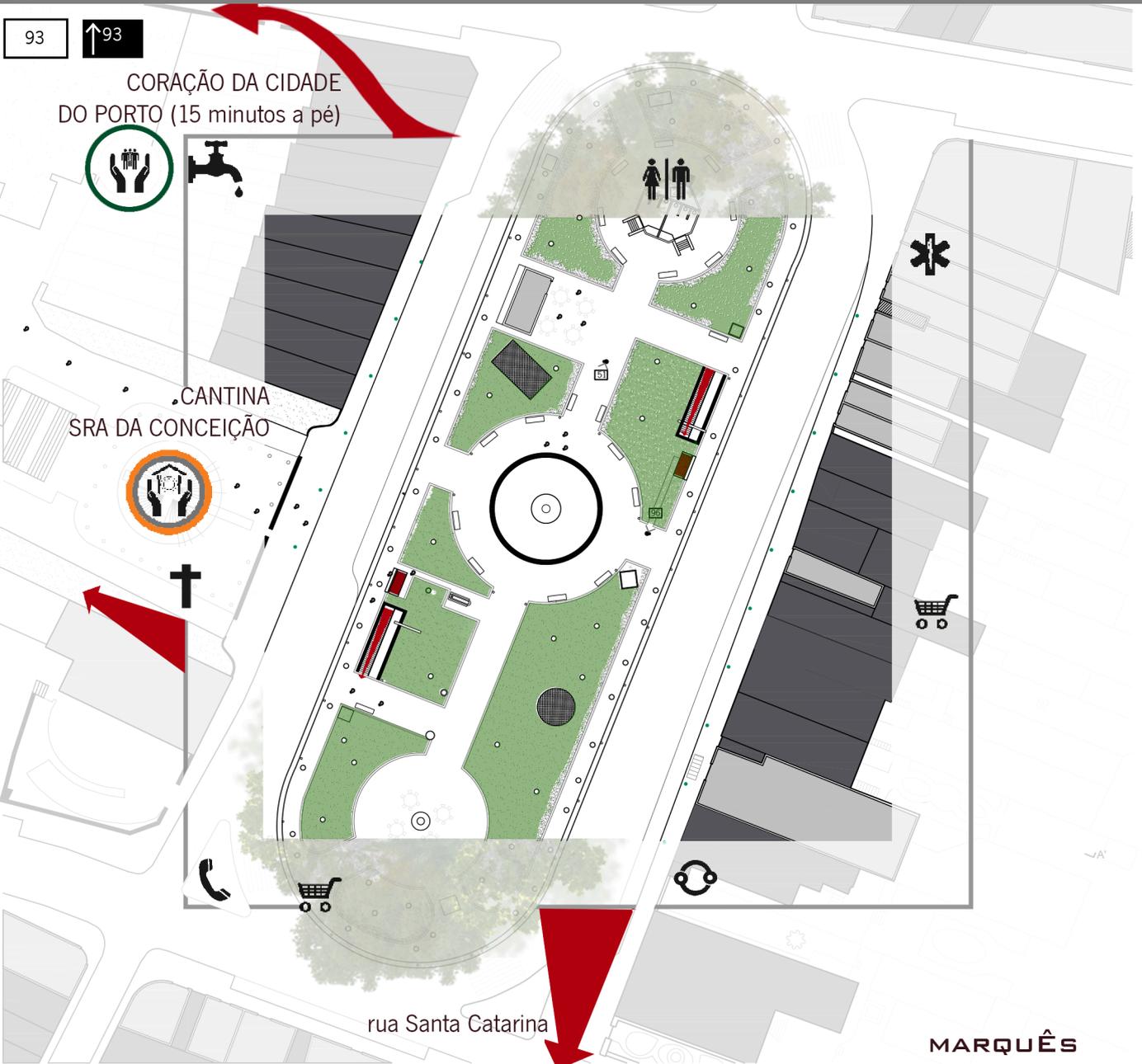
### o jardim do Marquês

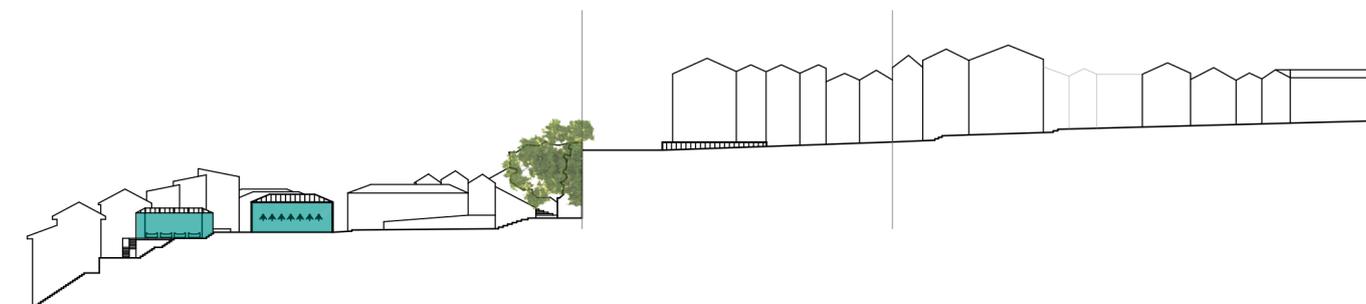
*Uma praça é sempre uma referência, um espaço de pontuação no discurso que é a cidade.<sup>4</sup>*

Antes da intervenção do metro, a praça do Marquês era considerada um vazio urbano, uma vez que os edifícios envolventes encontravam-se devolutos e os utilizadores da praça eram frequentemente sem-abrigo, dormindo na antiga biblioteca. Com a intervenção do metro, o jardim renovou a sua imagem abrindo-se à cidade. Na sua composição, o coreto, o chafariz e as mesas à volta da palmeira, demarcam as atividades principais no jardim. Atualmente é um ponto de encontro, um dos centros urbanos portuenses. A biblioteca regenerou as instalações do edifício e é agora um estabelecimento de restauração. O coreto recuperou a sua função, aberto a atividades lúdicas e de entretenimento. É também um espaço reservado onde os sem-abrigo guardam cobertores durante o dia e pontualmente dormem. Estes episódios porém, ditaram o encerramento das instalações sanitárias sob o coreto, no sentido de afastar os sem-abrigo que as utilizavam diariamente, atitude controversa e criticada negativamente pelos demais locais, principalmente entre os reformados que aqui passam os dias. À imagem do viaduto Gonçalo Cristóvão, a Praça do Marquês é um lugar de grande centralidade no quotidiano portuense (espaço de fluxo constante, simbólico na vida da Invicta) e, ao mesmo tempo, um local de margens: mais afastado da turistificação que atingiu a baixa portuense, o Marquês é um local de confluência de populações desfavorecidas e/ou envelhecidas. Menos higienizado socialmente do que os espaços do centro do Porto, o Marquês é face mais crua e real da cidade e, talvez por isso, um dos locais onde os sem-abrigo se sentem mais confortáveis. A praça do Marquês reúne as condições ideais para a inclusão do abrigo. Nas imediações, existem serviços e estruturas sociais de apoio solidário. A igreja da Imaculada Conceição distribui diariamente a “sopa dos pobres”. Nas imediações, a instituição Coração dos Amigos do Porto também muito procurada pelos sem-abrigo do Porto, oferece refeições diárias, permitindo aos sem-abrigo integrar diversas áreas laborais ou formativas, em parceria com a instituição.



93 [3.3] ESCALA 1:1000 - ao abrigo da Trindade | Secção transversal jardim do Marquês





### ao abrigo de São Bento

A estação de São Bento, no coração do centro histórico do Porto, deve o seu nome à estação de comboios de São Bento, uma das principais portas de entrada da cidade. Sob a alçada de Marques da Silva, o edifício é uma das referências da cidade. No interior, a azáfama constante de pessoas, serviços, comboios em constante paragem e movimento contrasta com as apropriações nas reentrâncias da fachada no exterior. Nas imediações da estação, têm vindo a ser enraizados diversos negócios ambulantes, vendedores de rua sazonais e também sem-abrigo, pedindo esmola junto à porta principal ou dormindo entre o umbral e a soleira das portas laterais. Junto à entrada de metro próxima da estação de comboios, realiza-se diariamente uma ronda de rua. A estação de metro de São Bento localizada próxima da estação é também um lugar de inúmeros encontros e desencontros. Aqui Siza Vieira, projetou, mais do que uma estação de metro, uma catedral dos tempos modernos.

De São Bento até à praça da Batalha são 5 minutos a pé. A proximidade com a instituição CASA e as rondas de rua diárias junto do chafariz da praça, são a principal razão de fixação de sem-abrigo. Durante o período de obras do Teatro Nacional São João, eram constantes as apropriações dos andaimes para dormir, hábitos estes em que após a conclusão do restauro da fachada ainda é possível encontrar remanescências da apropriação.

Do lado oposto, em direção à Ribeira e passando pela rua Escura, localizam-se os balneários e lavadouros coletivos. “Por vezes vêm cá sem-abrigo”, refere Maria, a funcionária de serviço, “mas é raro”.

São Bento reveste-se de uma especial importância simbólica neste projeto: funciona como maior porta de entrada na cidade, com turistas oriundos dos mais variados locais para disfrutar das atrações da Invicta e migrantes (nacionais e estrangeiros) em busca de uma melhor vida. Muitos destes migrantes tornar-se-ão, invariavelmente, nos futuro sem-abrigo. Poderá a maior porta de entrada da região Norte de Portugal tornar-se, simbolicamente, na maior porta de saída da situação de sem-abrigo? São Bento é palco de sonhos para muitas pessoas, todos os dias. É o primeiro vestígio de muitas viagens e projetos de vida peçados de aspetos positivos.

A importância de localizar o sem-abrigo nestes núcleos urbanos na proximidade com os centro de transportes corresponde a importância do local como centro de apoio aos sem-abrigo. Ao ajudar o sem-abrigo neste cenário, providenciando-lhe um espaço para pernoitar, acabamos não só por ajudar à redução do isolamento de que este padece, como também acabamos por colocar o problema no mapa das preocupações sociais



95

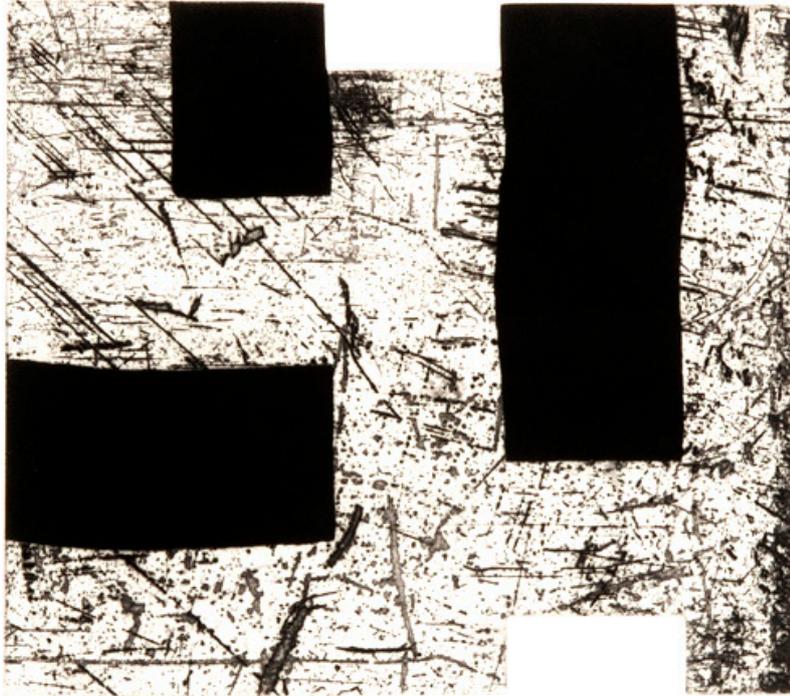
95 ↓

85 ↓

[3.1.1.2] Perfil tranersversal – estação de São Bento

95

↑ 95



## Referências Bibliográficas:

1. Fernandes, F., Cannatà, M., A arquitetura do Metro, p.12
2. Debord, G., Introduction to a Critique of Urban Geography, p.2
3. ANDREOTTI L., COSTA, X., Situacionista, arte, política, urbanismo, p.123
4. VASCONCELOS, D. A praça do Marquês de Pombal da cidade do Porto, p.8



97

[2] O quarto urbano - a rua como espaço para habitar: entre o interior e o exterior

SEM  
ESCALA

97

“There is a need to rethink citizenship in contemporary society. One democratic act is to claim both physic and political space for the public good.”

Peter Aeschbacher, Michael Rios, Claiming Public Space: The Case for Proactive, Democartic Design.

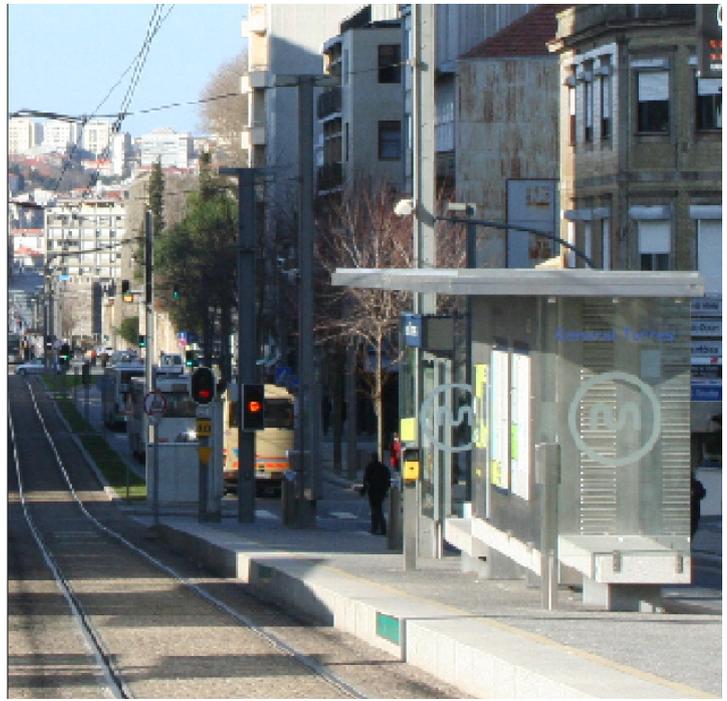
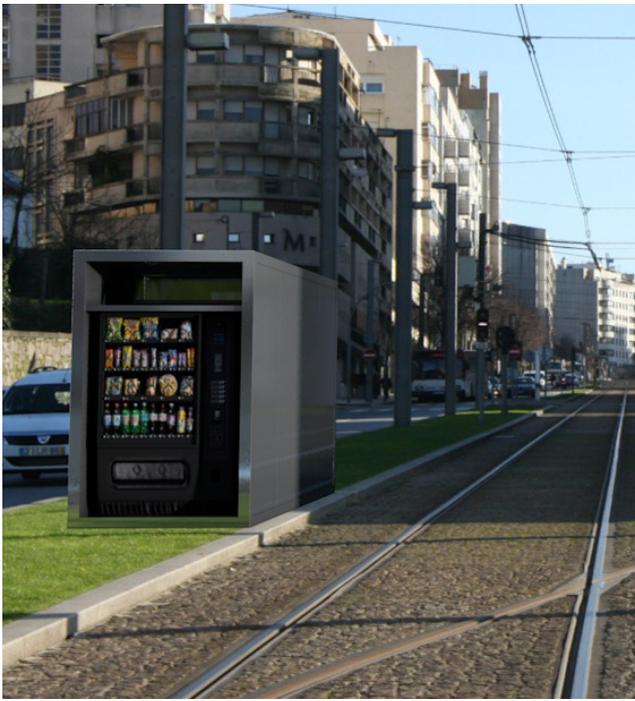
## 1:100 \_ Escala da (des)vinculação

“A minha preocupação principal em desenhar, suponhamos, uma cadeira é a de que pareça uma cadeira. É a primeira questão. Hoje desenhamos muitas cadeiras que parecem outra coisa. A necessidade de originalidade e diferença conduz quase sempre ao abandono da essência de um determinado objecto.”

Álvaro Siza; Imaginar a evidência, p. 133

A escala da *(des)vinculação* é a escala 1:100, a escala da implantação. A uma distância de 10 metros, o abrigo é representado na sua forma e relação com o lugar e na relação com os pares, intercetando os usos e as apropriações, no interior e no exterior, complementares e opostas. As paredes, o chão e a cobertura definem os limites do abrigo, mediados por um revestimento tão particular quanto utilitário. Nesse enquadramento, o espaço em que se insere, é também um lugar de margem, isto é, de cruzamento entre diferentes formas e funções e consequentemente de usos. Neste capítulo são apresentadas as relações entre o interior e o exterior do abrigo, implantado em 5 casos de estudo, na linha de metro D, transversal à cidade do Porto.

Anteriormente referimos a desvinculação na separação dos agentes negativos à inclusão do sem-abrigo na sociedade, dos quais fazem parte os lugares inóspitos à presença humana onde pernoitam 23. Por oposição, uma vinculação segura com as infraestruturas urbanas e os serviços de solidariedade, interpretam novos lugares para a localização do sem-abrigo, sem descurar a centralidade exigida por esta dinâmica específica, a implantação do abrigo aproxima-se das paragens de metro para se implantar e dissimular no contexto do mobiliário urbano. É uma proposta que combate a alienação através do aproveitamento dos recursos existentes e do meio envolvente. O abrigo é parte da urbe, tal como o sem-abrigo é parte da sociedade – em todos os momentos, a perspetiva central é a da inclusão humana.



98 [2.0.1] Perspetiva a partir da linha de metro ( ponto de vista Sul e Norte, respetivamente): estação Câmara de Gaia

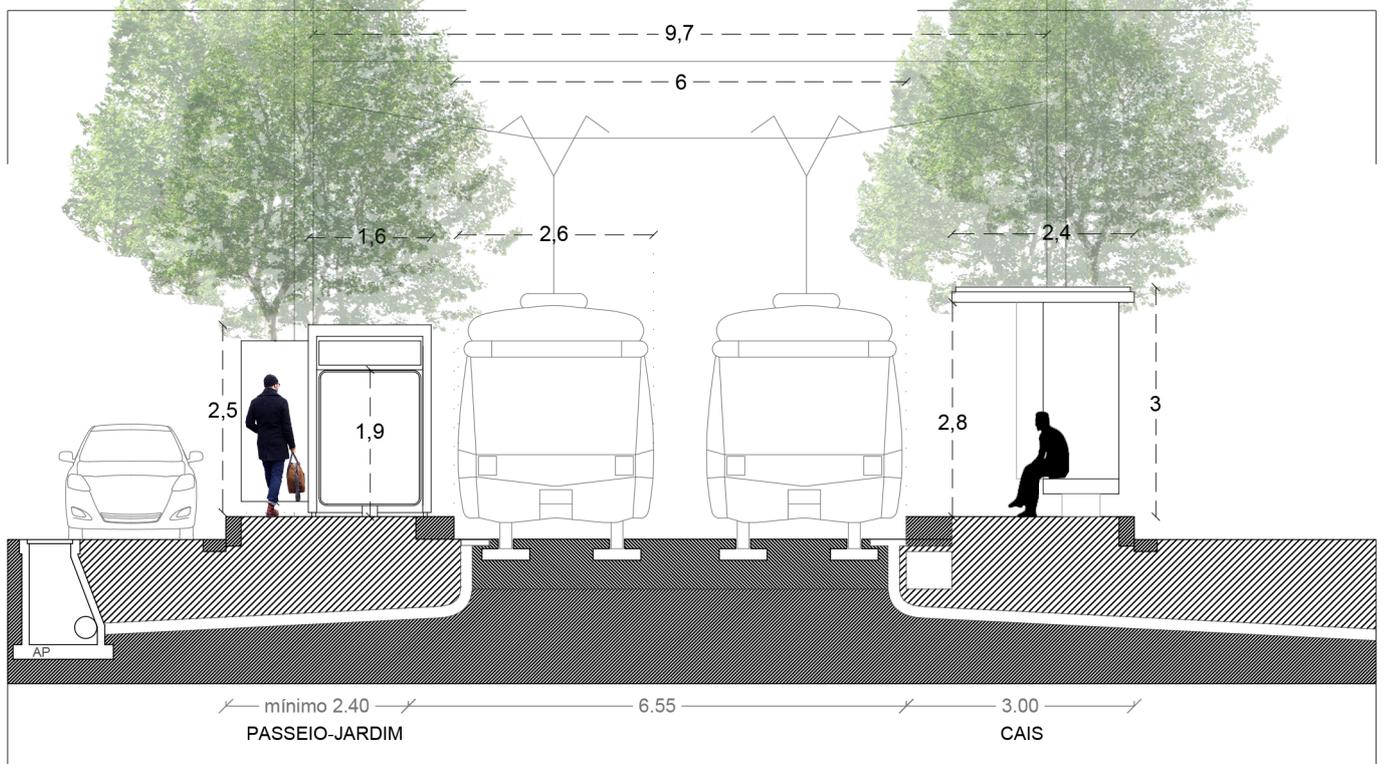
98

As cidades atuais enfrentam hoje um paradigma relacionado com o espaço público, os usos que nele cabem em detrimento das formas que neles se inscrevem. O que torna o espaço público, é, pois, as ações públicas que nele acontecem, ao invés da simples definição de público, comportando a exterioridade<sup>1</sup>. Os espaços exteriores públicos, são, porém, espaços coletivos e estão sujeitos a regras e políticas para além da sua definição espacial.

No caso específico dos sem-abrigo, como referido anteriormente, as ações íntimas subvertidas ao espaço do público (da exterioridade), comportam uma dimensão doméstica para além das formas que o definem; a função do espaço é diferenciadora, no entanto, não parece correto afirmar que um amontoado de cobertores e cartões defina o espaço enquanto privado, pelo contrário, ele questiona a cidade na sua ausência. Do mesmo modo, são os objetos e as apropriações dos lugares mais protetores que subvertem e reconhecem o lugar do sem-abrigo, a domesticidade pública ou a intimidade partilhada **34** **36** **38**.

E a cidade, um complexo misto de informação global, deve ser capaz de lidar com estas culturas quotidianas ao invés de se construir sobre estratégias racionais distantes das necessidades dos seus habitantes. “Há um modo de lidar com os valores intangíveis da cidade, como a identidade, a partir do tema da imagem, que se traduz num modo de comunicar valores *comodificáveis*, isto é, que se podem considerar produtos transaccionáveis, que, tal como outras trocas comerciais, têm um valor. Estes valores, no caso da cidade, podem tornar-se estratégia, ao proporcionar uma forma de compreensão dos significados da experiência do espaço público e da sua importância como elementos de diferenciação, em especial mostrando como o espaço público, enquanto espaço físico, cultural e relacional que responde a requisitos de uso e, ao mesmo tempo, a requisitos de representação, é uma “área de acumulação” da experiência colectiva da urbanidade”<sup>2</sup>.

Esta nova experiência urbana que este trabalho reproduz, sobrepõe significados opostos, usos correntes e normativos do espaço partilhado pela sociedade civil. Nessa condição, o habitar limiar para a inclusão, funciona como porta de entrada para um novo começo – no limiar do adequado e do conforto, um habitar no limiar da normalidade. Para se materializar, o abrigo nasce da transformação do espaço público em container, na tentativa de dotar o sem-abrigo de uma possibilidade de fuga à sua situação-limite e convidá-lo a entrar no território do flâneur e habitar com prazer.



99

[2.4.0] ESCALA 1:100 - Implantação-tipo: estação de metro de superfície - Abrigos.

0

99

### Um lugar entre o íntimo e o coletivo

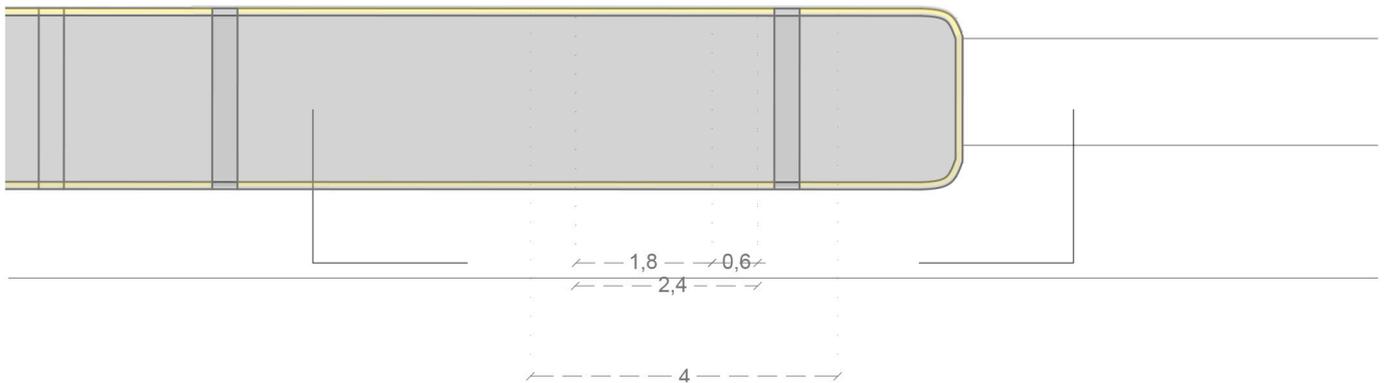
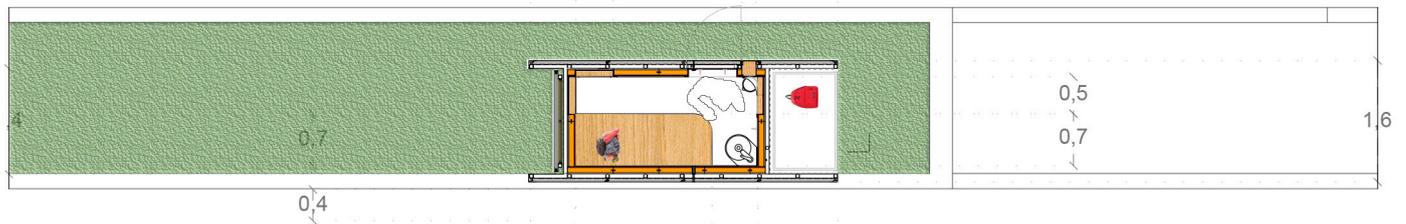
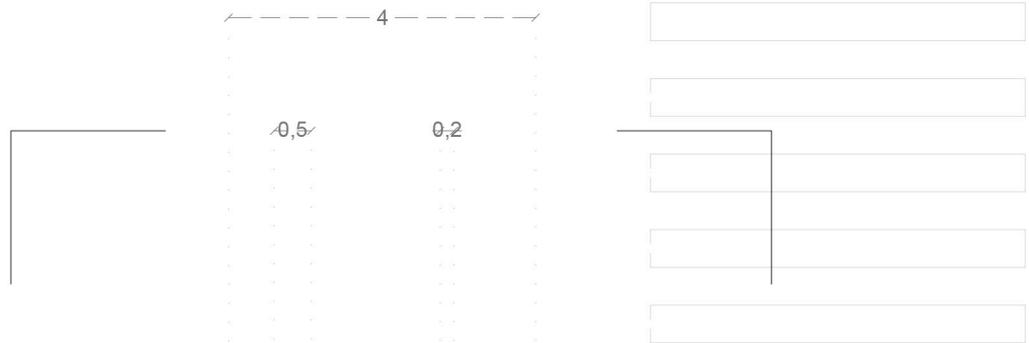
Um lugar na cidade para dormir vinculada à assistência social, é uma ideia tão distante da possibilidade de vir a concretizar-se que se tornou o desafio deste estudo. Primeiro, porque é uma atividade do cotidiano doméstico, a mais íntima ação do homem reservada à esfera privada. Depois, porque de todos os estudos já realizados, nenhum deles se tornou pertinente ao ponto de vir a tornar-se uma realidade possível. Tão distinto quanto o preto do branco, o íntimo e o público são conceitos tão próximos quanto distantes e entram no universo das heterotopias. A heterotopia, da autoria de Michael Foucault refere-se aos *espaços assinalados por múltiplas camadas de significação, (...) lugares configurados por meio de representações simultaneamente materiais e simbólicas*<sup>3</sup>.

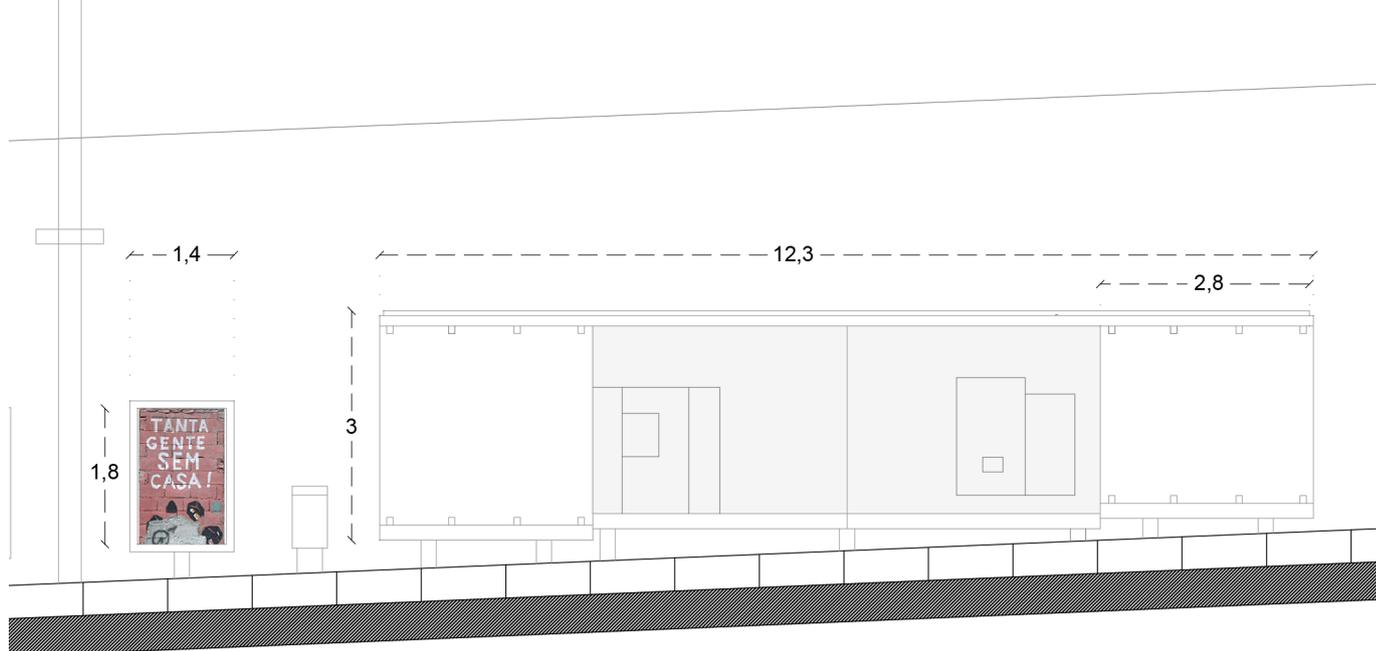
Dormir na rua é tão impraticável quanto inconsequente, uma vez que o dormir, mesmo que possível, aproxima-se mais da ideia de repouso, e não de uma postura em constante alerta e prevenção. E os lugares onde esta ação tem lugar atualmente são tudo menos espaços confortáveis, e ainda que se aproximem dos lugares mais protegidos das cidades, continuam a ser exteriores e por isso inconstantes. Se a sociedade aceita este tipo de vivência e consegue lidar com as imagens da miséria humana, é questionada a cidade nas reais possibilidades de albergar os sem-abrigo não nos seus limites entre o público e o privado, mas promovendo tipologias habitacionais à escala das suas necessidades. Hoje, desenham-se muitas propostas e abrigos para os sem-abrigo inseridos no contexto urbano, que não saem do papel. No confronto com as políticas de planeamento urbano, a gerência dos fundos comunitários e os códigos de conduta face às tipologias do edificado, põem em causa a viabilidade das propostas de abrigo mínimo inseridos no contexto do urbano. Tomemos como exemplo a postura de Santiago Cirurgeda na materialização das “Receitas Urbanas” e na atitude crítica perante a cidade e a sociedade. O arquiteto pede uma licença para armazenar os escombros de uma obra vizinha e cumprindo todos as premissas da legislação instala um contentor para servir de equipamento lúdico numa rua onde as atividades infantis têm pouca visibilidade. No final, o sentido da rua é recuperado e a instalação supera todas as expectativas, incorporando-se como um novo equipamento social, funcionando como um lugar de para várias associações do bairro<sup>4</sup>.



100 ↓ 100 [2.4] ESCALA 1:100 - Implantação-tipo: secção vertical longitudinal, secção horizontal (Planta +1,5m)

100 ↑ 100





101 [2.4.1] ESCALA 1:100 - Alçado de um abrigo da estação de metro do Porto - relação do abrigo com a envolvente

101

A subversão da função e dos usos é uma atitude constante na prática da arquitetura. Veja-se o caso da biblioteca de Viana do Castelo, desenhada por Siza Vieira, cuja imposição de uma terceira saída de emergência para o exterior, localizada num dos pilares, na ligação direta entre o primeiro piso e a cota de rua, a escada é resolvida à imagem de uma escultura, terminando num espelho de água.

No sentido de contornar o jogo de poder entre as políticas urbanas e as necessidades dos sem-abrigo, é proposto um objeto de carácter urbano e uso público, à imagem dos demais objetos de mobiliário urbano. O abrigo mínimo resulta num aglomerado de elementos existentes no contexto dos serviços públicos associados ao revestimento do abrigo, no sentido dissimular o abrigo no contexto, simulando no seu interior um quarto para o sem-abrigo.

### Um lugar para parar – A paragem

As estações de transportes públicos servem de ancoramento para os abrigos por possuírem características que as tornam ideais para albergar estruturas de repouso para os sem-abrigo. Nas paragens de metro encontramos as infraestruturas e elementos necessários, como os mupis publicitários e as vending machines, das quais o abrigo toma partido (através do aproveitamento da luz e calor 33) e a própria rede de transporte que surge como dinamizadora das deslocações indispensáveis no exercício de um habitar urbano digno 45.

Um ambiente diariamente renovado, no qual o sem-abrigo pode encontrar conforto durante o período noturno, de menor frequência de usuários e transportes e durante o dia impondo a sua dinâmica no quotidiano do sem-abrigo, inserindo-o no compasso de funcionamento da população ativa. É também importante frisar que estas paragens se revelaram centrais a uma série de dinâmicas e equipamentos de apoio social direcionados aos sem-abrigo, encontrando-se próximas de instituições de solidariedade social, hospitais e de locais onde são diárias ou semanalmente realizadas rondas de rua. São todas estas características e condicionantes que tornam as estações um pólo de atração para os sem-abrigo um pouco por todo o mundo. Tornando-se um dos princípios fundamentais para a implantação, ao ser transversal a várias cidades, regiões e territórios, a proposta pode tomar um carácter universal na resolução desta problemática.



102 [2.3.1] Fotomontagem 1 - implantação no Marquês (o abrigo é uma máquina de vending)

102

Tendo que, *a minha primeira preocupação em desenhar um quarto urbano foi a de que este se parecesse, fosse visto ou associado, a tudo menos a um quarto.* É a primeira questão inerente ao desenho do abrigo: a dissolução no contexto do mobiliário urbano.



Imagem 59:  
Taking the Street  
(1997): Santiago  
Cirugeda



Imagem 50:  
Escadas de emer-  
gência - Biblioteca  
Municipal de Viana  
do Castelo (2000):  
Álvaro Siza Vieira

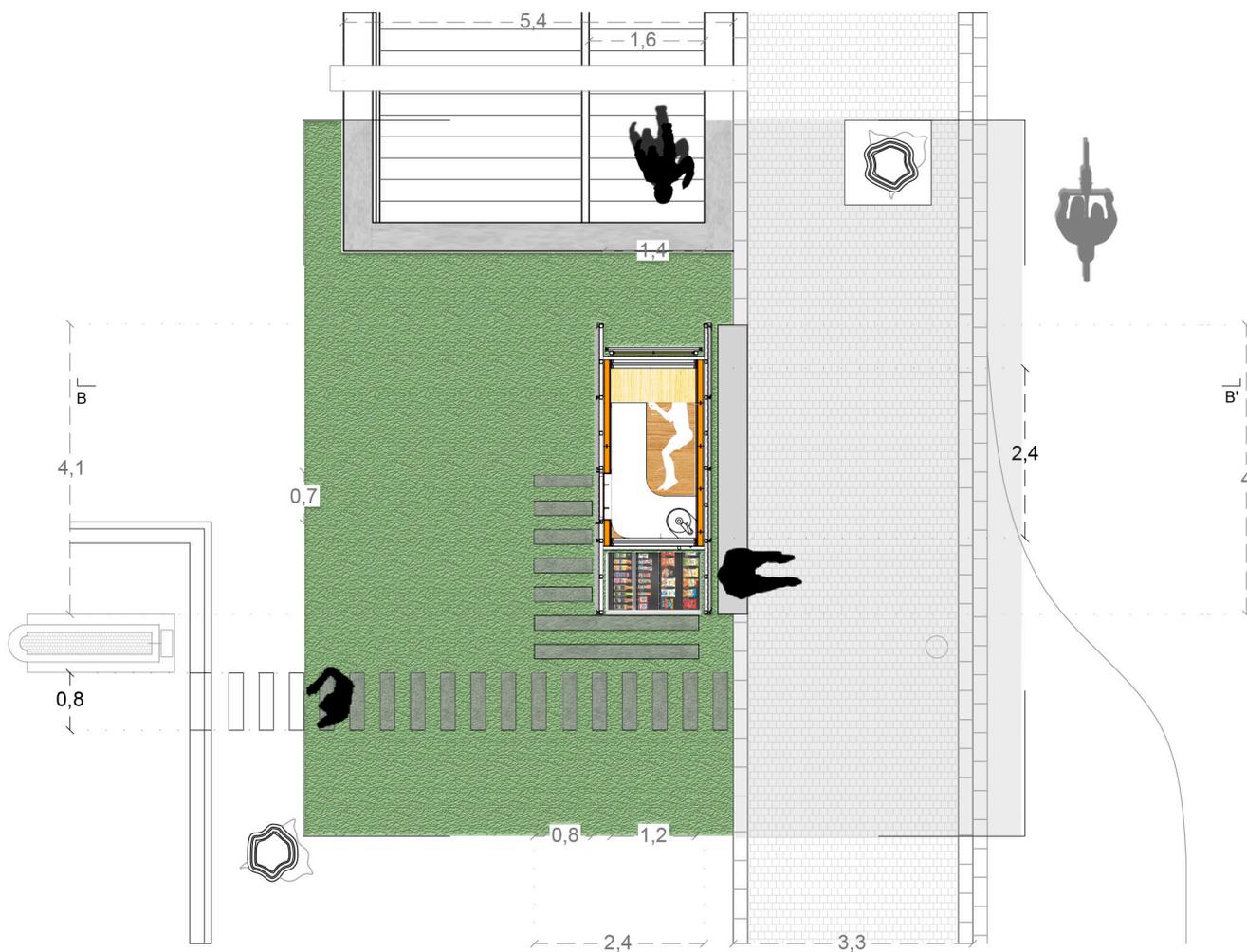


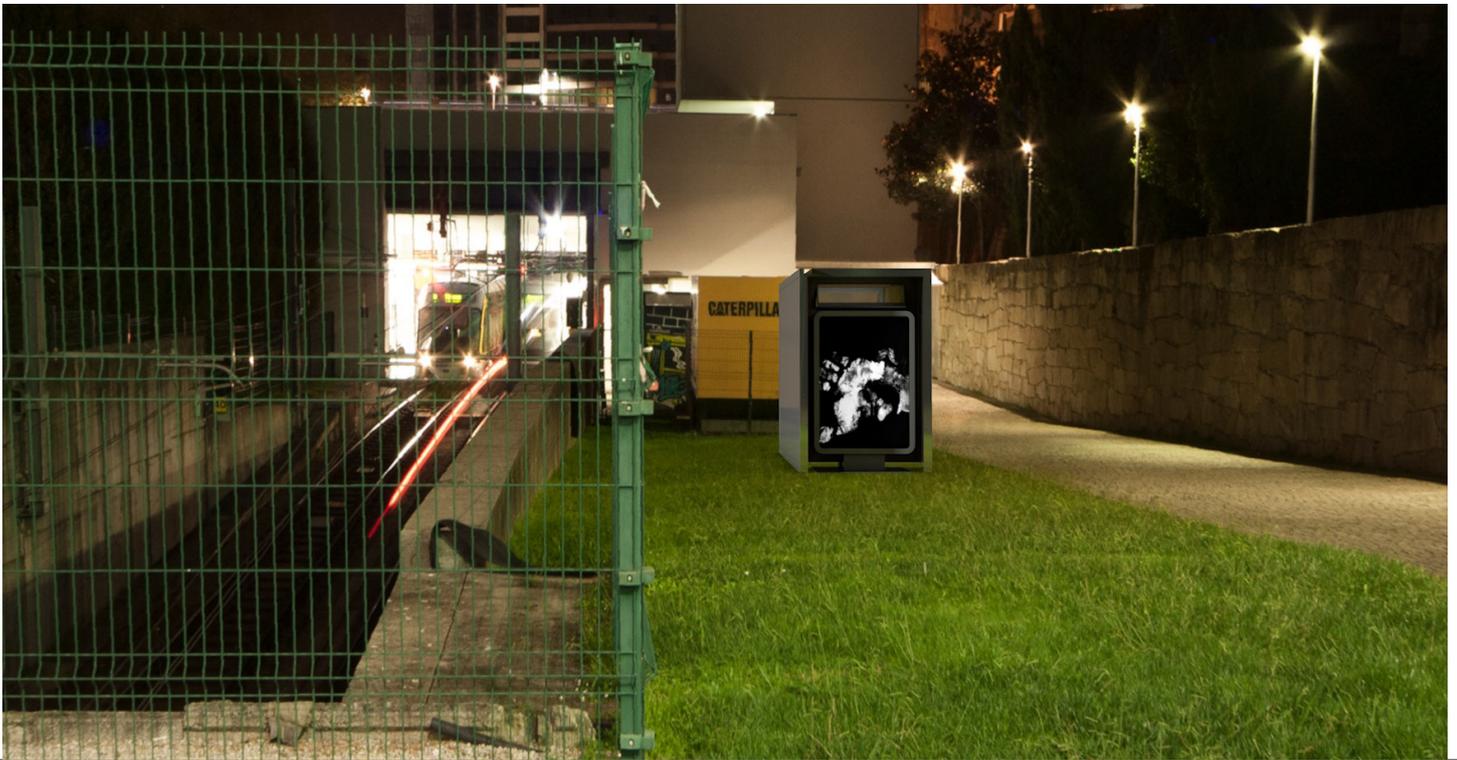
Imagem 51:  
Don't Miss A Sec  
(2004): Monic  
Bonvicini



103 ↓ 103 [2.3] ESCALA 1:100 - abrigo do Marquês - secção vertical transversal, secção horizontal (Planta +2m)

103 ↑ 103





104 [2.2.1] Fotomontagem 2 - implantação na Trindade (o abrigo é um mupi)

104

Sobre o Regulamento Geral de Mobiliário Urbano e Ocupação de Via Pública, EDITAL N.º 101/91<sup>5</sup>, entende-se:

Artigo 3.º (Mobiliário urbano)

1 - Por mobiliário urbano entende-se todo o elemento ou conjunto de elementos que, mediante instalação total ou parcial na via pública, por si ou instrumentalmente, se destine a satisfazer uma necessidade social ou a prestar um serviço, a título sazonal ou precário.

SECÇÃO IV – Abrigos

Artigo 68.º: Entende-se por abrigo todo o equipamento fixo no solo, coberto, com resguardo posterior e em pelo menos um dos topos laterais, destinado à protecção contra agentes climáticos.

Artigo 69.º

1 - A decisão sobre a instalação de coberturas de terminais, abrigos e gradeamentos de protecção de peões compete ao Presidente ou Vereador com competência na área do Trânsito.

2 - Antes da decisão serão solicitados pareceres ao Departamento de Ambiente quanto à localização e tipo de equipamento, sendo aplicável o disposto nos n.ºs 3 e 5, do artigo 26.º.

Imagem 52:  
Mobiliário urbano  
Estética,  
implantação e usos



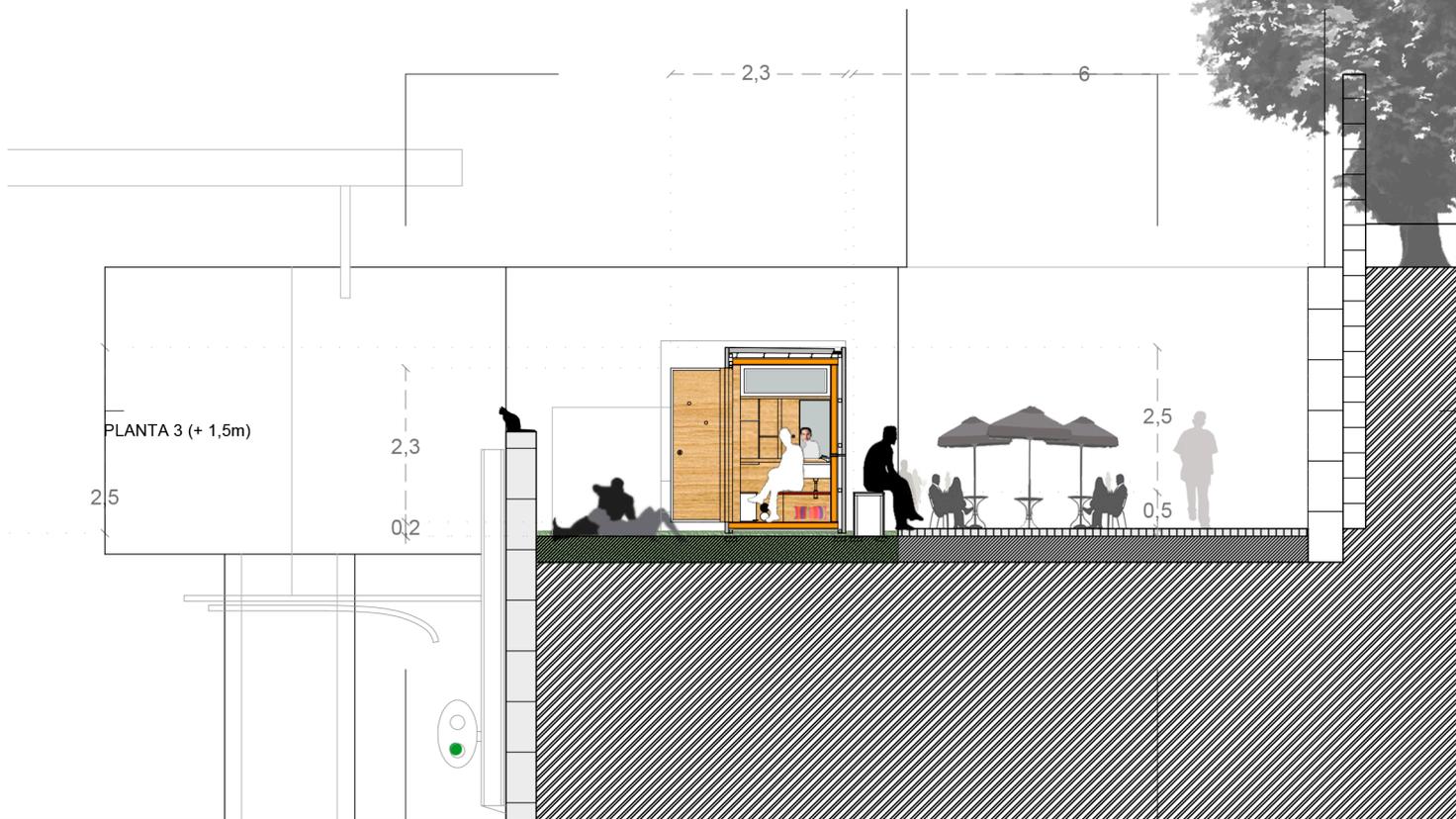
Artigo 26.º

Os processos de ocupação de via pública são apreciados pelo Departamento de Ambiente.

O Departamento de Ambiente deve pedir parecer aos seguintes serviços:

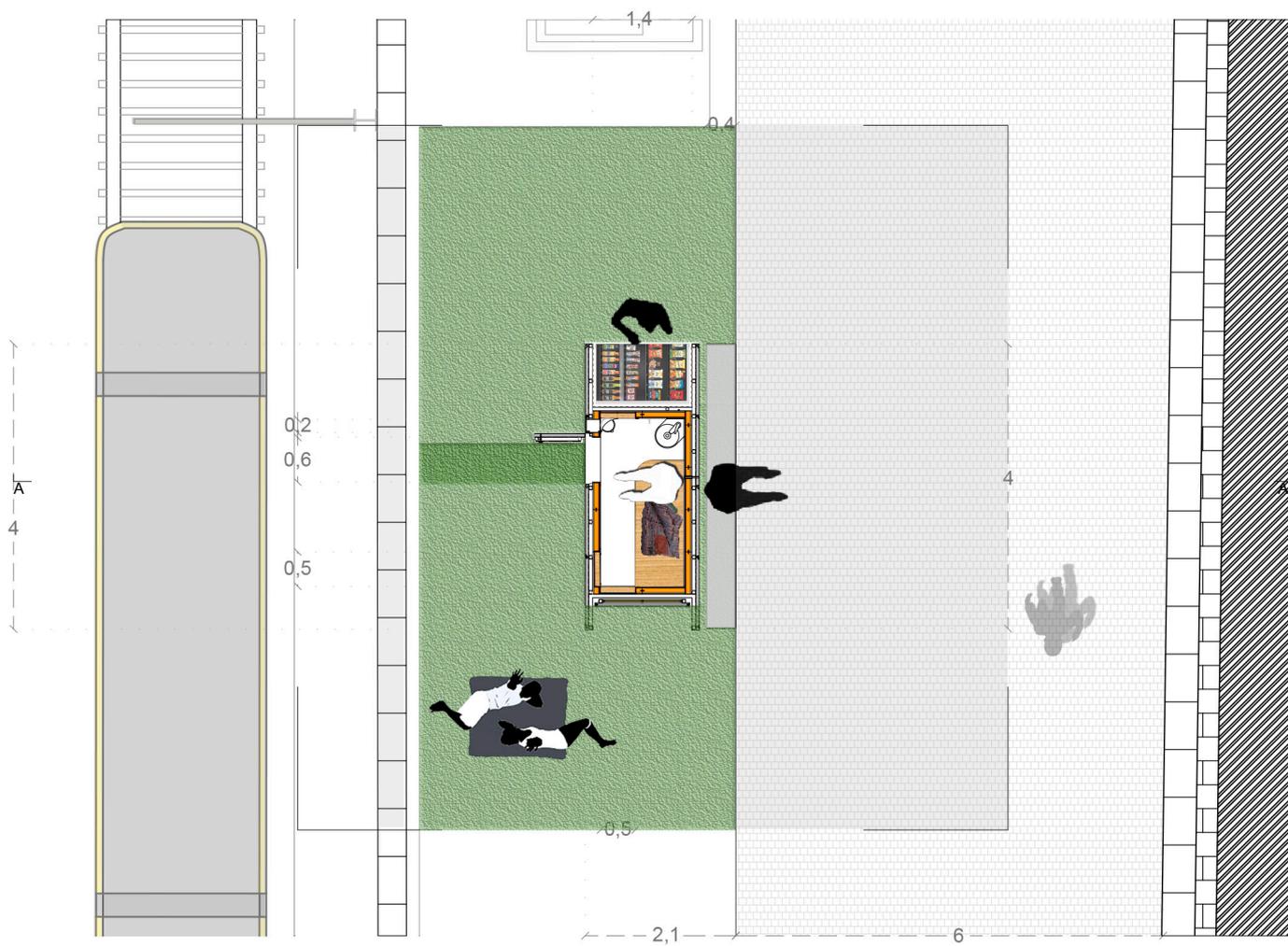
3 - Os pareceres referidos nos números anteriores deverão ser emitidos no prazo de 15 dias, presumindo-se favoráveis se não forem emitidos nesse prazo.

5 - Caso a decisão seja contrária a algum dos pareceres, deverá a mesma ser devidamente fundamentada.



105 [2.2] ESCALA 1:100 - abrigo da Trindade - secção vertical transversal, secção horizontal (Planta +1,5m)

105 ↑ 105





106 [2.1.1] Fotomontagem 3 - implantação em São Bento (*o abrigo é cacifos*)

106

## Implantação do abrigo

O abrigo é um dispositivo híbrido, concebido e suportado pelos conhecimentos adquiridos ao longo do curso de arquitetura, juntamente com a pesquisa teórica e bibliográfica realizada no âmbito das ciências sociais. Contribuíram também para este projeto, relatos e experiências observadas no contexto das apropriações dos elementos urbanos pelos sem-abrigo nas cidades.

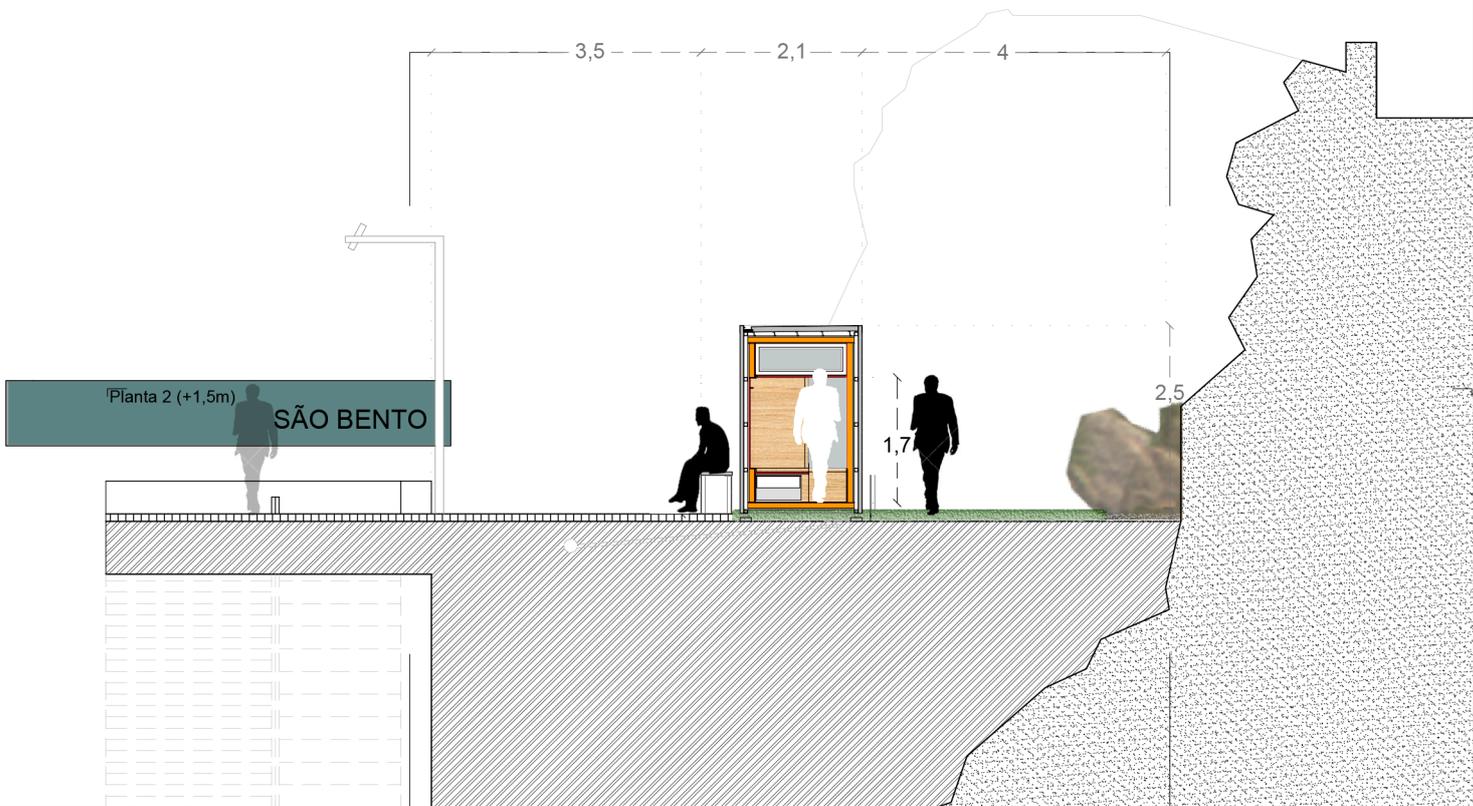
No capítulo anterior, abordamos o ponto de vista perante a cidade aos olhos do sem-abrigo, em constante movimento e paragem. Agora é proposta a implantação do abrigo, um dispositivo de apropriação diferenciada entre o interior e o exterior, dissimulado no contexto do mobiliário urbano, o lugar da paragem, durante uma noite. Um abrigo mínimo, de dimensões reduzidas, à escala dos demais objetos de mobiliário urbano: quiosques, abrigos de transportes públicos, contentores, partilhando das mesmas condicionantes na forma como se inscreve no espaço urbano, podendo estar incluído sob plataformas de abrigo horizontais ou, isolado e em continuidade com as diretrizes dos serviços já existentes.

### O Programa

O abrigo é um dispositivo de mobiliário urbano, projetado para estar localizado nas imediações da via pública destinado à satisfação de uma necessidade social, ao mesmo tempo que presta um serviço público; polivalente. É um equipamento fixo no solo, coberto, com resguardo, destinado à proteção contra agentes climáticos.

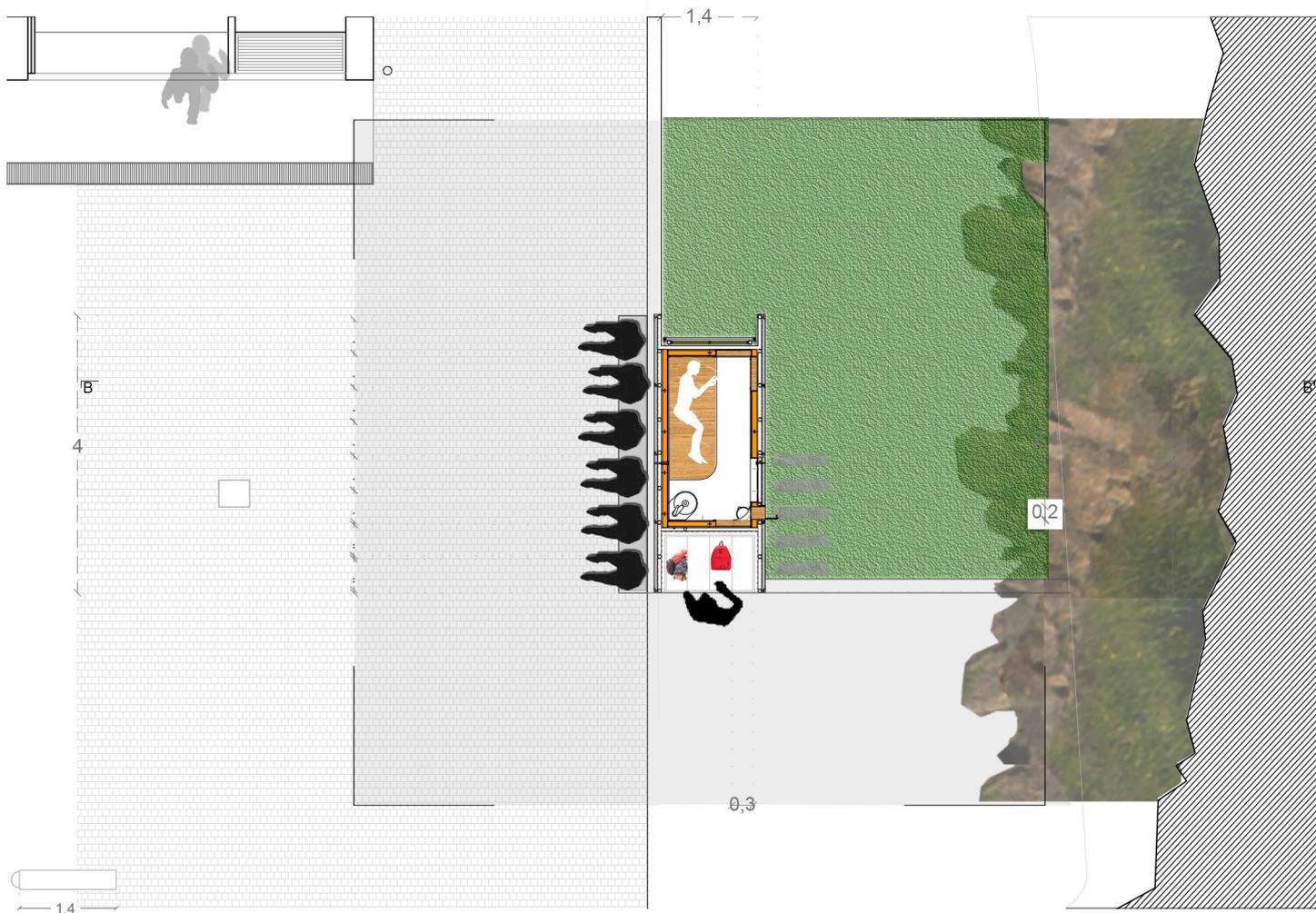
Detentor de um programa diferenciado entre o interior e o exterior: um quarto individual, interior e invisível pelo exterior, é composto por uma cama, um lavatório e um conjunto de estantes e gavetas para armazenamento de roupas e cobertores. No exterior, máquinas de vending ou cacifos sociais, muppies publicitários e um banco, revestem e dissimulam o abrigo no contexto do mobiliário urbano.

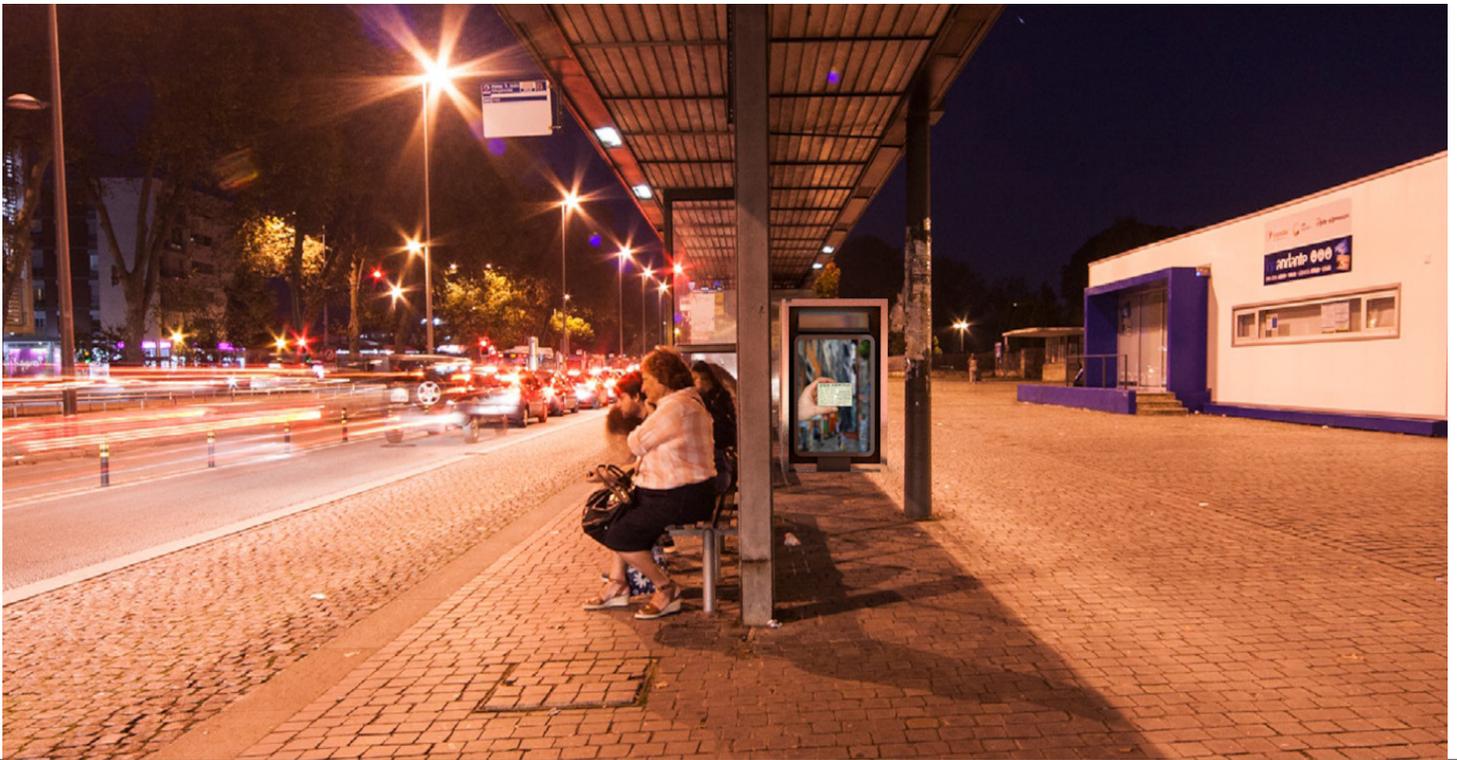
Como requisitos gerais, é importante garantir o acesso à rede de saneamento, com a qual conecta o lavatório, à semelhança de um bebedouro público. Dadas as contingências de segurança adjacentes às estações de metro, também foi tida em consideração a proximidade com as câmaras de vigilância existentes nas estações de metro.



107 ↓ 107 [2.1] ESCALA 1:100 - abrigo de São Bento - secção vertical transversal, secção horizontal (Planta +1,5m)

107 ↑ 107





108 [2.5.1] Fotomontagem 4 - implantação no HSJ (o abrigo inserido sob uma estrutura de abrigo)

### A Localização

Como casos de estudo, são propostas cinco implantações do Abrigo. Na linha D, ou linha Amarela, foram estudadas duas estações com estruturas de abrigo de superfície e três estações subterrâneas.

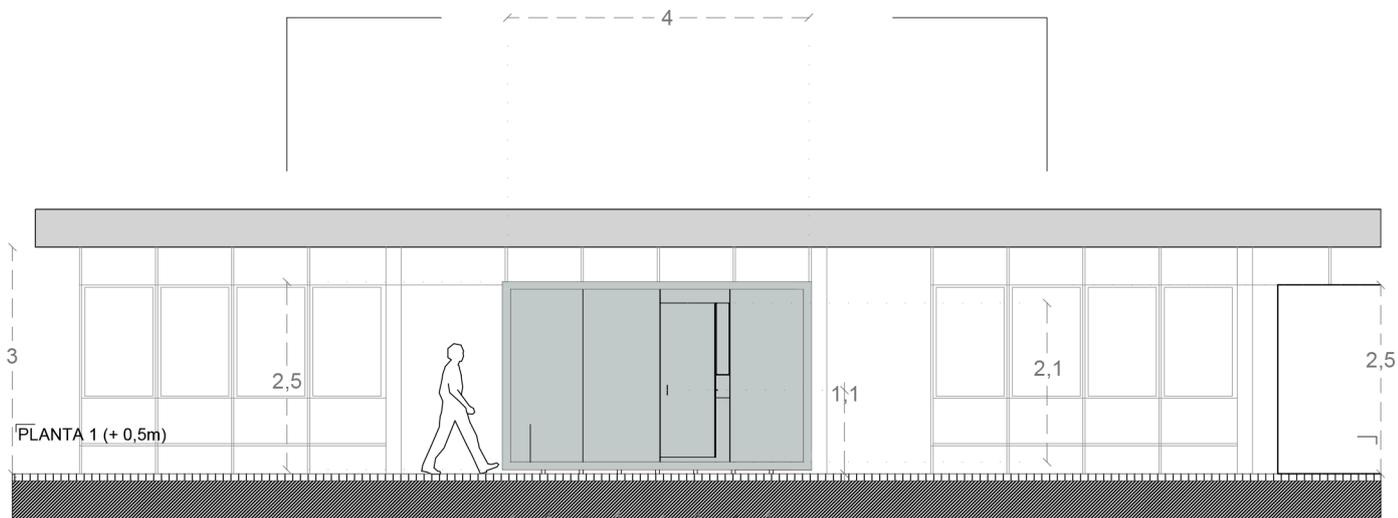
Autônomo na fixação com o território, o abrigo instala-se sobre terrenos preferencialmente planos, jardins ou pavimentados, em conformidade com os demais abrigos e paragens. Nas estações ou nos passeios, a fixação ao solo pressupõe a substituição de um paralelo do pavimento, de tal modo que, no futuro, deixando de ser pertinente o mesmo pode ser removido sem deixar qualquer marca da sua existência. A implantação do abrigo nas paragens de metro, incorpora no espaço do público um renovado envolvimento com a problemática dos sem-abrigo.

- A estação Câmara de Gaia é um exemplo de uma implantação-tipo, mais comum no Metro do Porto [p.98, 99, 100, 101];

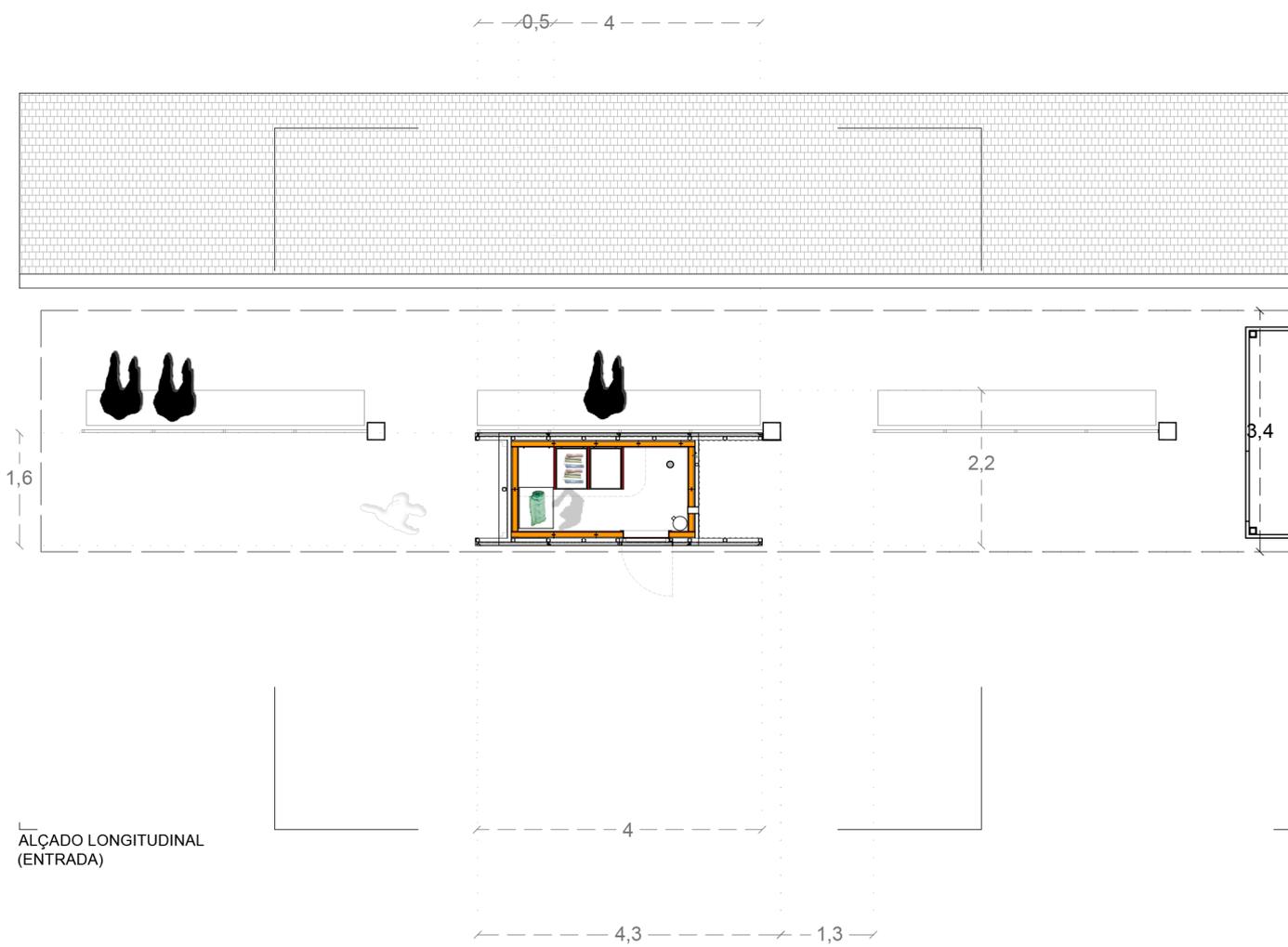
- A estação Hospital São João [p.108, 109] – estação terminal a Norte, com interface de autocarros STCP e expressos de longo curso, estabelece ligação com cidades do norte do país – e a estação Câmara de Gaia - a Sul, localizada em Vila Nova de Gaia com interface de comboios. Estas estações são representativas das estações-tipo de superfície, genéricas e tipologicamente mais frequentes no conjunto das estações da rede de metro, ao mesmo tempo que conjugam outros sistemas de mobilidade.

- As estações do Marquês [p.102,103], da Trindade [p.104,105] e de São Bento [p.106, 107], localizam-se em núcleos urbanos da cidade do Porto, representam as exceções, já que convergem em espaços de uso coletivo nomeadamente, num jardim, numa praça, e num passeio/rua, respetivamente.

Não é uma casa, mas um pequeno quarto, cujas dimensões mínimas, não se encontram regulamentadas nas tipologias do edificado, do mesmo modo que a sua implantação rege-se pelas legislações aplicadas aos demais dispositivos de mobiliário urbano.



109 [2.5] Escala 1:100 - abrigo do H.São João - alçado longitudinal (porta), secção horizontal (planta +0,30)



ALÇADO LONGITUDINAL (ENTRADA)



110 Estar em contínuo movimento

110

Referências bibliográficas:

- 1 MITCHEL, D., The right to the city, cit. AESCHBACHER, P., RIOS, M., Claiming Public Space: The Case for Proactive, Democratic Design, p.84
- 2 BRANDÃO, Pedro – O Sentido da Cidade: Ensaio sobre o mito da Imagem como Arquitectura. Lisboa: Livros Horizonte, 2011
3. FOUCAULT, M. Of Other Spaces: Utopias and Heterotopias
- 4 URBANACCIÓN 07/09, Recetas Urbanas de Santiago Cirugeda, p.99
5. EDITAL N.º 101/91 : Regulamento Geral de Mobiliário Urbano e Ocupação da Via Pública, consultado em [.cm-lisboa.pt/municipio/camara-municipal/regulamentos](http://cm-lisboa.pt/municipio/camara-municipal/regulamentos)

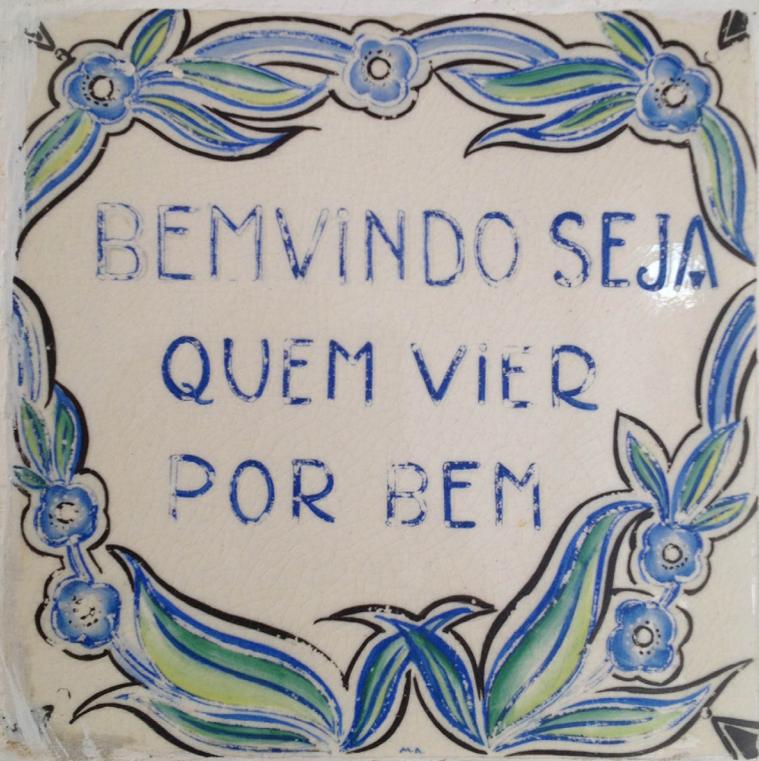


111

Localizados nos núcleos urbanos, aparentemente dispersos pelo território, os abrigos compõem uma ideia de comunidade específica, infraestruturada e alicerçada no sistema urbano que é o metro. Para o comum passante, o habitante da superfície, o abrigo não é mais do que mais um dispositivo de mobiliário urbano: um banco para descansar, uma máquina vending para consumir, uma publicidade para entreter. Para o sem-abrigo, em cada estação de metro, a certeza de um lugar, um espaço protegido para dormir, um porto para sonhar.

Este container que propomos para o sem-abrigo, aproveitando o espaço público em constante mutação, é um espaço onde simultaneamente se faz um corte com a realidade (a da rua), produzindo artificialmente outra realidade (a de uma habitação). É pois um habitar limiar - nos limites, uma heterotopia em si mesmo.

Na redução espaço-tempo que este meio de transporte compreende a cada deslocamento e paragem, também a localização dos abrigos organiza mentalmente um conjunto de estruturas bastante próximas entre si. Aparentemente dispersos, fazem parte de um conjunto bastante coeso, dialogando intimamente com a acessibilidade e a inclusão. Esta comunidade e se quisermos, este pequeno bairro, constituem um ponto de partida para, a partir daqui, o sem-abrigo prolongar-se a toda a cidade **42** - **55** .



112

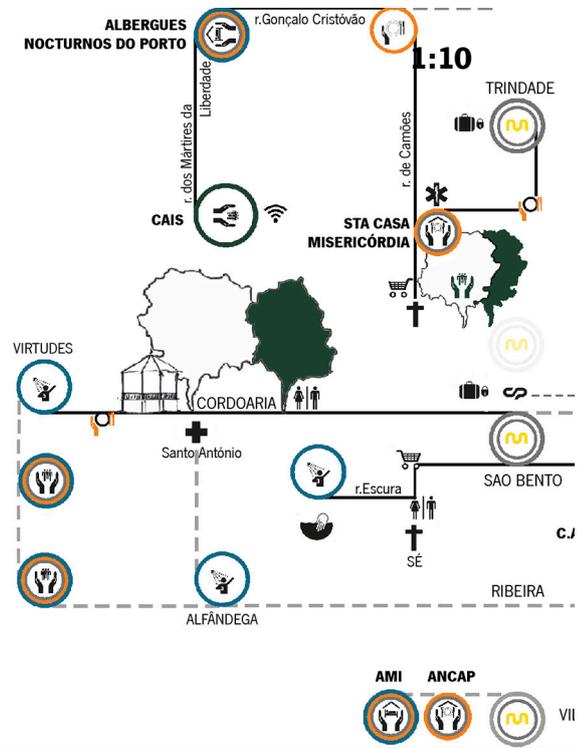
Escala 1:10 \_ Materialidade e Estrutura

0

112

↑ 20





113 [1] Escala 1:10 - Entrar - Alçado do Mupi

SEM ESCALA

113

“Se esta certeza (o meu corpo pertence-me) é abalada, tudo (o mundo, o meu mundo) é abalado. Não estamos pois num processo mesquinho de contabilizar propriedades dispensáveis, pelo contrário, estamos no centro primeiro do humano. Antes ainda das necessidades primárias (alimentação, abrigo, etc.) surge a necessidade de piso zero: ter um corpo que se reconhece; em volta, para o mundo e depois para si próprio, e dizer, calmamente: eu estou aqui, pelo menos tenho um corpo.”

Gonçalo M. Tavares, *Corpo e Identidade*, Atlas do Corpo e da Imaginação, p.183

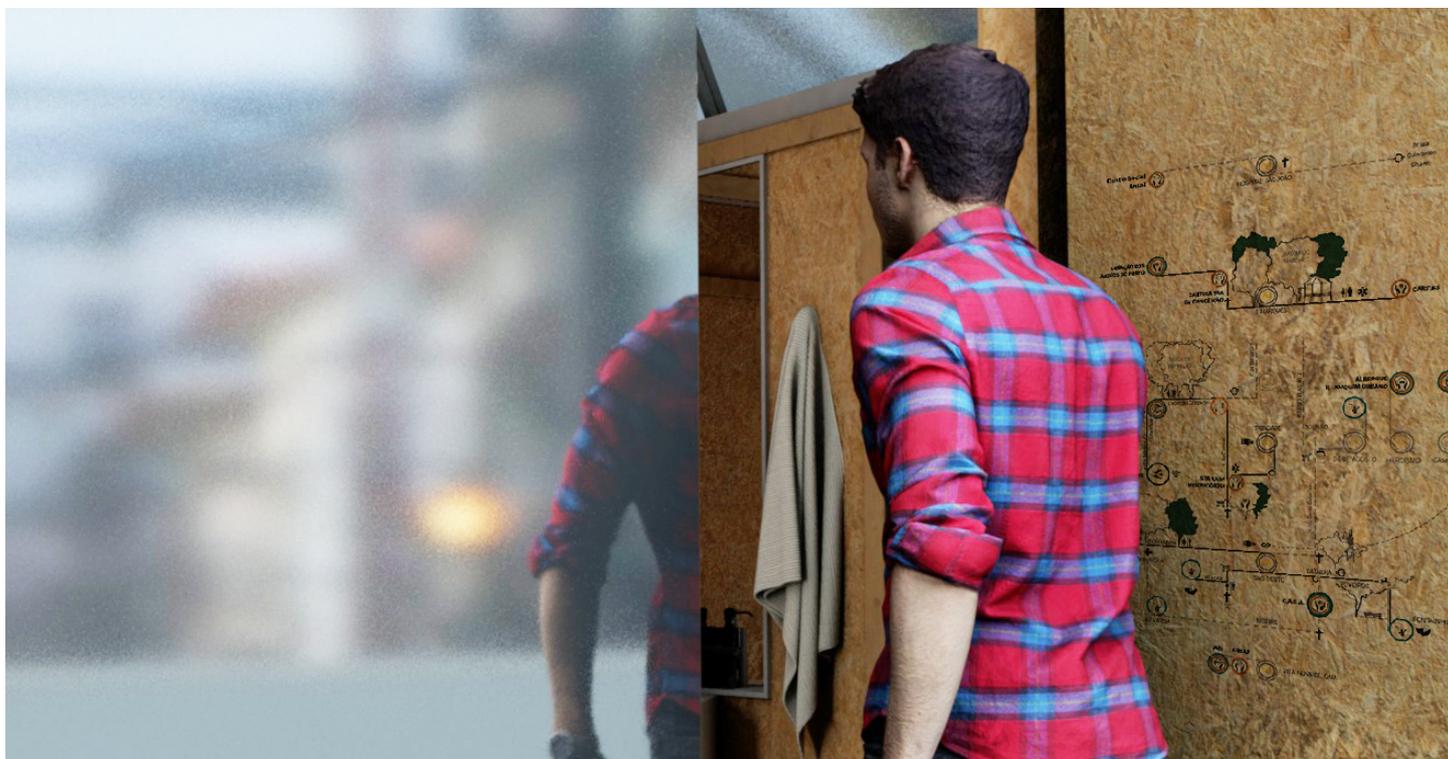
### 1:10\_ Escala da (in)visibilidade

“Repensar o ser, retornar às origens da filosofia; repensar a casa, voltar a interpretar o seu sentido existencial.”

Iñaki Ábalos, *A boa-vida, A casa existencialista*, p.45

A escala da *(in)visibilidade* é a escala 1:10, a escala de pormenor, coloca-nos no centro primeiro do humano. A um metro de distância surge a necessidade de piso zero, o sem-abrigo é enquadrado na sua intimidade, nos limites do seu corpo, cabeça, mãos e pés, agora mediados por uma materialidade e estrutura concretas, ao encontro do conforto e proteção. Neste capítulo são apresentados os desenhos de pormenor do abrigo mínimo, o processo construtivo e as especificações materiais que o definem.

A *(in)visibilidade* é o mecanismo de mediação que define a inclusão do sem-abrigo no abrigo e consequentemente a inclusão na cidade. Anteriormente definimos a problemática da invisibilidade como um processo de filtragem social, associada à indiferença e vulgaridade com que ocorre. A presença de sem-abrigos nos núcleos urbanos é tão frequente que se torna natural, dissolvendo-se a problemática na leitura da paisagem das cidades mais populosas e o Porto não é exceção. Contrariando esta tendência, foram apresentadas propostas que visam dar visibilidade ao problema, referindo as posições dos intervenientes e as opções materiais consideradas no projeto, cuja intenção principal é também chamar a atenção através da sensibilização 19, não descuidando a sobrevivência humana, condição evolutiva e existencial.



114 [1.0] Entrar no Abrigo - Modelação 3D/Fotomontagem

115

Neste sentido, a proposta de (in)visibilidade consiste em dar visibilidade à problemática através do abrigo mínimo, incluído nos sistemas urbanos que por sua vez inclui o sem-abrigo, assim incluído na cidade. Por sua vez o abrigo confere invisibilidade ao sem-abrigo, conforto e proteção, reconhece um corpo, e para o mundo dissimula a condição de ausência. O abrigo reconhece o corpo para si próprio e simula o habitar no limiar do íntimo e do coletivo, dizendo, calmamente: pelo menos tenho um corpo. É um encontro com o que nos diz Herzberger, que “os indivíduos se apropriam dos espaços tanto como os espaços se apropriam dos indivíduos”<sup>1</sup>.

### O Habitar Mínimo

O pensamento sobre o habitar mínimo, nos projetos de habitação de dimensões reduzidas à escala do corpo e das necessidades mínimas de conforto e proteção, pode ser enquadrado em duas posturas: a primeira abordagem relaciona-se poeticamente com a procura do mínimo por oposição ao supérfluo, a segunda materializa-se no recurso aos elementos mínimos essenciais disponíveis **32**.

Um exemplo é o Petit Cabanon projetado por Le Corbusier em 1952, construído em Roquebrune Cap Martin. A pequena cabana com uma divisão apenas tem planta retangular (3,66m x 3,66m e 2,26m de altura) é prefabricada em madeira e montada a seco e deve as suas medidas ao sistema métrico do *Modulor*<sup>2</sup>. Aqui Le Corbusier recorreu ao mínimo indispensável, o espaço é racionalizado ao máximo, é o seu reduto e último projeto.

Outro ponto de partida prende-se com o mínimo de recursos técnicos e financeiros disponíveis. Este é o princípio base nas propostas de abrigos para os sem-abrigo, como também dos projetos de habitação social, entre os quais o Saal – Serviço de Apoio Deambulatório, posterior ao 25 de Abril de 1974, privilegiando *novas opções estratégicas da obra, (...) nomeadamente de materiais e mão-de-obra a utilizar, minimizando os custos, e também de novas formas de modelar o espaço viabilizando novos quotidianos*<sup>3</sup>.

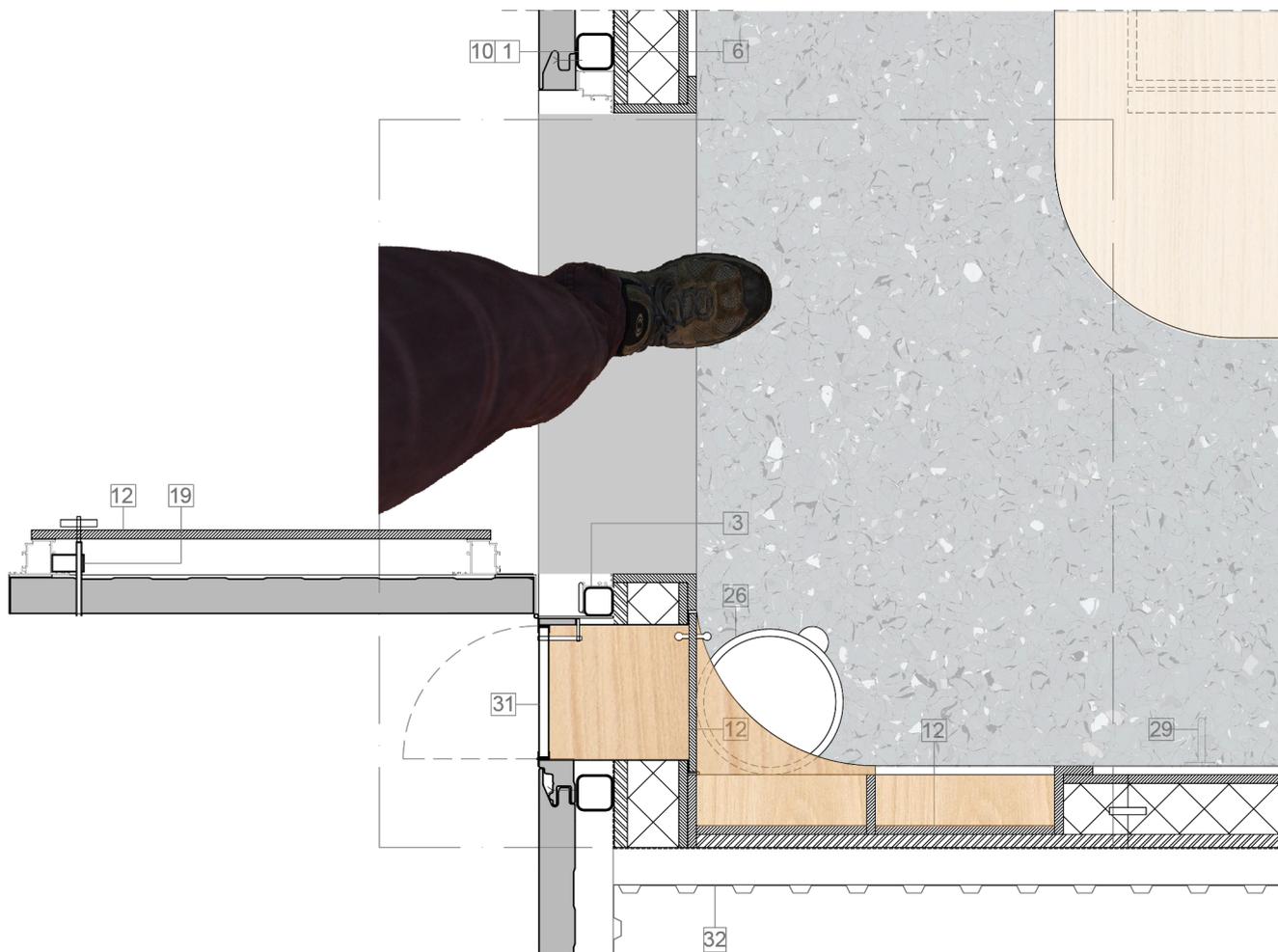


115



[1.1] Escala 1:10 - Entrar - Secção transversal, secção horizontal 10.1 (+1,5m)

115





116 [1.0.1] Mobiliário e utilitários no interior do abrigo - Modelação 3D/Fotomontagem

116

Para além da dimensão económica da adopção da autoconstrução, nas iniciativas de produção habitacional de interesse social, este modo de fazer (por vezes ligado a processos participativos) é também visto como o primeiro vínculo que se estabelece entre as populações e os novos espaços que serão a sua futura habitação<sup>4</sup>. Nesta leitura, o ensaio de Martin Heidegger, *“Construir, Habitar, Pensar”* questiona, *O que é habitar? Em que medida pertence ao habitar um construir? Construir já é em si mesmo habitar*<sup>5</sup>. Heidegger utilizando a linguagem (alemão antigo, latim, grego e anglo-saxão) como suporte de análise, demonstra como o verbo construir, nas suas formas linguísticas mais antigas, exprimia também o “ser” e **26** o “habitar”, mas que no entanto esses sentidos foram caindo no esquecimento.

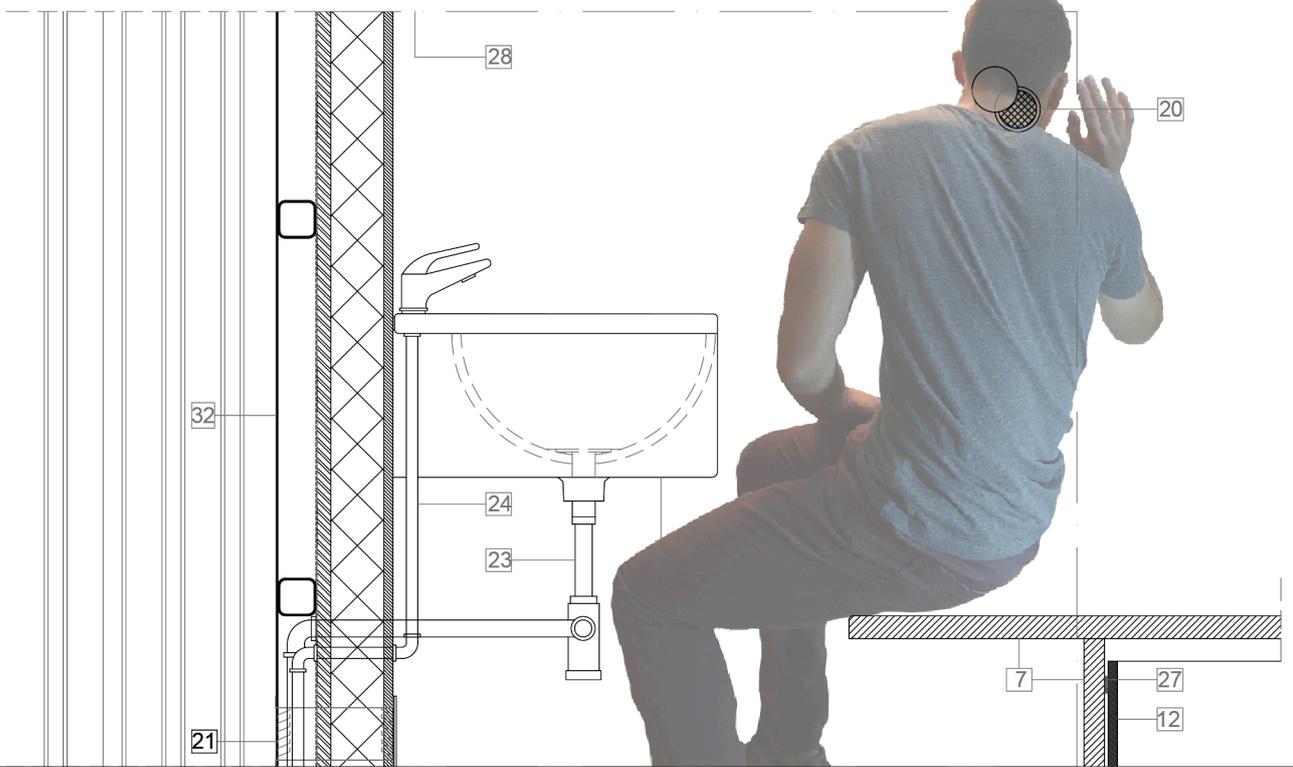
*“A casa é o lugar do autêntico, é o refúgio que protege do exterior, da inclemência do tempo e dos agentes naturais, mas também do mundano e superficial, dessa exterioridade sempre concebida como nociva”*

Iñaki Ábalos, *A boa-vida*, p. 51

Entre o íntimo e o coletivo, emerge o abrigo do sem-abrigo. A cidade não pode mais ser o lugar da pobreza, mas a resposta para ela. As grandes empresas, os coletivos e as solidariedades, unidas num projeto de contenção mínimas. Para existir, o abrigo só carece de boa vontade, de uma nova perspetiva face ao problema de habitação, por isso abordado na condição mínima da segurança humana, no ato de dormir, uma camada para o corpo, a segunda pele que protege e conforta o momento em que o corpo fica só, vulnerável e exposto, para com segurança sonhar, vaguear interiormente e acordar renovado e motivado. O abrigo mínimo responde a um dos objetivos últimos do arquiteto, que “deve fazer tudo em seu poder para ajudar as pessoas a combater a alienação relativamente ao meio, a outras pessoas e a si próprias<sup>6</sup>”.

#### Construção modular - O sistema construtivo

O mercado da habitação modular tem crescido de ano para ano, havendo cada vez mais empresas especializadas neste tipo de construção, mais rápida, personalizada e de custos reduzidos. Os sistemas de construção modular podem ser realizados em obra ou montados no local, destacando-se construção tradicional na rapidez de construção, materialidade e estrutura, e acabamentos, pré-fabricados e standerizados, existentes em praticamente todo o mundo.

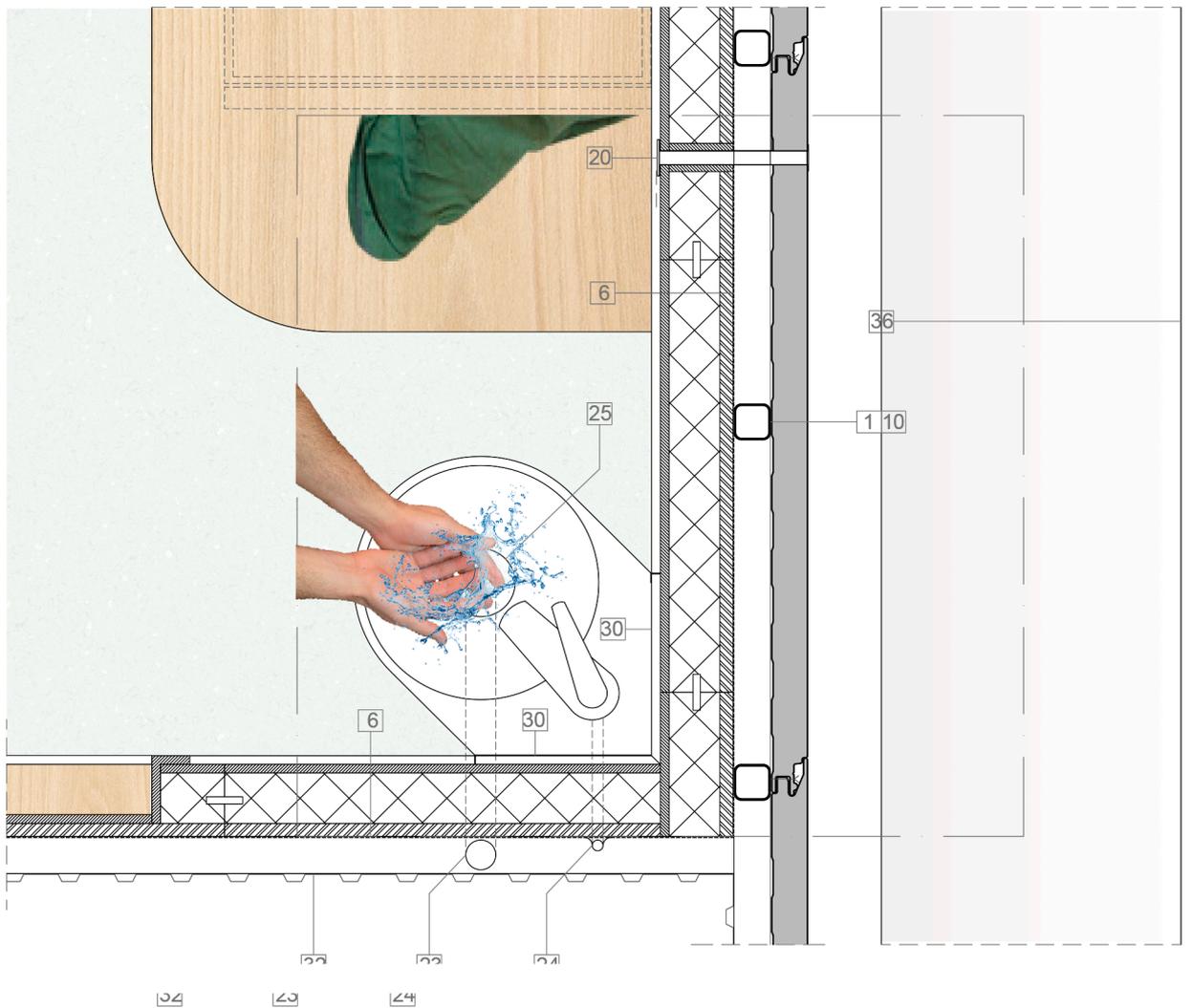


117



[1.2] Escala 1:10 - Sentar/ouvir - secção vertical longitudinal, Lavar - secção horizontal 10.2 (+1,5m)

117





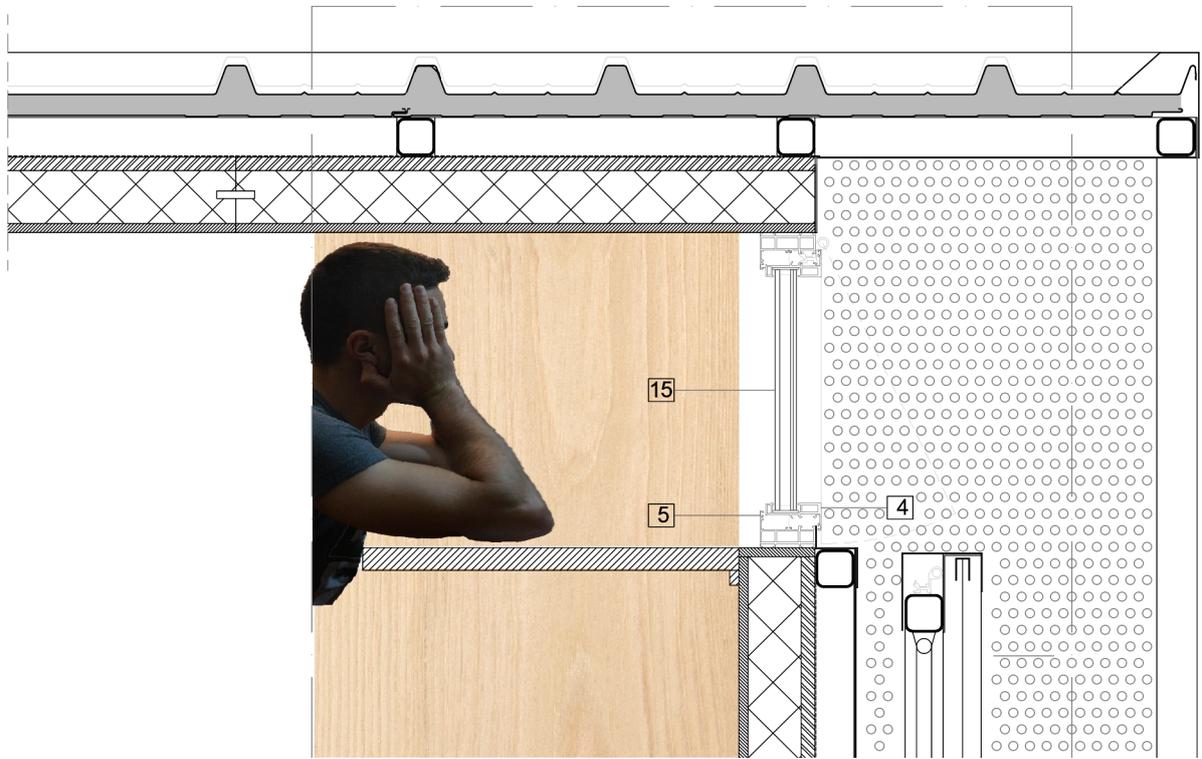
## Estrutura e materialidade

Os materiais propostos para a construção do abrigo foram escolhidos em função das suas características físicas e estéticas, inserindo-se no léxico da materialidade urbana. Foram, também, escolhidos numa dialética entre função e significado, partindo da proposição de Zumthor, de que “há mil possibilidades diferentes num material apenas”<sup>7</sup>. À imagem de um outdoor publicitário, os painéis sandwich metálicos revestem o exterior, fachada e cobertura. Na sua composição é um material formado por chapas metálicas lisas e caneladas, com isolamento de poliuretano, um composto isolante acústico. No interior, o abrigo íntimo é envolvido por painéis sandwich de madeira, um material autoportante de maior sensibilidade e conforto térmico. A madeira cumpre a função de conforto tátil e sensorial (referência) um material mais denso com menor condutibilidade térmica, justaposta ao metal, mais frio, cinzento e refletor. As principais vantagens dos painéis estão relacionadas com o baixo custo, a facilidade de aplicação e montagem. Por se tratar de um objeto de uso indiferenciado, na eventualidade de deterioração, a substituição dos painéis é feita com relativa brevidade, sem comprometer o conjunto.

Entre o íntimo e coletivo <sup>46</sup>, entre os painéis de madeira e os painéis metálicos, são aparafusados a uma estrutura metálica tubular soldada, cuja forma porticada envolve o abrigo interior. Os painéis exteriores são aparafusados à estrutura porticada, fixando-se ao solo por intermédio de sapatas individuais à escala de um paralelo. Estes materiais pré-fabricados destacam-se ainda por serem uma referência mundial, disponíveis em grandes quantidades, cores e texturas.

A cama é o elemento central do abrigo, desenhada com recurso a um painel de madeira com 3cm de espessura, é um elemento com uma forma orgânica, arredondado nos remates de forma a evitar possíveis lesões.

Do mesmo modo que a ideia do projeto surgiu junto da problemática absorvida ao longo dos anos no contacto com os sem-abrigo, o programa e a maturação do desenho foi acompanhada por alguns sem-abrigo, desde estudo de campo às conversas com os mesmos, também o processo de conceção poderia ser realizado pelos futuros usuários, no âmbito de formações/workshops realizados pelas instituições de solidariedade em parceria com empresas de construção.



119

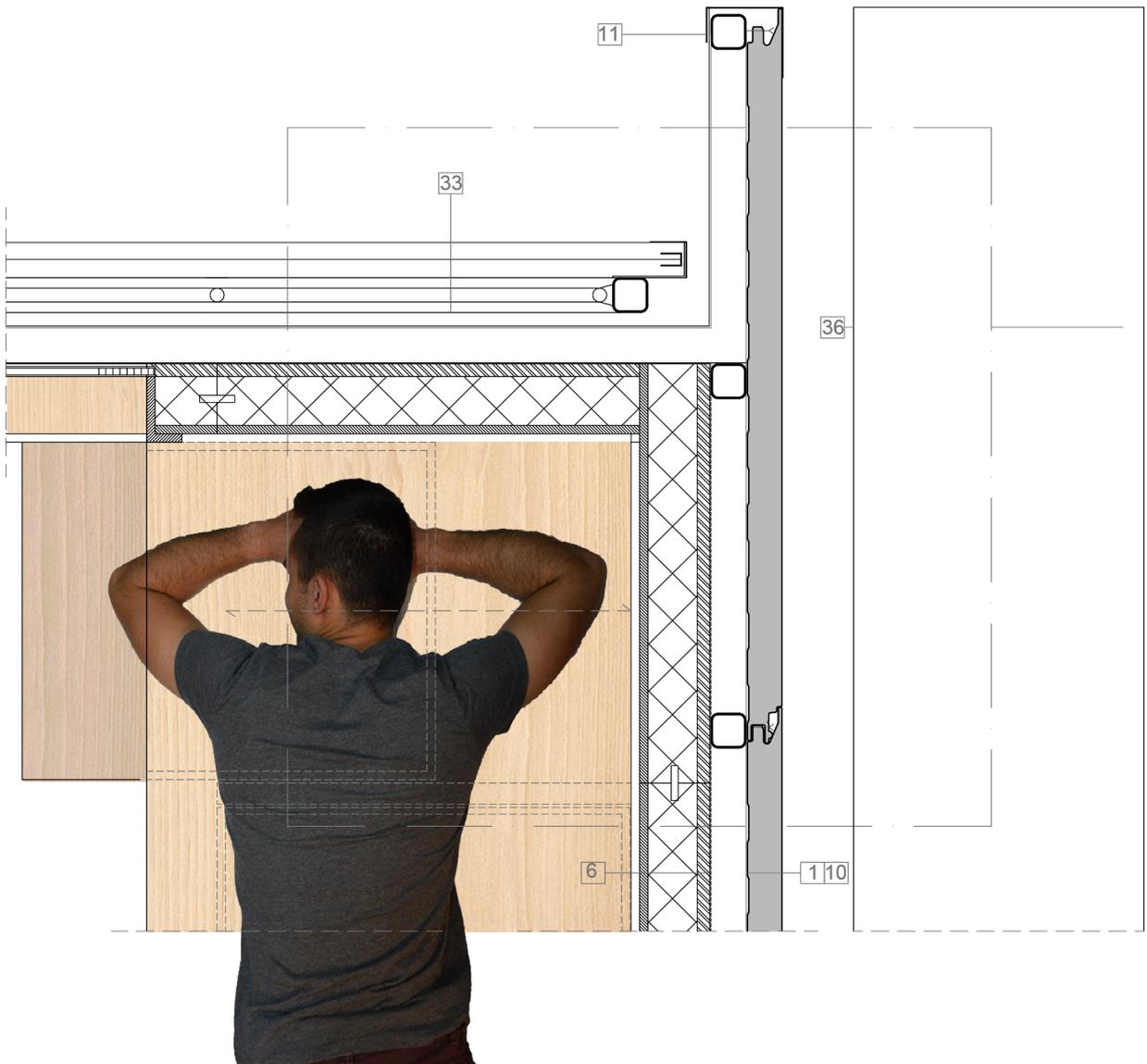


[1.3] Escala 1:10 - Ver - secção vertical longitudinal, Deitar - secção horizontal 10.3 (+1,5m)

119



0





Vamos ao encontro, do envolvimento proposto, uma vez mais, por Zumthor, entre o arquiteto e o utilizador, ao encontro do “juntarmo-nos e pensar as coisas – primeiro, nas nossas cabeças e, depois, no mundo real”<sup>8</sup>.

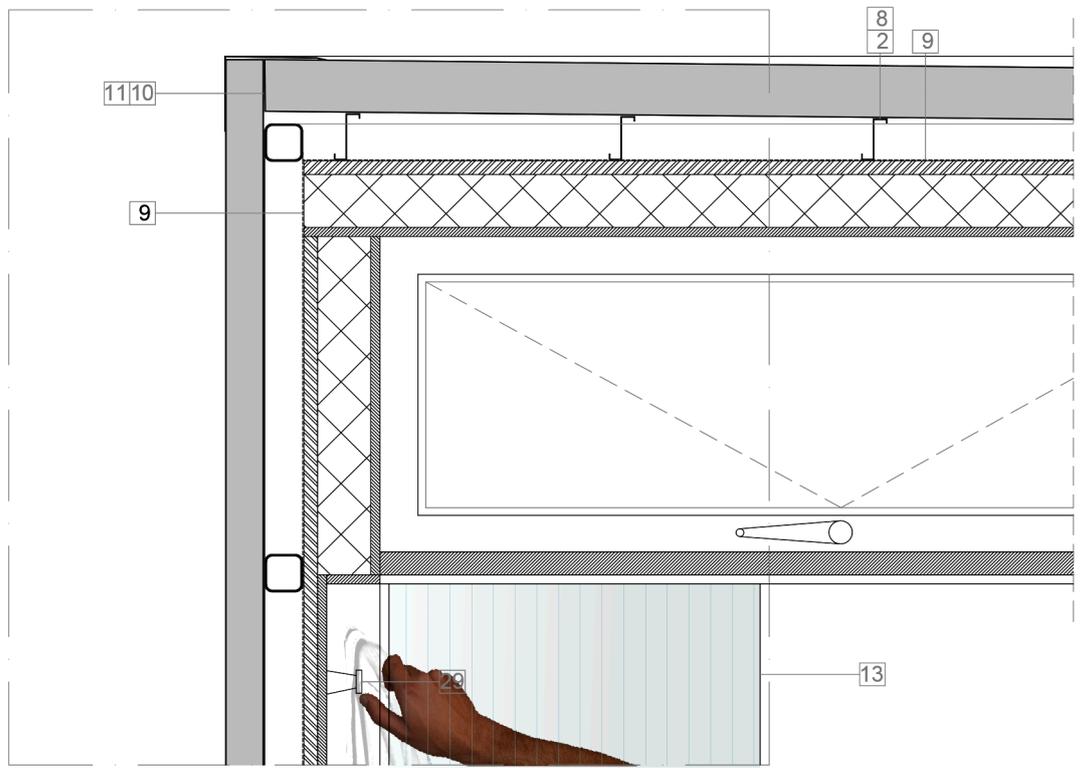
Neste sentido é proposto um maior envolvimento dos sem-abrigo na fase de construção, uma vez que as técnicas e especificidades podem ser encontradas nos manuais dos revendedores dos produtos, em conjunto com o projeto específico e o guia que o acompanha. A participação ativa é dinamizada junto das dinâmicas direcionadas à integração social, frequentemente desconsideradas pelos sem-abrigo por incidirem em temas distantes das suas motivações.

#### Uma questão de conforto e proteção 12

Para entrar [p.115] no abrigo, o sem-abrigo ultrapassa uma barreira invisível, desaparecendo no interior de um suposto *outdoor* urbano [p.113]. A porta encontra-se dissimulada nos painéis metálicos, cuja sinalização é feita através de uma pequena ranhura, onde a chave é inserida. A porta possui um sistema eletrónico e abre apenas se o abrigo estiver desocupado, sendo posteriormente controlada e encerrado o abrigo pelo interior. Desde o momento que entra no abrigo, este usuário controla, quer o fecho da porta, quer a iluminação, quer a ventilação a partir do interior. Pensamos que diarimente este abrigo seja acompanhado pelos agentes sociais, à semelhança do trabalho na rua, mantendo o espaço minimamente limpo e com os bens essenciais mínimo, desde roupa a cobertores e produtos de higiene.

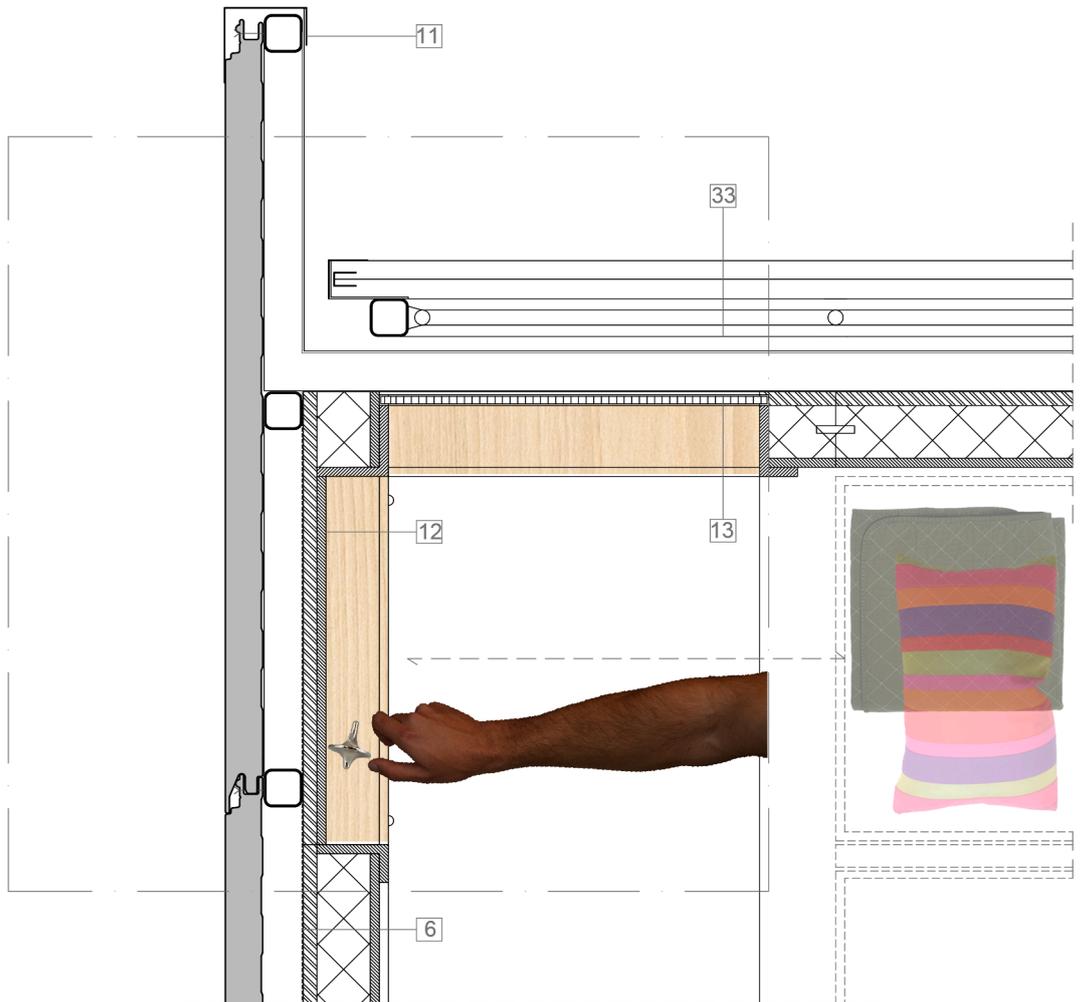
No interior, a cama pousa sobre um conjunto de gavetas [p.119], armazenem de roupas, cobertores ou almofadas. A cama é apenas uma plataforma, por questões de higiene e facilidade de limpeza optou-se por desconsiderar a possibilidade de um colchão, pelo que tal comodidade pode ser completada com sacos-cama ou insufláveis.

Os restantes elementos de mobiliário, lavatório [p.117], estantes, fixam-se às paredes interiores por intermédio de parafusos. Este é o mobiliário urbano indispensável a todos os abrigos, não desfazendo a possibilidade de serem integrados outros objetos de menor escala, como saboneteira, porta-toalha, espelho, cabides de parede, entre outros. O abrigo interior não é um objeto encerrado em si mesmo, contactando com o exterior por intermédio de aberturas controladas pelo usuário. O contacto visual é feito por intermédio de duas janelas, uma sobre a cama, conferindo um espaço de alcova entre a cama e a abertura [p.119].



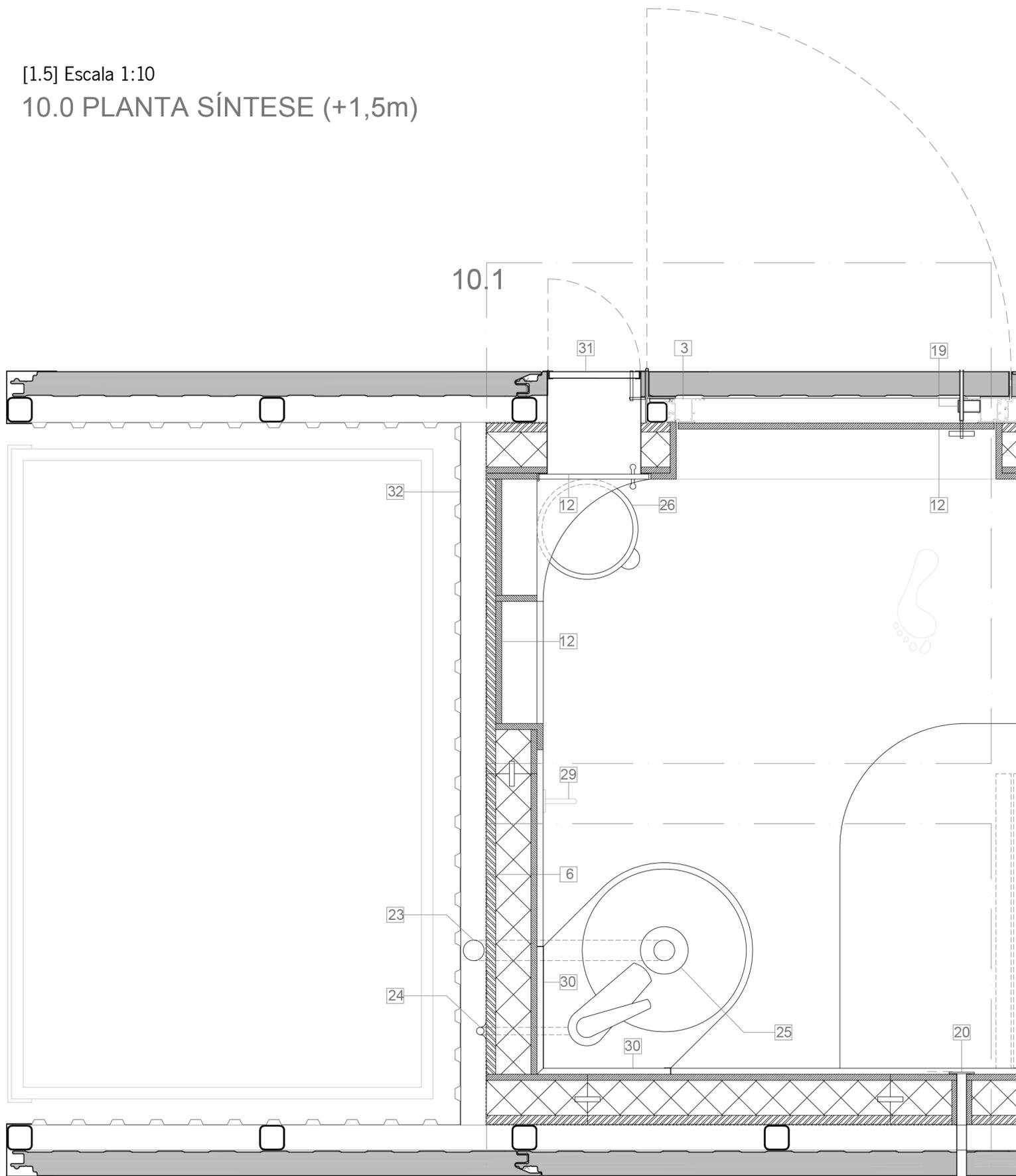
121 ↓ 121 [1.4] Escala 1:10 - Guardar - secção vertical transversal, Sonhar - secção horizontal 10.4 (+1,5m)

121 ↑ 121



[1.5] Escala 1:10

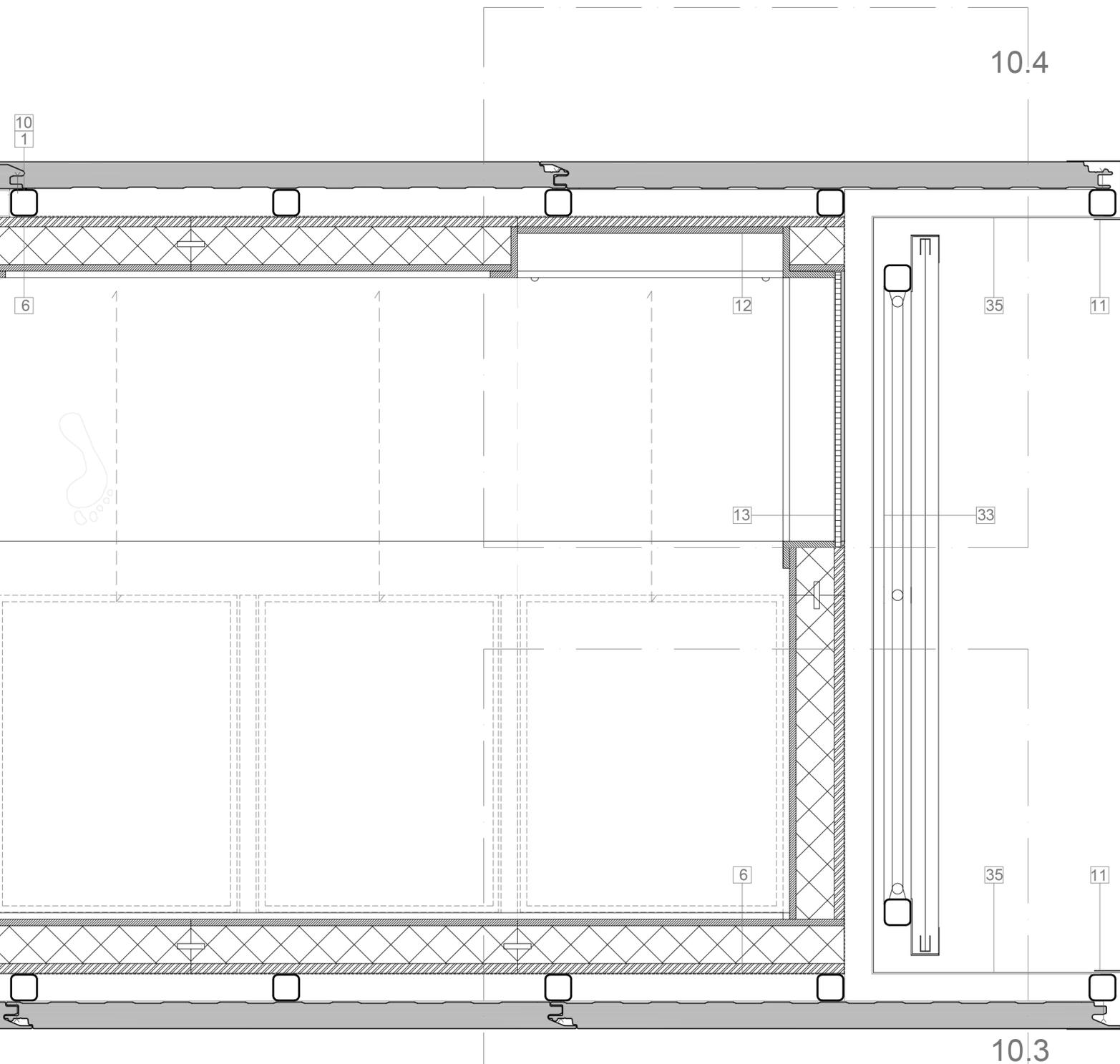
## 10.0 PLANTA SÍNTESE (+1,5m)



ESCALA 1:10 \_ LEGENDA

10.2

- |  |                                  |  |                              |
|--|----------------------------------|--|------------------------------|
| 1 Estrutura metálica tubular (0,50x0,50)   | 2 Perfil metálico cobertura Z    | 3 Aro metálico porta - sistema veneziano |                              |
| 6 Painel Sandwich Madeira (60x1800x10): aglomerado hidrófugo 18mm, poliestireno extrudado 70mm, acabamento 12mm. |                                  |  |                              |
| 7 Painel Madeira Compacto/Mdf/Contraplacado/OSB (Espessura 0,30)   |                                  |  |                              |
| 12 Painel Madeira Compacto/Mdf/Contraplacado/OSB (Espessura 0,12)  | 13 Painel policarbonato alveolar | 14 Linóleo                               | 15 Envidraçado               |
| 20 Abertura com grelha metálica audível  | 21 Grelha de ventilação          | 22 Tubo de saneamento pavimento Ø 0,1    | 23 Tubo de saneamento Ø 0,04 |
| 25 Lavatório Catalano Sistema Minino Ø 35  | 26 Caixote do lixo               | 27 Corrediças com sistema tic-tac        | 28 Iluminação LED            |
| 29 Cabide de parede  | 30 Espelho                       |  |                              |



- 4 Aro da janela    5 Folha da janela  
 8 Painel Sandwich Metálico Cobertura (100x4000x0,40)    9 Tela impermeabilizante    10 Painel Sandwich Metálico Fachada (100x2400x0,5)  
 11 Chapa metálica de remate exterior  
 16 Peitoril    17 Reboco exterior    18 Parafuso de fixação PSMetálico    19 Dispositivo de abertura eletrônico  
 24 Tubo de água Ø 0,015  
 31 Abertura com revestimento chapa metálica    32 Chapa canelada    33 Mupi    34 Máquina vending / cacifos    35 Chapa perfurada  
 36 Banco



[1.0.4] Escala 1:10 - Corte longitudinal perspectivado do interior do abrigo

Do lado oposto, sobre o lavatório outra janela, permite a circulação do ar e ventilação do abrigo. Existe também uma grade de ventilação para o aproveitamento de energia da vending e aquecimento do abrigo sempre que necessário. Existe ainda uma abertura no pavimento para o escoamento da água e uma abertura entre interior e o exterior onde está localizado o banco, permitindo comunicações através de um óculo intercomunicador [p.117], possibilitando diálogos entre os demais intervenientes. A iluminação do interior do abrigo recorre ao aproveitamento da luz do mupi, junto um painel de policarbonato translúcido. É o usuário que controla a iluminação, desligando o mupi pelo interior, indica a sua presença. Assim, um mupi desligado é sinónimo de abrigo ocupado.



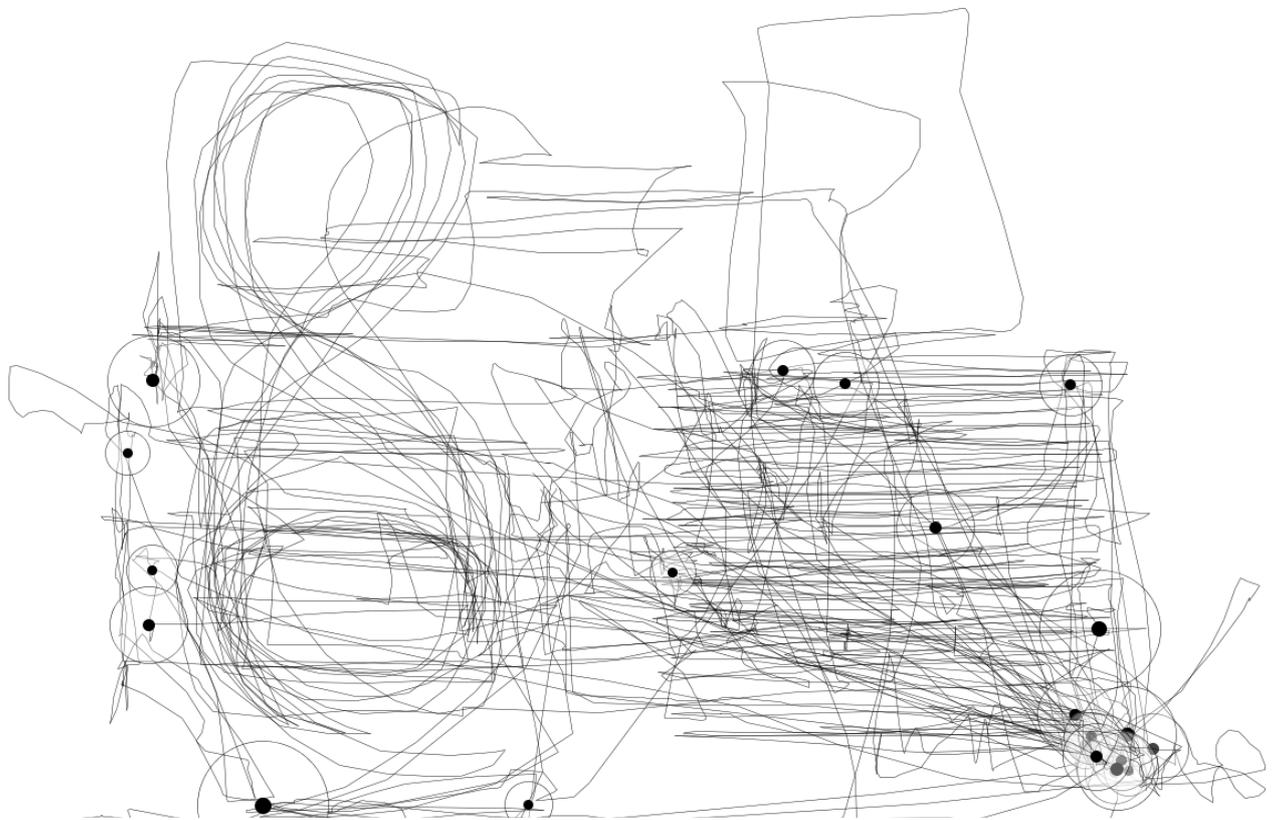
125

125

Como objetivo final, procura-se corresponder um sentido de normalidade ao usuário deste abrigo. Ao encontro de Hertzberger, “não só interpretamos as formas, como elas nos interpretam a nós e nos mostram o que somos”<sup>9</sup>. Ao sem-abrigo não o recordamos do seu estatuto atual, mas da sua possibilidade futura. Por um momento, ele é um ser-humano que não se deixa definir pelo facto de não ter um abrigo. Por um momento, ele tem escolhas para fazer e um farol – porque de luz falamos – para controlar. Por um momento, ele é o mestre do seu destino. *O capitão da sua alma*.<sup>10</sup>

## Referência bibliográficas:

1. HERTZBERGER, H, Architecture for people, p.139
2. Sistema de medidas e proporções baseado nas proporções humanas e na razão de ouro criado por Le Corbusier em 1945.
3. BANDEIRINHA, J., O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974, p.190
4. GONÇALVES, I, O habitar mínimo, p.30
5. ÁBALOS, I., A boa-vida, p.51
6. HERTZBERGER, H, Architecture for people, p. 126
7. ZUMTHOR, P, Atmospheres, p. 24
8. ZUMTHOR, P, Atmospheres, p. 22
9. HERTZBERGER, H, Architecture for people, p.140
10. HENLEY, W., Invictus.



127 Cartão Ser Abrigo

SEM  
ESCALA

127

↑ 73

Imagem 53: Construção com um início estranho - deambulações teóricas - deriva de aproximação [p.70p.69]



*"Esta escala é agora íntima mas familiar a olho nu; é a escala da mão do homem que dorme e o que poderia ela conter."*

Scalometer, Powers of Ten, Demetrius Eames

## Conclusão - 1:1 – Ser Abrigo

*"Now we reduce the distance to our final destination (...), each step smaller than the one before."*

Powers of Ten, Charles e Ray Eames [6' - 6'10"]

Chega ao fim esta viagem à boleia da proposta para a inclusão dos sem-abrigo na cidade. Ao longo de cada capítulo, em cada escala, aproximamos e afastamos diversos intervenientes, restituindo a identidade, não apenas individual, dos sem-abrigo, como também de um lugar e uma cidade, colocando no mapa político, social, urbano e cultural um problema tão comum quanto difuso, tão específico quanto genérico: a condição-problema dos sem-abrigo nas cidades.



128 João, sem-abrigo do Porto.

128

De volta ao sem-abrigo, na palma da mão, é proposto um documento de uso individual denominado Ser Abrigo, último recurso e reduto desta proposta para inclusão. Um cartão de Transição, visa essencialmente reunir o conjunto de facilidades práticas durante a estadia na cidade; um documento individual acompanhado de um mapa urbano, de orientação na cidade do Porto, um guia prático de sobrevivência (disponível para consulta no verso da contracapa deste livro).

**Ser Abrigo** é um cartão de identificação, de crédito, de mobilidade e a chave de acesso aos abrigos. Pensado para ser produzido e gerido pelas Instituições de solidariedade ao serviço da inclusão, o cartão reúne o conjunto de serviços e fundos, que ao longo deste estudo foram incluídos na proposta para a Inclusão.

Cartão de Identificação: cumpre a função da cidadania, do cartão de Cidadão, que funciona como uma forma prática de estarmos identificados, mantendo uma boa organização dos dados pessoais mais importantes de um cidadão, na medida em que identifica o indivíduo em sociedade. O cartão de Cidadão é instrumento de identificação e passaporte dentro da União Europeia. O cartão de Transição permitiria então o acesso a:

Cartão de Crédito: uma forma de pagamento eletrónica, onde seria depositada a prestação do rendimento social de inserção, fornecida pela Segurança Social. Este dinheiro poderia então estar direcionado para o pagamento dos serviços incluídos na rede. Tal como um cartão de crédito bancário, proporciona ao consumidor uma alternativa fácil, cómoda, conveniente e rápida de efetuar compras sem ter a necessidade de andar com dinheiro e, conseqüentemente, surge a vantagem de ser mais seguro em situações de assalto ou perda da carteira, facilmente cancelável.

Cartão de Mobilidade: um meio de aceder aos serviços da rede, através dos sistemas de mobilidade urbanos. Como um cartão andante, permitindo ao viajante uma maior comodidade no acesso aos transportes públicos, evitando assim as filas e esperas prolongadas, permitindo uma maior fluidez dos mesmos.

Uma Chave: de acesso ao abrigo. É com o cartão que a porta do abrigo abre. Tal como uma chave de casa, é uma ferramenta que garante o conforto e a segurança associada ao lar, sendo um objeto imprescindível para o homem socialmente incluído, reconhecido para todos os abrigos.

Para além das funções que cumpre, o cartão tem também uma dimensão simbólica importante. Possuir um cartão desta natureza é possuir acesso a algo, é uma chave de integração e de enquadramento nos serviços e estruturas



129

129

ao dispor dos cidadãos. O cartão Ser Abrigo é um instrumento de empoderamento do sem-abrigo, um elemento de posse, constante no tempo, transmissor de uma identidade não-alienada da sociedade. O cartão é um vínculo, um vestígio de estatuto.

**Ser (sem) abrigo** foi a premissa que estabeleceu as leituras múltiplas ancoradas a um estágio de transição, entre “aquilo que é” para “aquilo em que se torna”. Em cada capítulo, a cada escala, correspondeu uma atitude identitária diferente, moderada por “aquilo que não se tem” e “aquilo que se quer ter”.

Em detrimento do sem-, este estudo questionou a cidade sobre a possibilidade do com-, propondo hipóteses inversas à atitude já subvertida do sem-abrigo perante a cidade, justapondo a sociedade e as estruturas sociais existentes na complementação da estratégia de dissimulação e consequente inclusão do sem-abrigo na cidade. Incluído na cidade, o sem-abrigo tem um lugar, ainda que temporário, numa casa à escala da cidade.

O abrigo mínimo propõe um lugar temporário, de ocupação direcionada, do mesmo modo que outros serviços o fazem, emergindo de um espaço que pode ser materializado com reduzidos custos, uma vez que parte do investimento feito já existe.

**Ser Abrigo** é então uma condição transitória individual, ao abrigo da cidade democrática, “uma cidade onde os pobres e os ricos – as pessoas, todas as pessoas –, sejam tratadas com igual respeito, terá que dar, fornecer, possibilitar: cuidados de saúde, escolaridade, emprego, transportes coletivos, acesso à cultura e aos tempos livres, bem como habitação decente, a todos os seus habitantes.”<sup>1</sup>

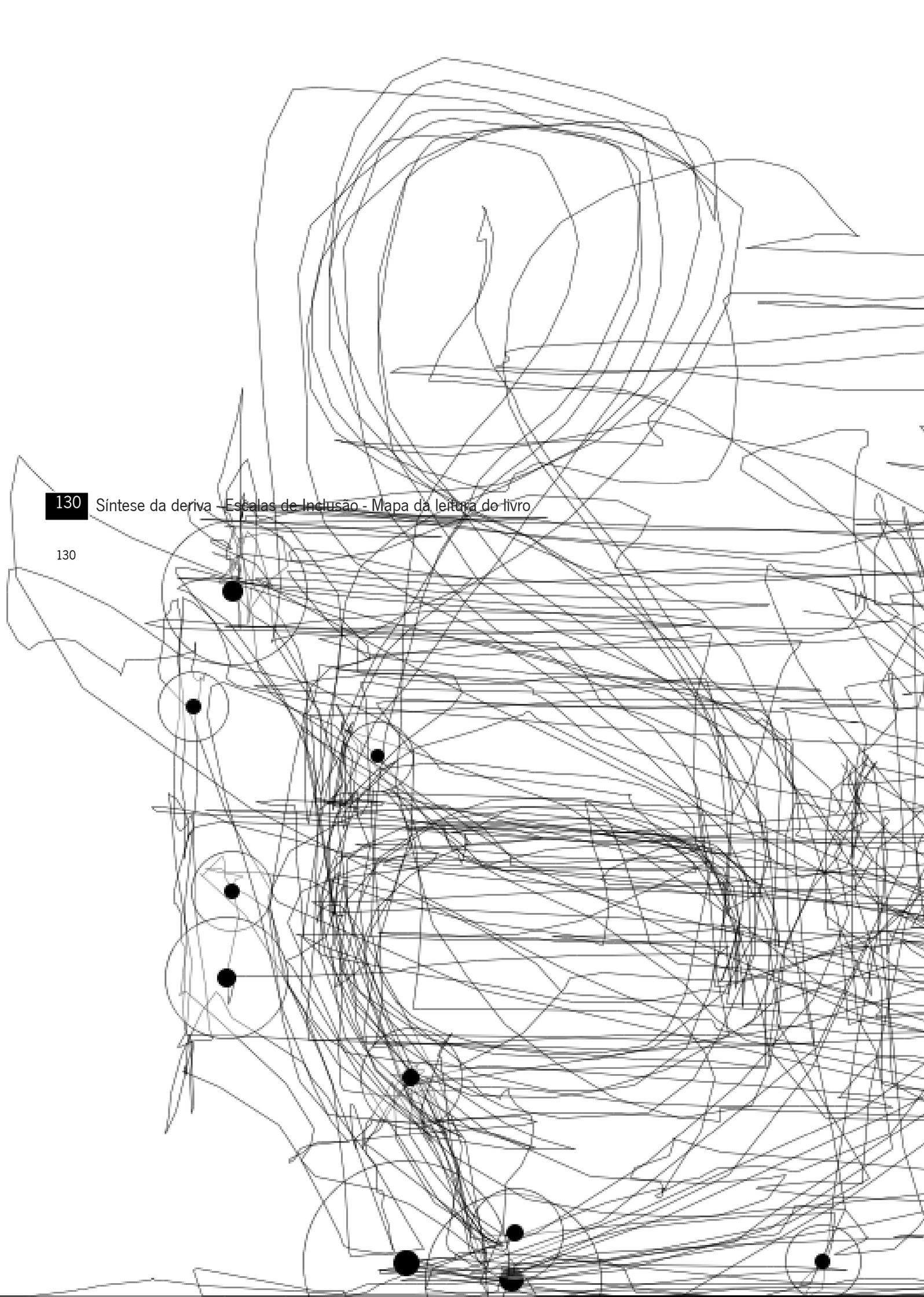
**Ser Abrigo** determina a inclusão no sistema social vigente, dissimulando a precariedade da condição. O indivíduo passa a estar apto a integrar e a interagir, não a partir da marginalização, ou de um suposto lugar marginal que integra uma paisagem urbana assumida, ainda que distanciada, mas a partir da proximidade e da possibilidade de vinculação e filiação.

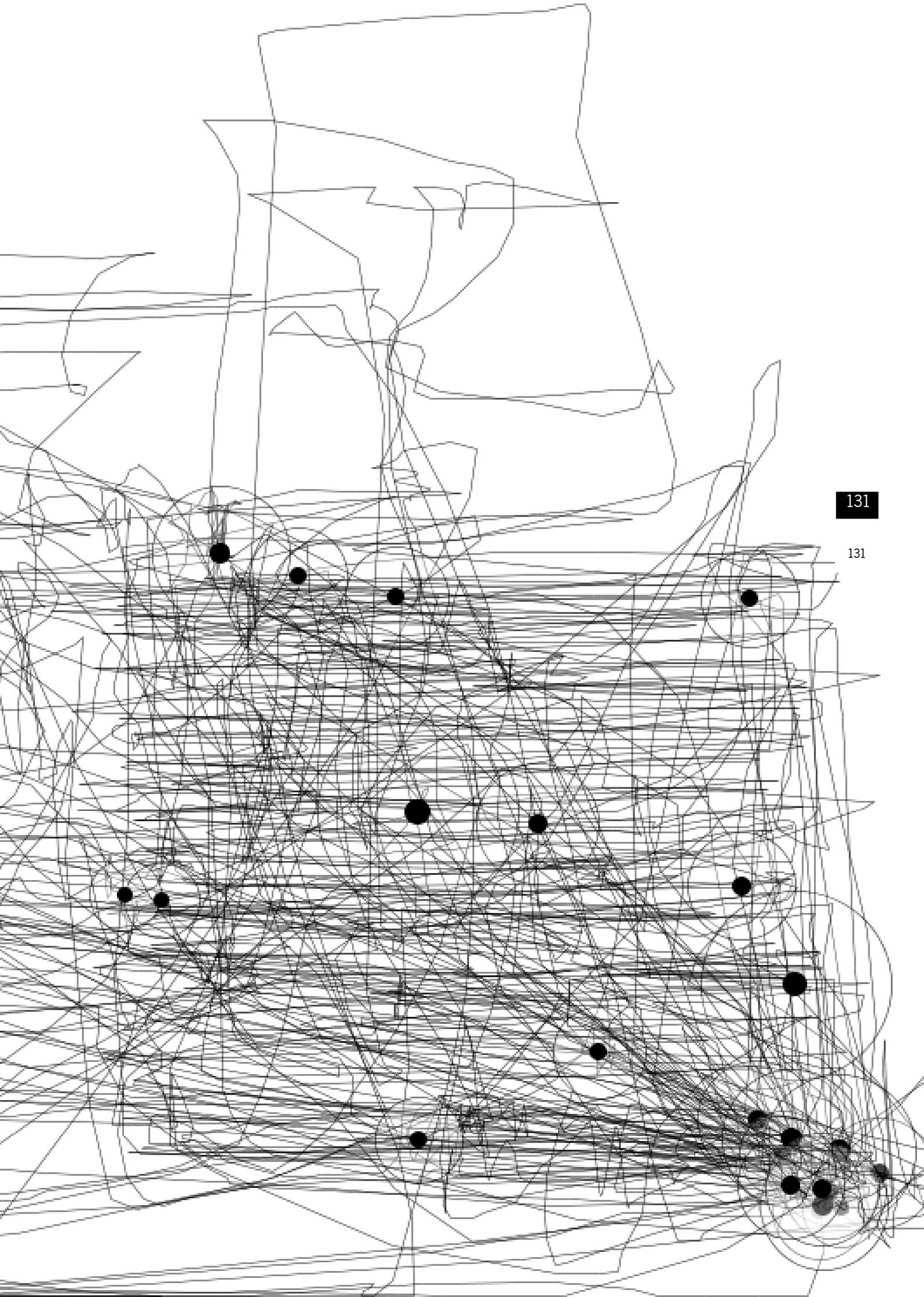
Em suma, este trabalho apresentou uma abordagem e uma estratégia alternativa ao problema da exclusão. Uma abordagem desvinculada da caridade e uma estratégia apoiada nas ferramentas da arquitetura, na sua vertente social e inclusiva **61**.

O sem-abrigo *tem* então abrigo, *está ao abrigo da cidade*, é um Ser Abrigo **143**!

130 Síntese da deriva - Escalas de Inclusão - Mapa da leitura do livro

130







Foi há precisamente um mês que voltamos ao viaduto Gonçalo Cristóvão. Dos abrigos improvisados não havia mais registo, foram sendo desmantelados, disse-nos João, antigo morador do viaduto e assíduo organizador do estacionamento automóvel, que nos explicou: “Vieram os homens da Câmara e tiraram tudo, agora já ninguém pode dormir aqui (...) o tribunal mudou-se para o outro lado da rua”. Assim se processa o habitar do sem-abrigo, em constante redefinição e dependente dos agentes externos. E assim se processa o habitar dos sem-abrigo, em constante redefinição. As pessoas precisam, tal como toda a gente, de estabilidade, de segurança e direitos básicos garantidos, de saúde e de amor. Viver na rua não pode mais ser uma contingência da pobreza no século XXI.



Neste recente processo de renovação a que está a ser sujeita a cidade, surge a oportunidade de abordar os problemas que têm vindo a ser ignorados e esquecidos. O direito a uma existência digna é imperativo numa comunidade equilibrada, dita inclusiva, e sendo a cidade a materialização das nossas vivências em sociedade exige-se que nela, que no seu coração, existam, tanto quanto preocupação, propostas alternativas, para quem não possui as ferramentas e a estrutura para poder prosperar.

Esta proposta vai de encontro a uma visão holística da situação e a uma compreensão, através das lentes das ciências sociais, da situação do sem-abrigo. Culpabilizar totalmente o indivíduo, ou qualquer outra pessoa, pelas suas condições materiais de existência é ignorar que há forças estruturais que se impõem ao indivíduo (sejam elas o contexto económico de uma sociedade, o contexto familiar que vive ou, em última análise, o próprio acaso). Se conseguirmos contribuir para que essa pressão exercida pelas estruturas sociais seja mais leve, estaremos a dar um primeiro passo na direção certa – a de retirar a pessoa da sua situação-limite, permitindo-lhe o regresso à normalidade.

A vida dos sem-abrigo – e de todos os indivíduos, em geral – é constituída por múltiplas realidades, múltiplas camadas de significado. Como dissemos anteriormente, está-se sem abrigo, não se o é. E estar remete para um conceito de transição, para uma porção da vida que não deve definir o indivíduo no seu todo. Em cada *sem-abrigo* há um João, um José, uma Alexandra, filhos de outros tantos Josés e Marias, com um conjunto de experiências e mais-valias como todos os outros que não estão sem abrigo.

No limite, este estudo questiona e projeta sobre uma realidade aparentemente desacreditada, tecendo considerações e alternativas, com sem-abrigos reais e contextos específicos, possíveis de serem transposto(a)s à escala global. Uma proposta que tende a incluir tanto quanto a revelar entidades socialmente invisíveis para que as suas vivências se materializem na cidade com toda uma estrutura e rede que lhe confirmem legitimidade, que os torna cidadãos.

No limite, este trabalho vem propor um lugar existencial, um espaço protegido e seguro para o homem tirar os sapatos e, dormir (sobre o assunto, ou não).



134 "Starway to Heaven"

**BIBLIOGRAFIA**

- ÁBALOS, I., A boa-vida, A casa existencialista.
- AESCHBACHER, P., RIOS, M., Claiming Public Space: The Case for Proactive, Democratic Design.
- ANDREOTTI L., COSTA, X., Situacionistas, arte, política, urbanismo.
- BANDEIRINHA, J., O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974.
- BARBOSA, P., Negociar identidades no espaço virtual.
- BAUDELAIRE, C., Sobre a modernidade.
- BAUDRILLARD, J., Simulacros e Simulação.
- BENJAMIN, W., Passagens.
- BENTO, BARRETO, Sem-abrigo, Sem-Amor.
- BRANDÃO, Pedro – O Sentido da Cidade: Ensaio sobre o mito da Imagem como Arquitectura.
- CERTEAU, M., cit. James Corner, The agency of mapping: Speculation, Critique and Invention.
- Debord, G., Introduction to a Critique of Urban Geography.
- DOMINGUES, Á., A Rua da Estrada.
- FOUCAULT, M. Of Other Spaces: Utopias and Heterotopias.
- GONÇALVES, I, O habitar mínimo.
- GRAMMATICO, G., Homeless in Europe - Looks Can Be Deceiving: Perceptions of Homelessness - People Putting it into Words: From Talking Social to Doing Social.
- HENLEY, W., Invictus.
- HERTZBERGER, H, Architecture for people.
- KIRKHAM P., Charles and Ray Eames Designers of the Twentieth Century.
- L.P.P.S., O Pé Descalço, Uma vergonha nacional que urge extinguir.
- MITCHEL, D., The right to the city, cit. AESCHBACHER, P., RIOS, M., Claiming Public Space: The Case for Proactive, Democratic Design.

1. Ponto pixelizado
2. Representação de uma cara no pé: Darwing de Págan, revista Cais.
3. Reflexo no pavimento (Porto, Serralves, 28 de outubro de 2015)
4. Estação de Comboios de Guimarães (Guimarães, 23 maio de 2014)
5. Comboio Suburbano Guimarães-Porto (Estação de Comboios de Guimarães, 23 maio de 2014)
6. Viagem de comboio Guimarães-Porto (Estação de Comboios de Vila das Aves, 18 de setembro de 2014)
7. Estação de São Bento (Estação de São Bento, 1 de maio de 2015)
8. Parede de azulejos do século XIX da capela de Santa Catarina - Sem-abrigo na rua de Santa Catarina (rua de Santa Catarina, 9 de junho de 2016)
9. Sem-abrigo na rua de Santa Catarina, zoom in (rua de Santa Catarina, 9 de junho de 2016)
10. Retrato de um sem-abrigo por Lee Jeffries ([leejeffries.500px.com/homeless](http://leejeffries.500px.com/homeless), consultado a 28 de Julho de 2015)
11. Arroz no chão (rua Gonçalo Cristóvão, 13 de janeiro de 2014)
12. Obras de requalificação do teatro S.João (praça da Batalha, 11 de março de 2012)
13. Teatro S.João (praça da Batalha, 25 de abril de 2016)
14. Performance artística em edifício devoluto (rua de Mouzinho da Silveira, 14 de novembro de 2012)
15. Estendal público (Paris, 10 de fevereiro de 2016)

16. Acampamento numa rua em Paris (Paris, 10 de fevereiro de 2016)
17. Edifício devoluto (rua de Bonjardim, 5 de julho de 2013)
18. Mesa de mobiliário urbano (jardim da Cordoaria, 13 de janeiro de 2014)
19. Caixa de correio da Instituição Albergues Nocturnos do Porto (rua dos Mártires da Liberdade, 13 de janeiro de 2014)
20. Um sem-abrigo na sesta, (praça da República, 25 de abril de 2016)
21. Sem-abrigo do Porto (jardim da Cordoaria, 8 de julho de 2015)
22. Cobertores e alimentos na entrada do cine-teatro da Batalha (praça da Batalha, 13 de janeiro de 2014)
23. Ocupação dos andaimes durante as obras de requalificação do teatro S.João (praça da Batalha, 11 de março de 2012)
24. Cartões e cobertores guardados (coreto do jardim do Marquês, 13 de janeiro de 2014)
25. Alimentos guardados (rua de Gonçalo Cristóvão, 13 de janeiro de 2014)
26. Bebedouro no jardim da Cordoaria (20 de agosto de 2014)
27. Vendedor da Cais, ex-sem-abrigo do Porto ( rua de Cedofeita, 20 de agosto de 2014)
28. Sem-abrigo do Porto (rua de Sá da Bandeira, 12 de maio de 2015)
29. Anúncios (rua Formosa 30 de Abril de 2015)
30. Performance no viaduto Gonçalo Cristóvão (rua de Gonçalo Cristóvão, 20 de agosto de 2014)

- MONTANER, J.M., Arquitectura y Política.
- MONTANER, J.M., Sistemas Arquitectónicos Contemporâneos.
- ORNELAS, J., Almas I., Casas Primeiro: experiência de housing first em Portugal.
- PALLASMAA, J., The Eyes of the Skin: Architecture and the Senses, The body in the center.
- PINTO, J., 2007. A Caixa. Metáfora e Arquitectura.
- PORTAS, N., O Ser Urbano, Nos Caminhos de Nuno Portas.
- SARAIVA, A., O Sentimento do Porto.
- SILVA, A., Conversas Vadias - Liberdade, Destino, Genética, Defeitos: [www.youtube.com/watch?v=rB6GUiwD0uY](http://www.youtube.com/watch?v=rB6GUiwD0uY).
- SIZA, Á., Imaginar a Evidência.
- SMITH, N., Contours of a Spatialized Politics: Homeless Vehicles and the production of Geographical Space.
- SOUTO M., E., A arquitetura do metro.
- TAVARES, G. M., Atlas do Corpo e da Imaginação.
- TÁVORA, F., Da Organização do Espaço, O homem contemporâneo e a organização do seu espaço.
- URBANACCIÓN 07/09, Recetas Urbanas de Santiago Cirugeda.
- VAN GENNEP, A., The Rites of Passage.
- VASCONCELOS, D., A praça do Marquês de Pombal na cidade do Porto.
- WILLET, J., liminality and disability: Rites of passage and community in Hypermodern society.
- ZUMTHOR, P., Atmospheres.

31. Viaduto Gonçalo Cristóvão desapropriado (rua de Gonçalo Cristóvão, 20 de agosto de 2014)
32. Abrigo improvisado construído com: caixotes, telas impermeáveis e cobertores (rua de Gonçalo Cristóvão, 13 de janeiro de 2014)
33. Adaptação do mobiliário urbano para dissimulação dos abrigos (rua de Gonçalo Cristóvão, 13 de janeiro de 2014)
34. Conjunto de abrigos improvisados, vista nascente (rua de Gonçalo Cristóvão, 5 de julho de 2013)
35. Conjunto de abrigos improvisados, vista poente (rua de Gonçalo Cristóvão, 12 de maio de 2015)
36. Apropriação de um banco de jardim (praça da República, 12 de março de 2014)
37. Apropriação de uma entrada do teatro S.João (praça da Batalha, 13 de janeiro de 2014)
38. Apropriação de uma entrada do cine-teatro da Batalha (praça da Batalha, 13 de janeiro de 2014)
39. Recipientes de lixo e edifício devoluto (rua de Bonjardim, 5 de julho de 2013)
40. Um transeunte indiferente às apropriações dos sem-abrigo (praça da Batalha, 13 de janeiro de 2014)
41. Manifestação “Contra a Invisibilidade” (jardim da Cordoaria, 18 de setembro de 2015)
42. Fila de um abrigo de autocarros (avenida dos Aliados, 23 de maio de 2013)
43. Fila de uma ronda do Coração Perfeito (estacionamento da Trindade, 13 de agosto de 2015)
44. Dinâmicas urbanas, reabilitação do teatro S.João (praça da Batalha, 14 de novembro de 2012)
45. Mobiliário urbano e Metro do Porto (estação jardim do Morro, 9 de junho de 2016)
46. Citação inscrita em tábuas de madeira numa fachada entaipada (rua de Camões, 12 de Maio de 2015)
47. Diferenciação de pavimento, grelha de recolha de água (entrada da estação de metro de São Bento, 9 de junho de 2016)

48. Perspetiva de um sem-abrigo (estação de São Bento, 28 de outubro de 2015)
49. Performance no pavimento (rua das Carmelitas, 31 de Maio de 2016)
50. Estátua de Baco apropriada (praça da República, 12 de março de 2014)
51. Um indivíduo no jardim do Marquês (5 de julho de 2013)
52. Um sem-abrigo transportando os seus pertences (praça da Trindade, 15 de maio de 2014)
53. Vendedor da Cais, ex-sem-abrigo do Porto II ( rua de Cedofeita, 20 de agosto de 2014)
54. Linhas de separação entre o passeio e a rua (rua de Camões, 9 de junho de 2016)
55. Marcas do habitar – síntese da análise
56. Marcas do habitar – síntese da proposta
57. Metro da linha D (estação da Trindade, 9 de junho de 2016)
58. [0] MAPA PORTO - ANÁLISE DO TERRITÓRIO E GEOGRAFIA DOS SEM-ABRIGO **1:100000**
59. [0] MAPA PORTO - ANÁLISE DO TERRITÓRIO E GEOGRAFIA DOS SEM-ABRIGO **1:100000**
60. Suporte de mãos (Interior do veículo do metro, 9 de junho de 2016)
61. Enquadramento humano sobre o símbolo do Metro do Porto (estação da Trindade, 28 de outubro de 2015)
62. [0.1] Esquema conceptual da proposta de intervenção - CÂMARA DE GAIA E SÃO BENTO **SEM ESCALA**
63. [0.2] Esquema conceptual da proposta de intervenção – TRINDADE **SEM ESCALA**
64. [0.3] Esquema concetual da proposta de intervenção - MARQUÊS E HOSPITAL SÃO JOÃO **SEM ESCALA**
65. Árvores e céu (estação de metro do IPO, 9 de junho de 2016)
66. Estação de metro Câmara de Gaia – rua (14 de outubro de 2016)
67. Estação de metro Câmara de Gaia – metro em movimento (14 de outubro de 2016)

## ÍNDICE DE IMAGENS:

Imagem 1: Postais do Porto do início do século XX | Arquivo municipal do Porto.

Imagem 2: Le Penseur, Auguste Rodin | obtido em [musee-rodin.fr/en/collections/sculptures/thinker-0](http://musee-rodin.fr/en/collections/sculptures/thinker-0).

Imagem 3: Frame retirado de Powers of Ten - 48”.

Imagem 4: Sequência Powers of Ten.

Imagem 5: L’abri du Pauvre de Claude Nicolas Ledoux | Ser Pobre, Pobreza e Arquitectura, Jornal dos Arquitectos, obtido em [arquivo.jornalarquitectos.pt/pt/236](http://arquivo.jornalarquitectos.pt/pt/236).

Imagem 6: Frame retirado do filme Viver à Margem.

Imagem 7: Diógenes de Sinope, Turquia.

Imagem 8: Frame retirado de Powers of Ten - 52”.

Imagem 9: Esquema das relações entre as estruturas de apoio ao sem-abrigo - Do programa Europa 20 às instituições e organizações locais.

Imagem 10: José, Paolo e João, três sem-abrigo do Porto.

Imagem 11: ParaSites (1998), Michael Rakowitz | obtido em [michaelrakowitz.com/parasite/](http://michaelrakowitz.com/parasite/).

Imagem 12: Left Out (2015), Maxwell Rushton | obtido em [maxwellrushton.com/projects/left-out/](http://maxwellrushton.com/projects/left-out/).

Imagem 13: Magic Cloack, Spatial Information Design Lab | obtido em [spatialinformationdesignlab.org](http://spatialinformationdesignlab.org).

Imagem 14: Homeless Vehicles (1988), Krzysztof Wodiczko | obtido em [catalogo.artium.org/dossieres/1/krzysztof-wodiczko/obra/instrumentos-publicos/homeless-vehicle](http://catalogo.artium.org/dossieres/1/krzysztof-wodiczko/obra/instrumentos-publicos/homeless-vehicle).

Imagem 15: Projeto “Cuidado! Esta é a minha casa! Não a destruas”, fornecida pela IPSS CASA.

Imagem 16: Melbourne Survival Guide Melbourne (2011) , por Stig Bratvold | obtido em [behance.net/gallery/1279293/Survival-Guide-for-Homeless](http://behance.net/gallery/1279293/Survival-Guide-for-Homeless).

Imagem 17: Frame retirado de Powers of Ten – 1.02”.

Imagem 18: Representação das movimentações do mobiliário urbano para proteção do sem-abrigo, no viaduto Gonçalo Cristóvão, registadas em 2014 e mantidas até à data.

68.	Citação – A paragem.	
69.	Um sem-abrigo e uma instituição bancária, fotografia de André Castanho (avenida dos Aliados, 15 de junho de 2013)	
70.		<b>SEM CONTEÚDO</b>
71.	[4] A cidade - casa (a rua como espaço para habitar: sobreposição do construído sobre o não construído)	<b>1:10000</b>
72.	Deriva de um sem-abrigo na Baixa do Porto.	
73.	Deriva de afastamento - Mapa de leitura da segunda parte do livro	
74.	[4.01] Levantamento das estruturas, sociais e urbanas ao apoio do sem-abrigo - Baixa Sul	<b>1:10000</b>
75.	[4.02] Levantamento das estruturas sociais e urbanas ao apoio do sem-abrigo -Baixa centro	<b>1:10000</b>
76.	[4.03] Mapeamento - Percurso ao encontro dos equipamentos e serviços de apoio do sem-abrigo - Baixa Sul	<b>1:10000</b>
77.	[4.04] Percurso ao encontro dos equipamentos e serviços de apoio do sem-abrigo - BAIXA CENTRO	<b>1:10000</b>
78.	Mapa SER ABRIGO – Fotomontagem	
79.	[4.1] Mapa da Rede Ser-Abrigo	<b>1:10000</b>
80.	Esboço de Eduardo Chillida (obtido em <a href="https://www.artsy.net/artwork/eduardo-chillida">artsy.net/artwork/eduardo-chillida</a> )	
81.	[3] O quarto na cidade (a rede de metro como espaço para habitar).	<b>1:1000</b>
82.	[3.001] Perfil urbano transversal - paragem de metro-tipo	<b>1:1000</b>
83.	[3.002] Enquadramento do perfil transversal das estações de metro subterrâneas sobre o calçado de um transeunte	<b>1:1000</b>

84.	[3.0.1] Organigrama dos serviços de apoio social - São Bento	
85.	[3.1] Ao abrigo de São Bento	<b>1:1000</b>
86.	[3.1.1] Deriva e unidades de ambiência–Batalha	<b>1:1000</b>
87.	[3.2.2] Deriva e unidades de ambiência – 24 de Agosto	<b>1:1000</b>
88.	[3.2.1] Deriva e unidades de ambiência – TRINDADE	<b>1:1000</b>
89.	[3.2] Ao abrigo da Trindade	<b>1:1000</b>
90.	[3.0.2] Organigrama dos serviços de apoio social – Trindade	
91.	[3.2. -1] Ao abrigo da Trindade   Perfil transversal estação da Trindade	<b>1:1000</b>
92.	[3.0.3] Organigrama dos serviços de apoio social – Marquês	
93.	[3.3] ao abrigo da Trindade   Perfil transversal jardim do Marquês	<b>1:1000</b>
94.	[3.1.1.1] Perfil urbano da rua Escura aos Balneários coletivos	
95.	[3.1.1.2] Perfil transversal – estação de São Bento	<b>1:1000</b>
96.	Esboço de Eduardo Chillida II (obtido em <a href="https://www.artsy.net/artwork/eduardo-chillida">artsy.net/artwork/eduardo-chillida</a> )	
97.	[2] O quarto urbano - a rua como espaço para habitar: entre o interior e o exterior	
98.	[2.0.1] Perspetiva a partir da linha de metro ( ponto de vista Sul e Norte, respetivamente): estação Câmara de Gaia	
99.	[2.4.0] Implantação-tipo: estação de metro de superfície - Abrigos.	<b>1:100</b>
100.	[2.4] Implantação-tipo: secção vertical longitudinal, secção horizontal (Planta +1,5m)	<b>1:100</b>
101.	[2.4.1] Alçado de um abrigo da estação de metro do Porto -relação do abrigo com a envolvente	<b>1:100</b>

Imagem 19: House of vending machines (1998), Tokyo Project: new housing plan, Tadashi Kawamata.

Imagem 20: Cabina Telefónica (1993), Pedro Bandeira, obtido em [pedrobandeira.info](http://pedrobandeira.info).

Imagem 21: Billboards House for Homeless (2014), Julio Gómez Trevilla | obtido em [tinyhousetalk.com/rooftop-billboard-tiny-house-mexico-city](http://tinyhousetalk.com/rooftop-billboard-tiny-house-mexico-city).

Imagem 22: Representação de três apropriações: reentrância no edificado, viaduto e edifício devoluto.

Imagem 23: Frame retirado de Powers of Ten - 1.12”.

Imagem 24: Vista aérea sobre o rio Douro – Porto | obtido em [portopatrimoniomundial.com](http://portopatrimoniomundial.com).

Imagem 25: Manifestação na Avenida dos Aliados (fotografia).

Imagem 26: Manifestação nos jardins da Cordoaria (fotografia).

Imagem 27: Street Art “as ruas são nossas” (fotografia).

Imagem 28: Ruins Street Art (fotografia).

Imagem 29: Apelo à doação de bens materiais: Street Store no Porto (2015), Fundação Porto Social | obtido em [Bonjoia.org](http://Bonjoia.org).

Imagem 30: Ronda de Rua do Coração Perfeito (fotografia).

Imagem 31: Elementos recolhidos durante a investigação sobre iniciativas de apoio social.

Imagem 32: Rede de metro do Porto, obtido em [metrodoporto.pt](http://metrodoporto.pt).

Imagem 33: What is a house , Charles e Ray Eames.

Imagem 34: Frame retirado de Powers of Ten - 1:52”

Imagem 35: Pormenor do mapeamento da Baixa.

Imagem 36: New Babylon, Constant Nieuwenhuys.

Imagem 37: il Monumento Continuo New York (1969), Superstudio, obtido em: [revistaplot.com/es/super-superstudio](http://revistaplot.com/es/super-superstudio)

Imagem 39: Walking in the supersuperficie, SuperStudio, op.cit.

Imagem 39: Lugares de paragem, estação de metro- IPO (fotografia).

Imagem 40: Mapeamento da geografia do sem-abrigo.

102.	[2.3.1] Fotomontagem 1 - implantação no Marquês (o abrigo é uma máquina de vending)	
103.	[2.3] Abrigo do Marquês - secção vertical transversal, secção horizontal (Planta +2m)	<b>1:100</b>
104.	[2.2.1] Fotomontagem 2 - implantação na Trindade (o abrigo é um mupi)	
105.	[2.2] Abrigo da Trindade - secção vertical transversal, secção horizontal (Planta +1,5m)	<b>1:100</b>
106.	[2.1.1] Fotomontagem 3 - implantação em São Bento (o abrigo é cacifos)	
107.	[2.1] Abrigo de São Bento - secção vertical transversal, secção horizontal (Planta +1,5m)	<b>1:100</b>
108.	[2.5.1] Fotomontagem 4 - implantação no HSJ (o abrigo inserido sob uma estrutura de abrigo)	
109.	[2.5] Abrigo do H.São João - alçado longitudinal (porta), secção horizontal (planta +0,30)	<b>1:100</b>
110.	Acesso subterrâneo à linha D (estação do Marquês, 14 de outubro de 2016)	
111.	Acesso subterrâneo à linha D (estação do Marquês, 14 de outubro de 2016)	
112.	Azulejo portuense (rua de Bonjardim, 5 de julho de 2013)	
113.	[1]Entrar - Alçado do Mupi	<b>1:10</b>
114.	[1.0] Entrar no Abrigo - Modelação 3D/Fotomontagem	
115.	[1.1] Entrar - Secção transversal, secção horizontal 10.1 (+1,5m)	<b>1:10</b>
116.	[1.0.1] Mobiliário e utilitários no interior do abrigo - Modelação 3D/Fotomontagem	
117.	[1.2] Sentar/ouvir - secção vertical longitudinal, Lavar - secção horizontal 10.2 (+1,5m)	<b>1:10</b>
118.	[1.0.2] Perspetivas exteriores - Modelação 3D/Fotomontagem	
119.	[1.3] Ver - secção vertical longitudinal, Deitar - secção horizontal 10.3 (+1,5m)	<b>1:10</b>
120.	[1.0.3] Perspetivas interiores I - Modelação 3D/Fotomontagem	

Imagem 41: Formação profissional na área da música (encontros e passatempos).

Imagem 42: Lugares de transição, estação de metro Marquês (fotografia)

Imagem 43: Cantina comunitária, Igreja Sra Trindade (fotografia)

Imagem 44: Fragmento do mapa Ser Abrigo

Imagem 45: Linha D – interface, estação da Trindade

Imagem 46: Estação da Trindade, fachada (fotomontagem)

Imagem 47: Linha de metro - estação de superfície - inclusão do abrigo

Imagem 48: Capa do livro: Guide Psychogéographique de Paris, Guy Debord

Imagem 49: Taking the Street (1997): Santiago Cirugeda | obtido em [spatialagency.net/database/santiago.cirugeda](http://spatialagency.net/database/santiago.cirugeda)

Imagem 50: Escadas de emergência - Biblioteca Municipal de Viana do Castelo (2000): Álvaro Siza Vieira (fotografia)

Imagem 51: Don't Miss A Sec (2004): Monic Bonvicini | obtido em [monicabonvicini.net/work/dont-miss-a-sec-2004/](http://monicabonvicini.net/work/dont-miss-a-sec-2004/)

Imagem 52: Mobiliário urbano, seleção de fotografias captadas ao longo da análise.

Imagem 53: Deriva de aproximação - Mapa de leitura da segunda parte do livro

#### REFERÊNCIAS CINEMATográfICAS:

Eames, C. R. (1977) Powers of Ten (Documentário): [youtube.com/watch?v=OfKBhvDjuy0&t=331s](https://www.youtube.com/watch?v=OfKBhvDjuy0&t=331s).

Singer, M. (2000) Dark Days (Documentário).

Moverman, O. (2014) Time Out of Mind (Filme).

Allen, W. (1997) Deconstructing Harry (Filme).

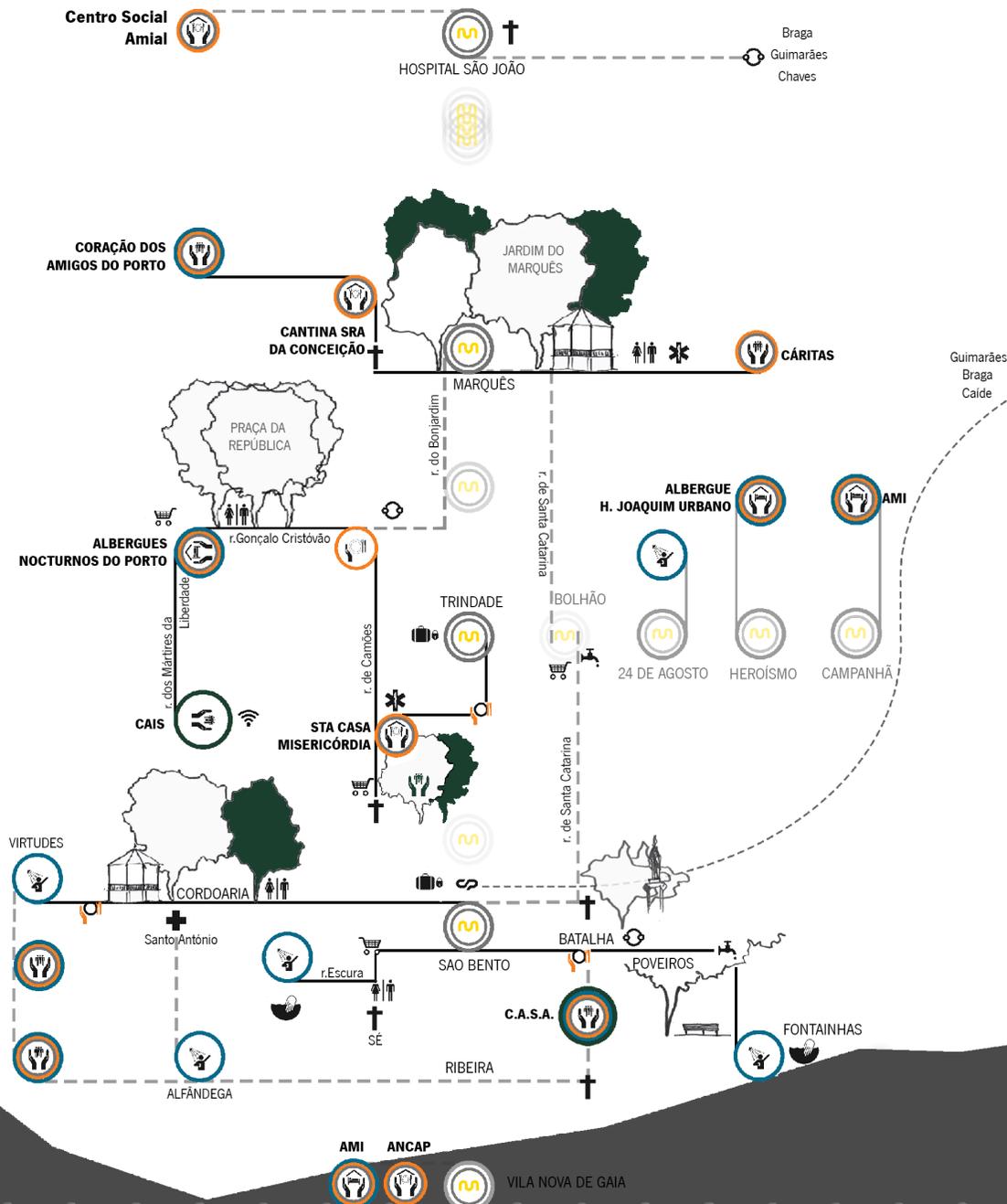
Bong, J. (2013) Snowpiercer (Filme).

Wheatley, B. (2015) High-Rise (Filme).

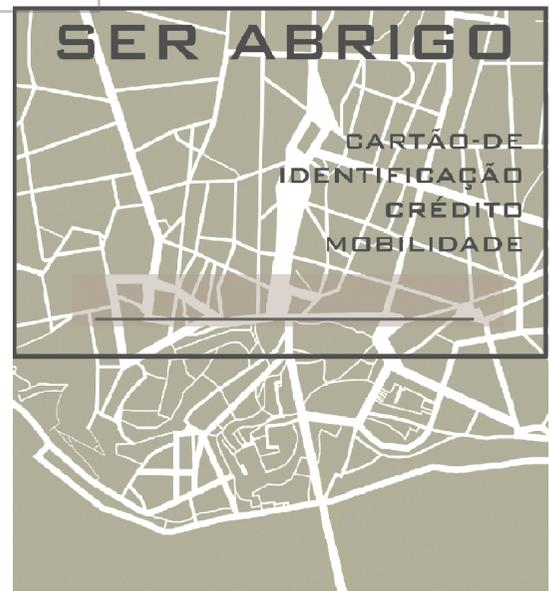
121.	[1.4] Guardar - secção vertical transversal, Sonhar - secção horizontal 10.4 (+1,5m)	<b>1:10</b>
122.	[1.5] Planta síntese (+1,5m)	<b>1:10</b>
123.	[1.5] Planta síntese (+1,5m)	<b>1:10</b>
124.	[1.0.4] Corte longitudinal perspectivado do interior do abrigo	<b>1:10</b>
125.	[1.0.4] Corte longitudinal perspectivado do interior do abrigo	<b>1:10</b>
126.	Braço	
127.	Mão - Cartão Ser Abrigo	
128.	João, sem-abrigo do Porto (praça da Trindade, 14 de outubro de 2016)	
129.	João, sem-abrigo do Porto (praça da Trindade, 14 de outubro de 2016)	
130.	Perspectiva para o futuro do viaduto Gonçalo Cristóvão. Fotomontagem [33]	<b>SEM ESCALA</b>
131.	Perspectiva para o futuro do viaduto Gonçalo Cristóvão. Fotomontagem [33]	<b>SEM ESCALA</b>
132.	Um par de sapatos pendurado numa árvore despida, ( Paris 18 de fevereiro de 2016)	
133.	Uma árvore despida ( Paris 18 de fevereiro de 2016)	

134. **Mapa SER ABRIGO**  
134. b) Mapa do Livro Final





CXXXIV



## LEGENDA



ESCALAS DE INCLUSÃO - NECESSIDADES HUMANAS  
ABRIGO NOTURNO | ALIMENTAÇÃO | HIGIENE | FORMAÇÃO



PERCURSOS



